

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI	RA 22680
GRAZIELA DA SILVA PALINI	RA 22507
JHESSICA MITILLA DA SILVA MEIRA	RA 24177

HILDA HILST. UM SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

NOVEMBRO/2018

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI
GRAZIELA DA SILVA PALINI
JHESSICA MITILLA DA SILVA MEIRA

HILDA HILST. UM SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de aprovação do curso de Bacharelado em Comunicação Social: Rádio, Televisão e Internet, ofertado pelo Centro Universitário Campo Limpo Paulista.

Orientador: Profº Especialista Rafael Mattoso Galdino.

Orientadora metodológica: Profª Coord. Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento.

Profª Especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento.

Orientador: Profº Especialista Rafael Mattoso Galdino.

AGRADECIMENTOS

Ana Helena de Moraes Cologni:

Para onde vão os trens, meu pai? Para Mahal, Tamí, para Camirí, espaços no mapa, e depois o pai ria: também para lugar algum meu filho, tu podes ir e ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti. (Tu não te moves de ti, 1980, Hilda Hilst)

Aos meus pais Aparecida de Cassia de Moraes e Nilson Roberto Cologni, por todo amor e apoio e por me proporcionarem a oportunidade de crescer sabendo a importância da leitura, do estudo e aprendizado. Ao meu namorado Matheus Bellio, por todo o suporte e incentivo incondicional nesses 4 anos. A todos os professores e mestres que passaram pela minha vida escolar e acadêmica, vocês plantaram a semente e me fizeram uma pessoa melhor. As minhas amigas Jhessica e Graziela, pelo companheirismo. Aos meus orientadores Professor Especialista Rafael Mattoso Galdino e Professora Especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento, este trabalho não seria possível sem o apoio e paciência de vocês. E por fim a UNIFACCAMP, proporcionando nesses 4 anos um ambiente extremamente acolhedor para o desenvolvimento dos seus alunos.

Graziela da Silva Palini:

Se te pareço noturna e imperfeita

Olha-me de novo. (Júbilo, memória, noviciado da paixão, 1974, Hilda Hilst)

Agradeço aos meus pais Adão Palini e Maria Laudelina Azevedo da Silva, por me ajudar, incentivar e acalmar em todas as etapas da minha vida. Por querer me proporcionar tudo o que num passado não tiveram a oportunidade de conhecer. Agradeço ao amor que cresce dentro de mim a cada dia lembrando do sorriso da minha filha Helena da Silva Palini Viana e do meu sobrinho Matheus Mozart Vieira de Almeida, e por acreditar que vocês vão ser o futuro, vocês são a minha esperança. Agradeço grandemente às minhas amigas Ana Helena e Jhessica por significarem e dar tanto valor à esses quatro anos de companheirismo e muito aprendizado, juntamente com todos os outros colegas que passaram pela minha

vida e deixaram uma lembrança incrível. Aos queridos professores que até aqui nos instruíram com paciência, zelo e amor só tenho à agradecer, em especial ao Professor Especialista Rafael Mattoso Galdino, que se mostrou um grande apoiador de pequenos sonhos, e a Professora Especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento que com sua garra e coragem incentiva os seus alunos a traçarem uma carreira bem estruturada. Agradeço à UNIFACCAMP por formar um corpo docente qualificado para o desenvolvimento de seus alunos e suas respectivas carreiras, sempre com esmero e qualidade.

Jhessica M. S. Meira:

Como se te perdesse nos trens, nas estações

Ou contornando um círculo de águas

Removente ave, assim te somo a mim

De redes e de anseios inundada.

(Amavisse, 1989, Hilda Hilst)

Quero dizer que sou grata primeiramente à vida, pois se permitires vivê-la (re)conhecerá muito de ti mesmo no outro, e foi assim que esse trabalho pode ser construído, a partir de um reconhecimento entre nós três, às minhas amigas Ana Helena e Graziela, à minha mãe Zelia da Silva Leite Meira, que sustenta minha existência bem como os meus sonhos, ao meu namorado Ricardo Braga pelo companheirismo diário, aos meus professores orientadores Rafael Mattoso Galdino e Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento, grandes mentes instrutoras por trás de todo o processo, e finalmente à UNIFACCAMP, berço de muitas descobertas sobre quem sou, e sobre quem pretendo ser.

RESUMO

Neste trabalho, abordaremos brevemente vida e obra da poeta brasileira Hilda Hilst, com base em biografias, artigos e material gráfico com o intuito de atrair novos leitores para sua extensa obra, que tem ganhado notoriedade nos últimos anos, após muito tempo desconhecida. O presente artigo em conjunto com o documentário produzido pelo grupo, apresenta o feminismo e o feminismo na literatura brasileira como uma introdução para a questão principal deste trabalho: mostrar como Hilda Hilst é considerada hoje um símbolo de resistência e um exemplo de mulher livre e empoderada, muito a frente de sua época, em que principalmente a literatura produzida por mulheres não era valorizada.

Palavras-chave: documentário, Hilda Hilst, feminismo, literatura brasileira, poesia

ABSTRACT

In this paper, we will briefly address the life and works of the Brazilian poet Hilda Hilst, based on biographies, articles and graphic material with aim of attracting new readers to her extensive work, which has gained notoriety in the last couple of years, after a long period of anonymity/obscurity. The present article, along with the documentary produced by the group, introduces feminism, in general and in Brazilian Literature, as a means to the main objective of this paper: to show how Hilda Hilst is considered nowadays as a symbol of resistance and an example of a free and empowered woman, much ahead of its time, in which literature produced by woman, much ahead of its time, in which literature produced by women was no valued enough.

Keywords: documentary, Hilda Hilst, feminism, Brazilian Literature, poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Hilda Hilst. Símbolo de Resistência	9
Público alvo	14
1.1 Apresentação da Produtora	15
1.2 Perfil dos Integrantes	16
2. Uma Passagem Sobre a História do Feminismo	21
2.1 Marcos Contemporâneos na História do Feminismo	23
3. Ícone Contemporâneo do Pensamento Filosófico Feminista	24
4. A Primeira Mulher a falar de Feminismo no Brasil.	26
5. As Primeiras Ondas do Feminismo no Brasil	28
5.1 O Feminismo na Ditadura Militar	31
5.2 Literatura Feminista no Brasil	32
6. Um Pouco Sobre as Obras de Hilda Hilst	36
6.1 Introdução à Vida de Hilda Hilst	36
6.2 A primeira fase poética	38
O Tombamento da Casa do Sol	59
Hilda Hilst é homenageada da 16ª Festa Literária de Paraty (Flip)	60
7. DOCUMENTÁRIO	62
FORMATOS E MODOS DE DOCUMENTÁRIO	65
8. DIREÇÃO DE ARTE	70
8.1 CONCEITO	70
8.2 REFERÊNCIAS	70
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
10. PRODUÇÃO EXECUTIVA	74
10.1 CRONOGRAMA	74
10.2 ATA DE REUNIÃO	76
10.3 ORDEM DO DIA	92
10.4 TABELA DE GASTOS	98
10.5 PROPOSTA TRANSMÍDIA	100
10.6 ROTEIRO	102
11. AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ	134

12. AUTORIZAÇÃO DE LOCAÇÃO

141

Referências Bibliográficas

142

INTRODUÇÃO

Hilda Hilst. Símbolo de Resistência

A menina Hilda nasceu no dia 21 de Abril de 1930, fruto de uma grande paixão, entre Bedecilda Vaz Cardoso, filha de imigrantes portugueses, e Apolônio de Almeida Prado Hilst, filho de Eduardo Hilst, imigrante originário da Alsácia-Lorena, e de Maria do Carmo Ferraz de Almeida Prado. O casamento de ambos nunca fora aprovado pela família de Apolônio, sendo Bedecilda uma mulher divorciada e com um filho, uma das poucas mulheres emancipadas da época, porém o casal decidiu viver juntos apesar da reprovação de todos.

Apolonio não queria ser pai, e ficara desgostoso com a notícia de que era uma menina, por pouco Hilda não fora reconhecida em registro, o relacionamento entre Apolônio e Bedecilda era bastante conturbado, e em 1932 eles se separam, ela então se mudou para Santos, litoral de São Paulo, com os dois filhos, Ruy fruto de seu primeiro casamento e Hilda. Ruy conta que a mãe sempre foi muito rígida com relação à educação dos filhos, preocupada em criar personalidades fortes e confiantes, quem sabe por ter enfrentado tantas coisas, quis passar sua determinação aos filhos, para que buscassem aquilo que queriam.

A mãe com certeza é parte fundamental para a auto confiança escancarada de Hilda em sua obra literária e nas escolhas que fez para sua vida, a postura de Bedecilda em relação ao casamento, à separação, em cuidar dos dois filhos sozinha, influenciou fortemente as atitudes de Hilda. Existem muitas histórias acerca do comportamento livre da mãe de Hilda, de que tivera muitos amantes, que inclusive custeavam o padrão de vida dela, tal qual inclusive, Hilda usufruiu na vida adulta, com viagens e frequentando locais de alto nível social.

Hilda cativou muitos rapazes durante o colégio, era dona de uma beleza loira e deslumbrante, no colégio inventava artinhamanhas para fugir dos assédios, frequentava lugares onde apenas a elite paulistana circulava, já ingressada no curso

de direito aos 18 anos, morava em uma pensão no Jardim Europa, já era bastante independente.

Hilda tinha uma vida social movimentada, saía todas as noites para bares, jantares, lançamentos de livros, e não era muito dedicada ao curso de direito, a verdade é que não se identificou com a carreira. Ao se lançar como escritora, foi abraçada por Lygia Fagundes Telles e muitos outros intelectuais da época, como Carlos Drummond de Andrade.

Conforme lançava seus livros a mídia se interessava mais, e Hilda sempre aparecia em colunas sociais, dava entrevistas, nas quais se demonstrava muito sarcástica e bem humorada, era noticiada como um mito, e alimentava essa atribuição. Sua vida amorosa era como sua vida social, badalada, tendo ela tamanha graciosidade e encanto, tanto em beleza quanto em inteligência.

Hilda declarou ter se interessado em Drummond porém ela disse que ele gostava muito da esposa, e isso impossibilitou um *Affair*, ela se envolveu com Vinicius de Moraes, em 1953, embora ele fosse casado, mantiveram um romance por algum tempo.

Hilda teve um relacionamento com o poeta e repórter João Ricardo Barros Penteado, que durou três anos e meio, ela declarou que este fora um de seus grandes amores, eles foram apresentados pelo editor Massao Ohno, grande amigo de Hilda, que publicou mais da metade de suas obras constantemente recusadas pelos editores. Hilda teve como amante o poderoso Carlos Eduardo Paes Barreto, presidente de uma companhia de petróleo em São Paulo na época, com quem rompeu para namorar o poeta e jornalista João Ricardo, Hilda se apaixonava frequentemente.

Em Paris se envolveu com o ator Dean Martin, e chegou a pedir sua ajuda para investir em Marlon Brando, que seria seu amor platônico pelo resto dos seus dias.

Certa vez ao experimentar roupas em uma das lojas caras da rua Augusta em São Paulo, Hilda avistou um belo rapaz passar na calçada e não hesitou, foi até ele e entregou o número do seu telefone, declarando seu interesse em reencontrá-lo, este se tratava de Dante Casarini, com quem Hilda se casaria mais tarde, mais por motivos práticos que amorosos, porém que seria grande companheiro na vida,

administrando a casa do sol em Campinas, lar de ambos durante e após o fim do casamento.

Hilda sempre teve outros preceitos de comportamento, não se apegava à um único amor, uma única paixão, seus sentimentos eram livres como ela, como seus versos, sempre estava se apaixonando, lhe inspirava aquele estado de euforia, a plenitude que a paixão proporciona. O ser humano é um ser sexuado, dotado de racionalidade e espiritualidade, sua vivência sexual era então a sua forma de buscar prazer, sua paixão independente, sem a necessidade de compromissos, o compromisso era consigo mesma, o de viver à sua maneira.

A liberdade sexual de Hilda fugia a qualquer padrão de moralidade imposto pela sociedade, tanto na escrita quanto na vida, Hilda tratou de sexo na velhice com *A Obscena Senhora D*, tratou de sexo da forma mais diferente possível, como em *O Caderno Rosa de Lory Lamby*, tratou de sexo como humana, como pessoa que sente, deseja, obsceno para ela era a política, as guerras, a fome, o erótico é uma nuvem sempre assolando as mentes humanas, mas pouco revelado, discutido, e assim como sentia necessidade de tratar de assunto cruciais, o sexo era assim para ela, e assim como a assimilação de sua literatura requer algum tempo, a percepção da sua grandeza também, ao permitir se meditar sobre sua obra e sua história, torna se palpável sua genialidade, criatividade e revolução.

Para Bedecilda era importante que sua filha fosse independente e pudesse se sustentar sozinha sem precisar de um homem, esse pode ter sido o motivo para que encorajaria Hilda a escolher o curso de direito quando fez 18 anos, em uma época em que eram poucas as mulheres que estudavam ou exerciam a profissão.

Porém, ainda como estudante de direito Hilda apostou todas as suas fichas na literatura, escolhendo ser poeta. No Brasil do século XX, Hilda e suas contemporâneas, intelectuais, escritoras e artistas começavam a ocupar um espaço que ainda era impensável às mulheres, e transformavam rebeldia em arte.

Quando Hilda decidiu abdicar de todos os privilégios que tinha como jovem na boêmia paulistana, festas, bares e amizades, para se dedicar totalmente à literatura

construiu a Casa do Sol. Segundo a autora feminista Virginia Woolf no ensaio *Um Teto todo Seu*, lançado em 1929, se uma mulher quisesse escrever ficção ela precisava ter independência financeira e um teto todo seu, no caso de Hilda, as circunstâncias em que ela nasceu e foi criada permitiram que ela tivesse esses dois fatores para poder criar livremente, além do fato de não ter filhos, o que não a salvou de todas as dificuldades que enfrentou durante a vida.

Segundo Carla Rodrigues, professora de Ética do Departamento de Filosofia da UFRJ, em um artigo para o blog do Instituto Moreira Salles, Hilda foi uma escritora extremamente solitária por dois motivos, o primeiro foi a recusa em fazer “poesia feminina”, e o segundo a recusa do mercado editorial da época que não acreditava que uma mulher poderia fazer literatura universal, Hilda quase não participava de grandes salões literários e eventos do tipo pois acreditava que tudo o que tinha a dizer já dissera em seus livros.

Essa dupla recusa – a da literatura feminina e a da concessão ao mercado editorial – fez dela uma escritora ainda mais solitária. Ela já era uma mulher que reivindicava a liberdade antes mesmo do que viria depois a ser chamado de feminismo. A mim toca em particular sua rebeldia em relação ao mercado editorial, exigindo visibilidade da escritora que se ressentia de não ser reconhecida apenas pela sua escrita. Mulheres escritoras eram atraentes justamente por serem mulheres, em geral tendo que responder àquelas perguntas tolas do tipo “como você faz para conciliar sua vida pessoal e profissional?”, para a qual Hilda soltaria um belo palavrão. (RODRIGUES, 2018)

Ainda segundo Carla Rodrigues, sua obra e de outras mulheres da época abriu espaço para toda uma nova leva de escritoras que vieram a seguir, como Clarice Lispector.

Hilda Hilst era uma mulher livre, assim como sua obra que permeou sobre diversos gêneros, escreveu sobre o que sentia e o que queria, quando se cansou da falta de reconhecimento decidiu que só escreveria “bandalheiras”, dessas bandalheiras nasceu sua obra conhecida como erótica. Heloneida Stuart, amiga de Hilda disse: *“Hilda, se você fosse um homem, escrevendo a prosa que você escreve, você seria conhecida no país inteiro”*. Na época, o lançamento da obra erótica de Hilda foi um

escândalo, não só por chocar os leitores e críticos mas também por ter sido escrita por uma mulher.

E hoje, diversas mulheres artistas, estudantes e professoras, enxergam em Hilda a força e o que hoje conhecemos como empoderamento. A frase de Virginia Woolf ilustra bem: “Por muito tempo, Anônimo foi uma mulher”, Hilda não aceitou ser anônima.

O reconhecimento deste anonimato sobre a vida lá fora pode ser um caminho para o feminismo. No caso de Hilda Hilst, o feminismo está presente em toda a sua obra, mas também em sua fala, na sua postura, nas entrevistas que deu e também no jeito que escolheu viver.” (RAMOS, 2016)

Público alvo

Nosso público alvo está entre estudantes de letras, poetas e escritores, sociólogos, antropólogos, feministas, documentaristas e criadores de conteúdo.

Por tratarmos de assuntos como a mulher na literatura, o feminismo, breves análises literárias, o papel da mulher na sociedade, e trazer a tona uma figura bastante repercutida hoje em dia.

1.1 Apresentação da Produtora

AMAVISSE PRODUÇÕES

A Amavisse Produções nasceu da amizade entre três estudantes de comunicação, que compartilham o apreço pela leitura e por cinema. Eis que surge a produtora pró conteúdo audiovisual feminista, que busca engrandecer principalmente o papel das mulheres com relação ao mercado audiovisual e cinematográfico brasileiro. O nome surgiu quando todas tomaram conhecimento sobre a obra da escritora brasileira Hilda Hilst e se encantaram pela trajetória da mesma, sobretudo sobre a obra com o mesmo nome, Amavisse, que reúne uma série de poemas publicados em 1989. A palavra Amavisse vem do latim e significa ter amado; infinitivo perfeito ativo do verbo **āmō, -āre, -āvi, -ātum**. Assim como acreditamos que todos somos passíveis de amar e sermos amados ao longo da vida, uns pelos outros, acreditamos no amor pelo ofício, pela arte, por qualquer que seja o motivo de dedicação que se tenha na vida para auto realizar se.



1.2 Perfil dos Integrantes



Ana Helena de Moraes Cologni: Estudante do oitavo semestre de Rádio, TV e Internet, é apaixonada por literatura e cinema, principalmente pelos gêneros de terror e fantasia, gosta de estudar adaptações literárias para o cinema. Trabalha atualmente na área de edição de imagens e áudio, participou da produção do curta-metragem Vícios como assistente de fotografia e montadora, participou do O

Jornaleiro, Jornal Laboratorial do UNIFACCAMP por seis semestres, atuando como cinegrafista e editando matérias jornalísticas, além de atuar como roteirista e editora no programa Sex Tape na versão para televisão e diretora na versão do programa para rádio.



Graziela da Silva Palini: Prestes a se formar em Rádio, Tv e Internet pelo Centro Universitário Campo Limpo Paulista, nas produções da faculdade suas atribuições foram geralmente produtora, cinegrafista e um projeto de atriz. Participou juntamente da produção do curta-metragem Vícios como assistente de áudio e produção, além de ser

produtora e/ou cinegrafista do talkshow Sex Tape com Raquel Freddo versão rádio e televisão. Acredita que a arte é o espelho da alma.



Jhessica Mitilla da Silva Meira: Estudante de comunicação social, cursando o sétimo semestre em Rádio, Tv e Internet, ávida por experiências ligadas à arte, música, cinema, televisão. Não trabalha na área atualmente, mas dentro da faculdade, nos trabalhos acadêmicos, exerceu funções como roteirista, assistente de direção, direção e cenógrafa. Ambiciona experimentar dentro da produção audiovisual a criação de

histórias impactantes, que emocionam, tanto quanto a vida real, a fim de mostrar que a vida não imita a arte, e sim que uma não caminha sem a outra.

1.3 Significado

Uma produtora formada por universitárias mulheres e a importância que implica em nossas vidas e carreiras.

A então personagem-poeta escolhida Hilda Hilst, falecida em 2004, que carregará em post mortem toda uma legião de perguntas retóricas sobre sua maneira de viver, sua obra e costumes, será brevemente apresentada e homenageada por sua resistência e fé. Assim que conhecemos sua obra reconhecemos em suas linhas, estrofes, textos, peças de teatro, um dos principais assuntos da geração, o feminismo. Hilda Hilst aborda o assunto de maneira única e expressiva aos olhos de quem quer ver, em uma época na qual viveu e infelizmente foi ignorada por um mercado editorial que não a aceitava, em vista à outros tantos escritores que fizeram sucesso no mesmo período de suas criações.

A Amavisse, como mencionado anteriormente é uma produtora formada por universitárias mulheres, tem como inspiração a persistência das mulheres por desejarem e serem merecedoras de reconhecimento como seres pensantes e importantes para a sociedade em si, um elo grandioso e profundo. A produtora reconhece a honra que é poder apresentar um assunto que pode contribuir para a formação intelectual e ética de cada cidadão, bem como ter a oportunidade de desenvolver e apresentar nosso desempenho diante de assuntos profissionais. Como Hilda Hilst um dia escreveu “Ama-me. Ainda é tempo. Interroga-me. E eu te direi que nosso tempo é agora.”, é tempo de se dar a chance a novos conhecimentos.

1.4 Proposta

Produziremos um documentário de 30 minutos que abordará brevemente a vida e obra da poeta Hilda Hilst, com o foco de apresentá-la para um público que ainda não a conhece e com o principal objetivo de despertar o interesse para a leitura de sua obra. Para isso, vamos utilizar três modos de documentário: poético, expositivo e performático. Uma vez que o poético apresenta a subjetividade e a preocupação com a estética, queremos assim passar sensações, sentimentos e vivência aos espectadores, ele tem o intuito de encantar de modo genuíno. Com o modo expositivo queremos contar uma história, por meio de imagens e principalmente por palavras, abordaremos a técnica de voz over para impactar os espectadores com trechos literários de Hilda Hilst, acreditamos que a voz estimulará o sentimento e mostrará a magnitude de sua obra. E principalmente o modo performático que vem para intensificar a emoção e a história, apresentando relatos e depoimentos de pessoas que conheciam Hilda e pesquisadores de sua vida e obra, visando que com um olhar biográfico fazer com que as pessoas conheçam um pouco de Hilda e principalmente leiam seus livros.

1.5 Justificativa

A contribuição que Hilda Hilst fez para a literatura brasileira apresentando-se em poesia, prosa, teatro e dramaturgia é significativamente forte e profunda em todas as suas “veias”. Hilda Hilst foi uma mulher que ansiava por ser lida, ser conhecida e admirada, morreu com sua carreira ainda incerta, porém deixa para todos uma bagagem sentimental e espiritual imensa.

No documentário aqui descrito, buscamos apresentar a mulher que aqui é homenageada de forma leve, levando em consideração seu objetivo de vida de ser lida por muitos, contribuir para que as pessoas leiam seus livros, trazendo pesquisadores e admiradores de sua obra e pessoas que conviveram com ela buscando principalmente mostrar a importância de Hilda Hilst para a literatura brasileira e mundial.

2. Uma Passagem Sobre a História do Feminismo

A história do feminismo é mais antiga do que se possa ter registro, fatos históricos a respeito do papel da mulher na sociedade são praticamente inexistentes, assim como o que a constitui, ausência é o que define seu lugar na história da sociedade, desconsiderada como mulher e cidadã.

O Progresso da mulher rumo à liberdade caminha lado a lado com o progresso social:

(...) o progresso social e as transformações periódicas ocorrem em virtude do progresso da mulher em direção à liberdade, isto é, a extensão dos direitos daquela constitui a base geral de todo progresso social. (FOURIER in SOARES, 1978, p. 10).

Mary Wollstonecraft foi a mulher que escreveu um dos maiores clássicos da literatura feminista em 1792- *A Vindication of the Rights of Woman* (A Reivindicação dos Direitos da Mulher) - Mary teve uma vida bastante singular no contexto da época em que viveu, nascida na segunda metade do século XVIII, onde a grande maioria das mulheres era considerada apenas ao âmbito familiar, com capacidade para afazeres do lar e a criação dos filhos, sendo assim, naturalmente inferiores aos homens, que tinham acesso ao estudo e meio social. Wollstonecraft atingiu grande êxito em sua obra iluminista, onde defendia a igualdade entre os sexos e reivindicava um novo lugar para as mulheres.

A missão da mulher sempre fora tomar conta da casa, do marido e de seus filhos, seus conhecimentos deveriam satisfazer apenas às necessidades dos mesmos, sendo assim, desde que nasciam, as mulheres eram ensinadas para se tornarem esposas obedientes e mães formadoras de caracteres, lhes cabia saber cozinhar, bordar, tocar piano, etc, nada a respeito de ocupação externa ao ambiente privado do lar.

Rousseau (GASPARI, 2003, p. 29) detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. Essa sociedade que lutava tanto por liberdade, passou a exigir que as mulheres fizessem parte dela, mas como mães, guardiãs dos costumes, e como seres dispostos a servir o homem.

A revolução Francesa (1789-1799) e a revolução industrial (1840-1890), propiciaram um novo tipo de configuração social, a sociedade moderna, essa dupla revolução foi o cenário para a entrada das mulheres ao mercado de trabalho, o que duplicou sua jornada de trabalho (doméstica e extra doméstica), além de ser considerada obra-de-mão barata, juntamente com as crianças nas grandes fábricas.

O movimento feminista no fim do século XIX buscava direitos democráticos, igualdade política e jurídica entre os sexos, exigindo além do direito ao voto, a educação, a profissionalização e a igualdade, tendo como auge o movimento das sufragistas, esse movimento toma forma na América pós-revolucionária.

Entre 1691 e 1780 mulheres americanas e proprietárias em Massachusetts podiam votar, nesta época as sufragistas trabalhavam em movimentos abolicionistas, posteriormente foi criado um movimento exclusivamente sufragista, onde se destacaram Lucretia Coffin Mott, Wendell Phillips entre outros. Este movimento americano culminou com a aprovação pelo Congresso Americano em 1919 da Emenda à Constituição que concedia o direito de voto independentemente da raça e de sexo. Essa conquista não foi muito significativa nos termos da convivência em sociedade, ela pode ser vista como um sintoma de um cenário histórico específico, mas o preconceito tanto por raça como por sexo ainda são questões contemporâneas.

2.1 Marcos Contemporâneos na História do Feminismo

Entre os anos 1960 a 1970 a revolução sexual aconteceu em diversos lugares do mundo ocidental, a liberdade sexual, o surgimento da pílula anticoncepcional e o direito ao aborto são marcos desse período do movimento feminista igualitarista, centrados na mulher-sujeito, inicia-se o questionamento em respeito a relação entre o homem e a mulher, a luta não é apenas democrática ou política, e sim de gênero.

As primeiras feministas tomaram princípios republicanos de igualdade e liberdade, sofrendo assim diferentes influências políticas, sendo mulheres de classe média alta, estimuladas pela revolução francesa, que aspiravam direitos relacionados à tribuna, mas questões relacionadas à vida privada já preocupavam essas pioneiras. As mulheres de classe baixa, trabalhadoras mais contemporâneas também assumiram grande papel na luta por seus direitos, contra a exploração e a opressão, as más condições de trabalho, a sujeição ao assédio e constrangimento.

A história por trás do dia 8 de março, conhecido como o Dia Internacional de Luta das Mulheres, marca um momento trágico para as mulheres trabalhadoras e grevistas, a data ganhou repercussão em 1911, após um incêndio em uma loja de camisetas em Nova York, quando mais de 130 trabalhadoras morreram carbonizadas, vítimas da falta de segurança no trabalho. A data se consagrou definitivamente com o 8 de Março de 1917 na Rússia, quando cerca de 90 mil trabalhadoras, manifestaram-se contra o Czar Nicolau II, contra as más condições de trabalho, contra a fome e a participação russa na 1ª Guerra Mundial, protesto conhecido como “Pão e Paz”.

3. Ícone Contemporâneo do Pensamento Filosófico Feminista

Simone Beauvoir

A cada época na história do feminismo ocorreram mudanças, na obra de Beauvoir, demonstra -se que suas reflexões eram voltadas às circunstâncias em que o indivíduo está inserido, o que é definido feminino ou masculino, está estigmatizado de acordo com a condição da sociedade em que cada pessoa está inserida.

Simone Lucie-Ernestine-Marie-Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris, em 1908, forma-se em filosofia, em 1929. Escritora e feminista, Simone Beauvoir fez parte de um grupo de filósofos-escritores associados ao existencialismo. Em 1949 publica “O Segundo Sexo”, livro considerado pioneiro manifesto do feminismo, no qual propõe novas bases para o relacionamento entre mulheres e homens.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980, p.99).

Assimila-se que o gênero e sua qualificação, em cada indivíduo, são caracterizados pela sociedade, independe de qualquer fator natural, biológico, bem como o papel que o mesmo assume em sociedade depende do contexto e da época em que o mesmo se encontra, a cada período as necessidades se alteram conforme as mudanças sociais.

Nesse sentido entende-se que o conceito social da mulher sempre dependeu da sua busca por transformação, pessoal e para o mundo, da visão sobre as condições a si impostas, desde seus deveres aos seus limites. A mulher é o principal agente da transformação da sua realidade.

Apesar de tentar estabelecer uma perspectiva linear para discorrer sobre fatos históricos no âmbito do feminismo, essas fases não são fixas, elas dependem do

momento das mudanças ocorridas em cada sociedade, elas pertencem a lutas distintas, sendo assim não a uma linha temporal contínua.

4. A Primeira Mulher a falar de Feminismo no Brasil.

Nísia Floresta Brasileira Augusta

Dionísia Gonçalves Pinto foi a primeira mulher a falar sobre feminismo no Brasil, nascida na cidade de Papari no Rio Grande do Norte, com 22 anos e com o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, lançou o livro “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens”, que foi considerado na época uma tradução livre do livro “Vindications of the Rights Of Woman” de Mary Wollstonecraft.

No livro, Nísia Floresta questiona o papel da mulher perante o homem, e coloca a criação dos filhos como uma função importante que é desvalorizada, mas foca em dizer que apesar das mulheres desempenharem o papel da criação dos filhos, isso não as impede de desempenhar outros papéis.

Eu não pretendo queixar-me de não recebermos recompensa: seja-me somente permitido dizer, que por sermos mais capazes que os homens em desempenhar esse cargo, não se segue que não possamos também desempenhar outro qualquer. (AUGUSTA, 1839, p. 84)

É importante citar que a primeira edição do livro foi lançada em 1832, portanto, Nísia questionava direitos básicos que eram negados a mulher pelos homens, como por exemplo, o direito à educação.

Nísia questiona o porquê dos homens não acharem a mulher apta às ciências e educação, Nísia foi letrada em um convento de carmelitas e posteriormente viria a atuar como educadora no colégio que inaugurou no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto.

Ela aponta a questão biológica, usada para inferiorizar a mulher, mostrando que não há diferença na capacidade intelectual entre homens e mulheres, apenas nas oportunidades que lhes são oferecidas e nas circunstâncias em que são criados.

No decorrer do livro, Nísia aborda outras funções em que as mulheres atuariam tão bem ou melhor que homens, como por exemplo uma carreira acadêmica, ensinando em escolas e universidades ou em cargos públicos, que no Brasil da época eram totalmente ocupados por homens.

Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência (AUGUSTA, 1839, p.94)

Podemos concluir que o livro “Direitos das mulheres e injustiças dos homens” foi de extrema importância para o início do movimento feminista no Brasil, nele Nísia fazia com que mulheres observassem que eram capazes de atuar em diversas funções, além das que já eram atribuídas a elas desde a infância, como a de cuidar da casa e dos filhos, mas essas funções eram negadas a elas por questões de gênero. Apesar de em alguns momentos afirmar que não gostaria de mudar a “ordem das coisas”, o livro trazia um olhar de questionamento sobre como a mulher era tratada pela sociedade patriarcal da época, sendo assim, fazia com que mulheres percebessem e questionassem sobre as opressões que sofriam.

5. As Primeiras Ondas do Feminismo no Brasil

Segundo Célia Regina Jardim, no livro “Uma história do feminismo no Brasil”, o movimento feminista no Brasil começou com três vertentes, a primeira delas é considerada “bem comportada” onde o foco principal era a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos, conhecido como Movimento Sufragista, a luta era pelo direito de votar e ser votada, o principal nome desta fase é Bertha Lutz.

Bertha Lutz foi bióloga formada pela Sorbonne, na França, e foi uma das primeiras mulheres a trabalhar como funcionária pública no Brasil. Bertha foi responsável direta pela criação de leis que asseguram a igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres, em 1919 criou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e em 1932 o Movimento Sufragista do qual Bertha era uma das líderes conseguiu o direito da mulher ao voto, com o Decreto nº 21.076. Em 1934 Bertha participou do comitê elaborador da Constituição, que garantiu a igualdade de direitos políticos para as mulheres.

Segundo Célia, em 1891 o direito do voto às mulheres foi discutido na Constituinte Republicana, mas a mulher sequer foi citada, nem como indivíduo capaz de votar nem como indivíduo incapaz.

(..) A não-exclusão da mulher no texto constitucional, não foi um mero esquecimento. A mulher não foi citada pois simplesmente não existia na cabeça dos constituintes como indivíduo dotado de direitos. (PINTO, 2003, p. 16)

A segunda vertente citada por Célia é conhecida como Feminismo Difuso, pois é considerado diferente do feminismo liderado por Bertha Lutz, essa fase é marcada pela mulher se manifestando na imprensa, em grandes jornais e principalmente na imprensa alternativa como pequenos jornais regionais.

Francisca Senhorinha da Motta Diniz é considerada a primeira mulher a escrever sobre as causas feministas na imprensa, fundadora do jornal “O sexo feminino”, além de tratar sobre o voto feminino que era a grande pauta da época, falava de casamento e educação, alertando as mulheres a conhecerem seus direitos, principalmente em relação ao casamento. Já abordavam também temas considerados extremamente polêmicos para a época, como sexualidade e divórcio.

A terceira vertente é o feminismo anarquista do início no século XX, este movimento punha-se contra as feministas sufragistas, pois afirmavam que o movimento sufragista não era abrangente à muitas mulheres, era composto principalmente por mulheres trabalhadoras e intelectuais, no caso, as operárias da época se manifestavam e protestavam por mais tempo para estudos, seu principal nome foi Maria Lacerda de Moura.

Maria Lacerda, foi conhecida por ser crítica até mesmo dos movimentos do qual participava, tanto o movimento feminista como o anarquista. Fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher junto com Bertha Lutz, mas logo se afastou pois afirmava que o movimento e as pautas defendidas eram elitistas. Como anarquista, Maria era contra o estado e o capitalismo, por isso não apoiava a luta pelos direitos políticos.

As três vertentes aconteceram de forma simultânea no final do século XIX e início do século XX, de formas diferentes defendiam a emancipação da mulher e a luta contra a opressão.

Na década de 1950, a mulher já tinha direito ao voto e a educação, mas continuava sofrendo com a “tutela dos maridos”, prevista na Constituição, que obrigava as mulheres a pedirem permissão para seus maridos caso quisessem trabalhar fora de casa, viajar e que também dava aos homens o direito de “cuidar” das finanças de suas esposas.

Com a luta de duas advogadas, Romy Martins Medeiros da Fonseca e Orminia Ribeiro Bastos, 10 anos depois, em 1962, o Congresso Nacional acabou com a tutela.

Nos anos 60 a luta da mulher era voltada a libertação sexual, pelo direito do próprio corpo e pílula anticoncepcional, já haviam diversas vertentes no movimento, como o feminismo negro.

5.1 O Feminismo na Ditadura Militar

Desde o início da ditadura militar no Brasil, em 1964, foram proibidos qualquer forma de organização coletiva contra o governo militar, por esse motivo o movimento feminista resistia de forma ilegal na época, com movimentos estudantis e criando clubes de mães, associações e comunidades.

A maior parte das mulheres que se organizavam contra o regime eram jovens e estudantes universitárias, e enfrentavam dificuldades mesmo dentro do próprio movimento do qual participavam, onde dificilmente tinham lugar de fala e espaço para desempenhar funções de liderança.

Também existia a militância periférica, de mães e de mulheres que vinham de outras partes do Brasil à São Paulo que também se mobilizaram clandestinamente contra a ditadura, fazendo reuniões de bairro, por exemplo.

O feminismo militante no Brasil, que começou a aparecer nas ruas, dando visibilidade à questão da mulher, surge, naquele momento, sobretudo, como consequência da resistência das mulheres à ditadura, depois da derrota das que acreditaram na luta armada e com o sentido de elaborar política e pessoalmente essa derrota. (Sarti, 2004)

O ano de 1975 foi definido pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o Ano Internacional da Mulher, no Brasil com o regime militar, a ONU proporcionou diversas reuniões voltadas à mulher na política. Algumas dessas reuniões, mesmo com a intervenção da ONU precisaram de autorização do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) para acontecer.

A instauração do Ano Internacional da Mulher foi importante para a luta das mulheres em diversos âmbitos, e principalmente para a criação de novos coletivos de organização feminina.

5.2 Literatura Feminista no Brasil

Ano de 2018, a luta continua constante e crescente de maneiras distintas quando se pensa em feminismo. Hoje, embora muitas conquistas tenham vindo à tona, existe a necessidade de contornar esse problema cultural em nossa realidade.

Quem partilha desse pensamento é Márcia Tiburi, artista plástica, filósofa, e escritora brasileira nascida no estado do Rio Grande do Sul. Ela afirma:

O feminismo é precioso e precisa ser cuidado com muita atenção. Ele precisa ser bem tratado, ser bem produzido, porque ele também é uma potência teórica, no sentido de que pensando de um ponto de vista feminista pode-se ir cada vez mais longe", disse, em entrevista por telefone ao HuffPost Brasil. "E esse lugar cada vez mais longe não deve ser um lugar de violência e destruição da sociedade. Ao contrário, deve ser um lugar de revolução. (TIBURI, 2018)

A literatura de mulheres brasileiras nasce junto de Nísia Floresta Brasileira Augusta, em meados de 1832.

Uma outra escritora brasileira que retrata outra vertente do feminismo é Adélia Prado, que em seus poemas busca a autodefinição, a autodescoberta, seu próprio universo feminino, descobre-se mulher.

Valéria Andrade Souto-Maior, disserta em 1995 sobre a mulher, "a despeito da impressionante expansão registrada na área de estudos sobre Mulher e Literatura nos últimos dez anos no Brasil, evidencia o muito que ainda há por se fazer, já que a cada nova busca se descobre, além de novos nomes e obras do passado, inúmeros caminhos e pistas para futuras pesquisas." Complementa dizendo que "uma parcela considerável dos estudos arqueológicos realizados pela crítica feminista anglo-americana nos últimos vinte anos tem se empenhado também em concretizar a urgente e árdua tarefa de tornar visível e audível, o papel desempenhado pelas mulheres na história das artes além da literatura, contribuindo não só para recuperar uma parte das inúmeras vozes emudecidas pela historiografia oficial, mas também para mostrar que a organização social da produção artística tem excluído

sistematicamente através dos séculos a participação das mulheres.”
(SOUTO-MAIOR, 1995, p. 10)

Entre 1896 e 1897 foi criada a Academia Brasileira de Letras, essa inspirada, numa conceitual Academia Francesa. Com o tempo foi se adequando às necessidades e assim foram escolhidas quarenta cadeiras para serem reservadas aos grandes escritores, o primeiro presidente da ABL foi Machado de Assis, contava também com a presença de nomes como, Graça Aranha, Guimarães Passos, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac e outros.

A participação de uma mulher na Academia Brasileira de Letras foi aceita somente 57 anos mais tarde com Dinah Silveira de Queiroz, que recebe o prêmio Machado de Assis no ano de 1954. Júlia Lopes de Almeida, foi a primeira mulher a se candidatar para adentrar na ABL antes mesmo da inauguração da Academia, porém os fundadores da Academia se espelharam na Academia Francesa onde até então era proibida a associação de mulheres, então seu marido Filinto de Almeida, foi eleito membro, supostamente tomando o lugar que por direito pertencia à sua esposa.

Amélia Beviláqua posteriormente também tenta se candidatar e seu pedido é negado, e ainda seus interesses são excluídos de atas e reuniões, a Academia usa como escudo o Art.30 que dizia:

os membros efetivos da Academia serão eleitos dentre os brasileiros, nas condições do Art. 2.º dos Estatutos, que se apresentarem candidatos, mediante carta dirigida ao Presidente e entregue na Secretaria, que da mesma passará recebido

Não bastasse isso, uma segunda alteração no artigos reforçou a ideia de que:

os membros efetivos serão eleitos, nas condições do art. 2.º dos Estatutos, dentre os brasileiros, do sexo masculino, que tenham publicado, em qualquer gênero de literatura, obra de reconhecido mérito, ou, fora desses gêneros, livros de valor literário.

Assim, o espaço para a mulher ser reconhecida na época simplesmente não existia, até que como dito anteriormente que Dinah Silveira de Queiroz recebe o prêmio Machado de Assis por seu acervo literário e tenta também se candidatar para fazer parte da ABL e seu pedido é negado com o seguinte discurso:

Considerando que, como é notório, a ilustre escritora Dinah Silveira de Queiroz honrou a Academia com uma carta em que pede a sua inscrição como candidata. Assim procedeu na suposição de que o Regimento da Academia ainda era o mesmo que vigorava por ocasião de sua fundação, nos tempos de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, José Veríssimo, Carlos Laet, Rui Barbosa e de tantos outros.

Então novamente a misoginia entra em vigor diante das situações. Concretizando a candidatura de uma mulher na ABL, depois de mais duas alterações do Art. 30 que se referia à entrada de mulheres na Academia, Rachel de Queiroz por ter uma amizade assídua com os membros da mesma e ser excluída de certos momentos de suas vidas, muitos escritores que faziam parte a incentivaram e escreveram cartas ao presidente da academia fazendo solicitações sobre essa possível mudança. Ela consegue por fim no ano de 1977, oitenta anos depois da fundação da instituição, ter o direito a sua Cadeira.

O Brasil conta com o Prêmio literário Jabuti, que foi se moldando conforme sua evolução literária em conjunto com seus escritores. Uma pesquisa foi levantada utilizando os resultados da categoria Romance, entre os anos de 1990 e 2004, contando com um total de 25 premiações nesse período. Apenas 16% do prêmio foram para mulheres.

No prêmio literário de São Paulo, que teve sua estréia em 2008 até o de 2014 não teve nenhuma mulher premiada com o prêmio melhor livro do ano. No entanto na categoria estreante, três mulheres foram premiadas: Tatiana Salem Levy, 2008, Suzana Montoro, em 2012, e Paula Fábrio, em 2013.

A partir do ano de 1975 são criados jornais que se intitulam porta-voz do movimento feminista, em geral eles continham “denúncias de violência, da discriminação contra a mulher negra, à política do corpo, à amamentação, ao trabalho feminino e à vida

das operárias e da periferia das grandes cidades, e também a produção cultural de escritoras e artistas e os endereços de grupos feministas de todo o país.” (DUARTE, 2003)

A empresa brasileira HP e uma agência de publicidade está com um projeto que estimula a representatividade na literatura feminina. Aponta trabalhos feitos por Currer, Ellis e Acton Bell que são pseudônimos de Emily e Charlotte Brontë e Mary Ann Evans que se eterniza como pseudônimos de George Eliot. O uso de pseudônimos masculinos ainda é usado na atualidade, como exemplo de J.K. Rowling, autora da saga Harry Potter que movimenta US\$ 7 bilhões para os estúdios Warner Bros. Com isso conclui-se que a literatura feita por mulheres está gerando interesse público e garantindo espaço que antes não existia.

A literatura feminista brasileira ainda está sendo estudada, grandes nomes como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, muitas outras estão envolvidas nesse movimento.

“Como qualquer arte, a Literatura não tem o poder de modificar a realidade, mas é capaz de registrá-la e de fazer com que os leitores/ouvintes reavaliem a própria vida e seus comportamentos. Isso significa que a Literatura, ao mesmo tempo que provoca a reflexão, responde a algumas de nossas inquietações por meio de construções simbólicas.” Assim afirma Luciana Kuchenbecker Araújo.

6. Um Pouco Sobre as Obras de Hilda Hilst

6.1 Introdução à Vida de Hilda Hilst

Hilda Hilst nasceu em 21 de abril de 1930, na cidade de Jaú, interior de São Paulo, onde viveu com seus pais Apolônio de Almeida Prado Hilst, Bedecilda Vaz Cardoso e seu irmão Ruy, fruto do primeiro casamento de Bedecilda que era uma das poucas mulheres divorciadas da época.

Apolônio tinha um grande interesse por cultura, principalmente o movimento modernista, ele chegou a publicar poemas e artigos sobre poesia e futurismo no jornal “Commercio de Jahu”.

Dois anos após o nascimento de Hilda, seus pais se separaram e Hilda mudou-se para Santos-SP com sua mãe e o irmão Ruy, em 1935 Apolônio foi diagnosticado com esquizofrenia, fato que marcou Hilda durante toda sua vida e também sua obra, apesar de não ter convivido por muito tempo com o pai, Hilda manteve uma grande admiração por ele.

A maior parte dos escritos de Apolônio perdeu-se com o tempo, e o que restou ficou guardado nos arquivos da família. Mas Hilda guardaria para sempre o que lera do pai, como uma de suas maiores influências - um fator definitivo, mais tarde, em sua escolha por tornar-se escritora. (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018, p.25)

Aos 7 anos, em 1937, Hilda foi para São Paulo estudar no Colégio Interno Santa Marcelina, lá conviveu com uma rotina católica, desde criança mantinha seus questionamentos relacionados a Deus que foram presentes em sua obra até o fim, e até quis se tornar freira, apesar das irmãs do Colégio dizerem que ela não tinha a vocação. Em 1945, aos 15 anos, inicia seus estudos no Instituto Presbiteriano Mackenzie.

“Hilda sofria com o internato e a distância de sua mãe. Por se sentir sozinha, um de seus locais preferidos no Santa Marcelina era a capela. Desde criança, perguntava-se muito a respeito da morte - o que se tornaria um tema fundamental em sua literatura” (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018, p.30)

Aos 16 anos Hilda viu seu pai pela última vez. Por um convite dele, foi a fazenda em Jaú e lá passou três dias. Apolônio provavelmente a confundiu com Bedecilda e pediu a Hilda por três noites de amor, este momento ficou marcado em sua memória, lhe aterrorizando por toda a vida. Em Kadosh, livro lançado em 1973 primeiro com o nome de Qadós, Hilda recria o episódio na voz da personagem Agda.

Aos 18 anos, em 1948, começa o curso de Direito na Universidade de São Paulo no Largo São Francisco.

Nessa época, levava uma vida boêmia e socialmente agitada, saía todas as noites indo para bares, livrarias, lançamentos de livros e encontros com intelectuais da época, na faculdade Hilda foi uma aluna mediana, pegando algumas dependências e nunca chegou a exercer a profissão.

Quando Hilda estava no segundo ano de direito começou efetivamente a publicar seus primeiros poemas. Sua estreia na literatura foi com Presságio em 1950, mas há poemas, alguns sem nome datados de 1949, encontrados no acervo de Hilda no CEDAE - Centro de Documentação Alexandre Eulálio, que nunca haviam sido publicados.

Também em 1950 Hilda conhece Lygia Fagundes Telles, sua grande amiga, em um evento da Faculdade de Direito em que Lygia, ex-aluna da faculdade, era homenageada por conta do lançamento de seu livro O Cacto Vermelho. Hilda havia sido escolhida para parabenizar a escritora em nome dos alunos e se apresentou como poeta, não poetisa, dessa forma dando início a uma grande amizade.

A atitude renderia diversos textos elogiosos de Lygia, publicados em jornais, a respeito do trabalho da jovem poeta. (...) Após o lançamento do primeiro livro de Hilda, Presságio, escreveria no Correio da Manhã: 'Essa estreia de Hilda Hilst, jovem universitária paulista, reveste-se de marcada importância no cenário da nova poesia brasileira. Repito o nome: Hilda Hilst. Será uma grande poetisa. (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018, p.45)

6.2 A primeira fase poética

Presságio, primeira obra de Hilda Hilst lançada quando tinha 20 anos, em 1950 pela Revista Tribunais em São Paulo, marca sua estreia na literatura.

Em Presságio, é possível identificar os temas que moveram a literatura hilstiana até o fim: o amor, a morte e a relação do homem com o divino.

Fortes características são o questionamento e a inconformidade, segundo Nelly Novaes Coelho no artigo “A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a metamorfose de nossa época”, existem duas questões muito marcantes na poesia de Hilda, a primeira de caráter humano: à busca da mulher por um lugar no mundo e outra de caráter filosófico, que trata da relação do homem com o divino.

Ambas radicam em interrogações vitais para o ser humano: sobre o resgate definitivo de sua condição terrestre/mortal, e sobre a urgente recuperação do espaço feminino (geratriz, mãe, amante, esposa, estímulo à luta, refúgio, permanência), hoje em plena metamorfose e desequilíbrio. (NOVAES COELHO, Nelly, 2004)

Nesta primeira fase poética, os críticos da época trataram Presságio como “poesia feminina”, e Hilda foi categórica em uma entrevista cedida ao Jornal das Letras em 1952: *“A poesia feminina existe, mas nem sempre é de autoria masculina... A ideia que tenho quando digo poesia feminina é de pieguice, porque as mulheres quase sempre são derramadas e de uma suavidade irritante quando escrevem poemas. Já a poesia de Cecília Meireles, por exemplo, não pode ser chamada de feminina, porque ela é forte e potente. Cecília nunca poderá ser chamada poetisa, mas sim poeta. No meu primeiro livro talvez eu tenha exagerado a minha meiguice... mas não digo como Reinaldo Bairão: ‘os melhores momentos poéticos de Hilda Hilst são aqueles em que ela mais foge de sua acabrunhante feminilidade’.*

É possível dizer que Hilda “transforma” sua poesia de forma que fuja da feminilidade para atingir mais público e ser lida, algo que sempre esteve presente nas entrevistas da autora “a vontade de ser lida por muitos”. Apesar deste distanciamento, desde

Presságios, Hilda mantém a estética e a essência de sua poesia, que anos mais tarde se mantém em sua prosa.

Uma das principais vozes femininas da literatura brasileira recente, Hilda Hilst elabora um contraditório retrato da mulher em sua obra. Orgulhoso de seu canto, o eu lírico dos poemas é sempre feminino; na prosa, as narradoras atingem o mais alto grau de lucidez. São impiedosos, no entanto, os ataques às inclinações femininas (...) a ferocidade do ataque dirigido às figuras femininas constitui uma estratégia para ganhar a atenção dos interlocutores a quem mais caberia aceitar o convite para a vastidão da poesia. (DESTRI, Luisa, 2014)

Ainda estudante de direito, Hilda Hilst publica seu segundo volume de poesia, em 1951, Balada de Alzira, em que ela aborda o amor, a tristeza e questionamentos sobre as relações humanas. Livro dedicado a seu pai.

“A morte surgiu
intocável e pura
Depois seu corpo se alongou
inteiro sobre as águas.
Dos teus dedos compridos
estouraram flores
e ficaram árvores
ao sol.
Escorreguei meus braços
no teu peito sem queixa
e cobri meu corpo
com teu corpo de espuma.”

(Hilda Hilst, Balada de Alzira, 1951)

Hilda sempre teve uma relação complicada com a crítica, e o início de sua carreira literária não foi diferente, em sua poesia desde Presságio, tratou de assuntos que na época eram extremamente difíceis para uma mulher trazer à tona, fato que causou estranhamento pelos críticos.

Edson Costa Duarte analisa críticas da época como sendo “textos polidos”, onde apontavam a obra de Hilda como imatura e ainda em construção, porém, de forma positiva.

(...) marcas de uma mansidão da poesia reveladora de uma linguagem que não tem corpo estruturado ainda, fazendo-se dentro de uma intenção de ser compreendida, ser popular, ser lida por muitos (COSTA DUARTE, Edson, 2013)

Nesta época Hilda adquiriu sua fama de “contraditória” pela imprensa, em 1954 afirmou: “*as mulheres em geral são chatíssimas*” e que na literatura “*a gente escolhe a dedo uma e outra*”, o que reafirma que ela tentava se afastar ao máximo do estereótipo feminino na literatura, para que atraísse mais leitores para sua obra, é importante citar que muito do que Hilda afirma em entrevistas tinha certo grau de ironia e provocação, justamente para “pôr o dedo na ferida” e apontar coisas das quais não concordava, e na maioria das vezes, os entrevistadores não sabiam interpretá-la, dando a ela a fama de “louca” e “contraditória”.

Aos 25 anos fechando a primeira fase de sua produção poética, em 1955, Hilda pública Balada do Festival, onde fala sobre seu próprio corpo, seus amores e sobre sua morte. Não há dúvidas, sua poesia havia amadurecido sem perder a essência, em Balada do Festival há um poema dedicado a Vinicius de Moraes, com quem teve um relacionamento amoroso.

“Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais homens
infinitamente mais homens que mulheres.
(Porque fui mais amante que amiga)
Sem dúvida dirão coisas que não fui.
Ou então com grande generosidade:
Não era mau poeta a pequena Hilda.”
(Hilda Hilst, Balada do Festival, 1955)

Em 1967, a obra poética de Hilda foi reunida em uma coletânea intitulada “Poesia (1959/1967)”, porém seus três primeiros livros: Presságio, Balada de Alzira e Balada do Festival foram deixados de fora, e só vem a ser relançados em 2003, em Baladas, publicado pela Editora Globo.

Em 1959 Hilda publica Roteiro do Silêncio. Novaes Coelho (2004) apresenta uma reflexão interessante entorno do lançamento do livro: Nos anos 50 o silêncio ou a “falta do que dizer” era algo que acometia todos os poetas.

Pode-se dizer que o silêncio era a presença mais forte que se impunha aos poetas, nos anos 50 (período da Guerra Fria, quando parecia que já não havia mais nada a dizer ou que nada mais importava). O que não significa que se calaram. Na verdade, de mil modos, falaram sobre o não falar ou sobre a inutilidade da fala. (NOVAES COELHO, Nelly, 2004)

Em roteiro do Silêncio é a primeira vez que Hilda publica sonetos, e nele se mostra mais madura, superando seu período boêmio dos vinte anos. Segundo Rubens da Cunha (2014), Hilda cria seu Roteiro do Silêncio em versos mais sóbrios e melancólicos. É uma obra que marca uma mudança interna muito grande na própria Hilda e no que viria a seguir em suas obras.

Hilda Hilst pensava seu roteiro de silêncio como um espaço possível de alheamento e de encontro das verdades derruídas e do próprio conceito de homem despedaçado, tanto filosófica e poeticamente, quanto fisicamente, dado as atrocidades recentes vistas na II Grande Guerra. (CUNHA, Rubens, 2014)

Essa mudança fica marcada no início de Cinco Elegias presente em Roteiro do Silêncio, “É tempo de parar as confidências”, no sentido de alterar o caminho que estava traçando em suas primeiras obras, além do “Eu Lírico” não se importar tanto com o outro e olhar para si próprio, se “autoconhecer”. Hilda também aborda a perda e o amor não correspondido.

O tempo de parar as confidências também é o tempo de mergulhar em si mesmo, na consciência estética que lhe guia e que confere os tons de sua poesia. (...) Não obstante, o tempo de parar com as confidências pode ser entendido também como tempo de deixar de lado um ‘tu’ – objeto de desejo e

articulador de abandonos – para o mergulho num outro que é o 'eu'. (Milena e Kelciane)

A necessidade de mudança também fica clara no trecho “Não te espantes da vontade/Do poeta/Em transmutar-se:/Quero e queria ser boi/Ser flor/Ser paisagem./Sentir a brisa da tarde/Olhar os céus, ver as tardes (...)”

No início de Sonetos que não são, Hilda cita o poeta e ensaísta Péricles Eugênio da Silva Ramos: “Aflição de ser terra em meio às águas”, traçando sua agonia em não pertencer, não ser e o medo do amor não correspondido.

“Aflição de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel.
E a um só tempo múltipla e imóvel
Não saber se se ausenta ou se te espera.
Aflição de te amar... se te comove.
E sendo água, amor, querer ser terra.”
(Hilda Hilst, Roteiro do Silêncio, 1959)

Desta forma Hilda encerra sua primeira fase poética, deixando sua primeira marca na literatura brasileira, e traça o início de uma carreira brilhante, porém pouco valorizada.

Por consequência de sua característica literária Hilda Hilst fora classificada e definida de diversas maneiras por seus amigos e simpatizantes. Como Lygia Fagundes Telles comenta:

Hilda Hilst é uma temperamental, ouvi alguém dizer. Mas o que significa isso? - perguntaria um moço da geração atual. Vamos lá, eis aí uma palavra que saiu da moda as que me parece insubstituível: uma temperança estaria a qualidade que equilibra e modera os apetites e as paixões nessa linha, o temperamental não pode ser um refreado. Um comedido. Consegue se manter até certo ponto mas de repente (os impulsos) abre comportas e solta cachorros. Mas pode ser moderado alguém com uma obra tão flamante? (TELLES, Lygia Fagundes, 1999)

A escritora Hilda Hilst em 1961 lança mais um de seus livros de poesia Ode Fragmentária, este que explora a interpretação fácil da poesia, a divindade, e sua

obra facilmente é associada às de Cecília Meireles, Clarice Lispector, Ana Cristina César, dentre outras. Ela questiona a posição da poesia lírica, se é de fato ficcional ou uma confissão, ou até mesmo testemunho de suas palavras.

Se há muito o que inventar por estes lados/ O que
sei com certeza são meus fados/ Exigindo verdades
e punindo/ Os líricos enganos da beleza.

Em Ode Fragmentária ela questiona qual o papel do poeta e da poesia, e seu amor, na época de vanguarda.

O Prêmio Pen Clube São Paulo, que se destina-se a juntar escritores, estimulando a literatura, e os bens da cultura transpassando liberdade e paz, no ano de 1962 é de Hilda Hilst, sendo conquistado através de Sete cantos do poeta para o anjo, “Esse livro é uma declaração da constante reflexão da poeta sobre seu ofício, caracterizado como um gesto sublime e sacrificial.” defendem Enivalda Nunes Freitas e Souza e Karyne Pimenta de Moura Costa.

E por que me escolheste? / Em direções menores
me plasmei. / Entre uma pausa e outra fui cantando /
Umas reminiscências, uns afetos / E carregava
atônita meu gesto / Porque dizia coisas que nem sei.

Adentro do assunto, desde 1992 o Pen Clube Internacional desenvolve um comitê específico para mulheres, cujo objetivo é promover certas questões enfrentadas por elas. Seja no âmbito familiar-literário como acesso aos recursos e combate a toda a restrição ao direito de escrever e de expressão das mulheres como autoras e cidadãs.

De 1963 a 1966 Hilda Hilst passa por grandes mudanças em sua vida e carreira, como mudar-se para Campinas, propriedade de sua mãe, se instala primeiramente na Fazenda José e decide então isolar-se para ter conhecimento nato do ser humano, focar na literatura, logo após ler a obra Carta a El Greco, do escritor grego Nikos Kazantzaki.

Quando eu estava com 33 anos, um querido amigo que morreu, me deu um livro do Kazantzakis: *Cartas a El Greco*. Eu o li e fiquei deslumbrada. Era um homem que ficava lutando a vida toda até terminar de uma maneira maravilhosa, escrevendo um poema de trinta e três mil versos, *A Nova Odisséia*, onde lutava com a carne e com o espírito o tempo todo. Ele desejava, ao mesmo tempo esse trânsito daqui pra lá. Era o que eu queria: o trânsito com o divino. E também o trânsito com o homem e todas as maravilhas da vida, o gozo físico, a beleza física do outro. Era um consumismo meu, absolutamente terrível, porque ofendia muito as pessoas. Eu me impressionei tanto com a caminhada desse homem admirável que resolvi ir morar num sítio (...) durante certo tempo bem longo, em que eu pudesse trabalhar, escrever. Foi justamente nesse lugar, nesse sítio que eu, longe de todas as invasões e das minhas próprias vontades e da minha gula pela vida, pude escrever o que escrevi. (COELHO, 1989, p.126)

Muda-se então para a Casa do Sol, sua casa, que abriga diversos escritores, artistas, seduzidos pelo apelo cultural que se encontra ali. Começa a viver com Dante Casarini. A residência artística, guarda todo o acervo cultural de Hilda, escritora hoje estudada e admirada por muitos. Em 2011 a casa foi tombada pelo Condepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas como patrimônio artístico por ter sido cenário histórico cultural de diversos artistas.

Em 1967 inicia uma série de peças teatrais, escritas até 1969. A série composta por *A Empresa*, *O Visitante*, *O Rato no Muro*, *O Auto da Barca de Camiri*, *Aves da Noite*, *O Novo Sistema*, *O Verdugo* e *A Morte do Patriarca* vão aprofundando a literatura de HH, ela se revela como uma escritora que desafia seus gêneros literários, passando por poesia lírica, a dramaturgia e a prosa narrativa. Seus textos trazem temas como o relacionamento entre homem e máquina, o ambiente religioso, a luta de uma mulher pelo direito de outras oito, essa talvez um alter ego de Hilda Hilst, logo em seguida é característica a escrita de Hilda, surge a exposição os opostos, a jovem a velha, a verdade e a mentira, a prosa e a poesia.

A Escola de Arte Dramática adota cinco de suas peças para serem encenadas no Teatro Anchieta, para exame dos alunos. Entre elas está *Auto da barca de Camiri*, que representa a morte de Ernesto "Che" Guevara.

Casa-se com Dante Casarini por imposição de sua mãe, que fora internada no mesmo sanatório que seu pai, Apolônio Hilst. Não teve filhos por medo deles sofrerem de doenças psicóticas.

Um dia, conversando com o médico do meu pai, eu disse a ele que queria saber tudo sobre crianças, esquizofrenia e paranóia. Então, o médico me falou, que essas doenças em geral atingem uma geração, pulam a seguinte e vem na outra. Ou seja, teria poucas chances de ficar louca, mas seus eventuais filhos corriam seriamente este risco. (Hilda Hilst, 1999)

O verdugo, fora premiado em 1969, pelo Prêmio Anchieta, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, um dos mais importantes prêmios literários do país na época. Foi o único publicado em livro, no ano seguinte.

Em 1970, Hilda Hilst começa a se dedicar a gravação de vozes, que alegava ser de pessoas queridas mortas, baseava-se nos estudos do cientista suíço Friedrich Jurgenson, que explorava o “ruído branco”, chiado eletromagnético emitido no espaço entre duas estações de rádio. Hilst acreditava dividir a Casa do Sol, em uma dessas gravações ela afirma ser a voz de sua finada mãe.

Isto faz muitos anos. Esta casa é deslumbrante demais. Aqui já aconteceram muitas coisas. Mas aí vai depender da pessoas acreditar ou não em mim. Aqui já desceu um disco voador, já contei isso numa entrevista. Outra vez eu estava sentada, lendo um livro [...], e de repente vi um homem entrar aqui, um homem lindo, [...] Mal acabei de levantar, ele sumiu. Depois disso vi outras pessoas andando por aqui. Às vezes e pensava que era Dante. Ia ver, não era. Eu ficava conversando com elas. Uma vez, o Dante perguntou: "Hilda, com quem vocês está conversando?". Eu via pessoas que não existiam. (Hilda Hilst, 1999)

Essas gravações e estudos foram alvo da cineasta Gabriela Greeb em transformar esse conteúdo em um documentário acerca do assunto explorando gravações reais e ficcionais para ilustrar as crenças da escritora, chamado Hilda Hilst pede contato. “O filme se localiza neste espaço, talvez. O imaginário, a literatura.”

A escritora então começa a radicalizar sua linguagem e com Fluxo-floema traz a prosa.

A maturidade literária vem em 1973 com a prosa ficcional Qadós, que por pedido da autora anos depois muda sua escrita para Kadosh. Carrega o misticismo, e a crença, quer ilustrar-representar Deus, seus textos perdem a pureza, a palavra poética.

"[...] e vamos os dois rasgando os fragilíssimos que encontrarmos, esses montados sobre duas pernas, esses que acreditam que tu, Corpo Rajado, és um sopro do alto, que és brisa, que passeias no teu verdolengo paraíso [...] os homens são muitos mas a carne de todos não nos basta, nada que nos estufe a barriga, é preciso devorar milhares para que um dia percebas, GRANDE CORPO RAJADO, que a tua garra apenas dois milímetros mais navalha, que a tua língua uma quase nada mais crua e mais sedenta, escuma no teu de dentro agarrada, que... olhas em torno e o teu rosto não reflete assombro, apenas BUSCA, PROCURA, mais um, milhares, milhares desses fragilíssimos sobre duas pernas montados [...]"

Em 1974, a época da literatura marginal brasileira se inicia e Hilda Hilst publica o novo conjunto de poemas, no livro Júbilo, memória, noviciado da paixão. A geração pretende revolucionar a poesia e abrindo mercados alternativos e menos intelectuais, porém Hilda mantém sua visão poética, a entrega amorosa, a devoção mística, o anseio pelo encontro, o temor da morte voltam a aparecer em sua obra.

Mais um prêmio é contemplado a Hilda, em 1977 a escritora recebe o Prêmio da Associação Paulista de Críticas de Arte, sua definição: "a abca busca promover a aproximação e o intercâmbio entre os profissionais que atuam na área da crítica de arte e incentivar a pesquisa e a reflexão no domínio das disciplinas significativas para a arte, contribuindo para a produção artística e da teoria da arte, incentivando, desta forma, não só a esfera das artes visuais, mas também a educação e a cultura. A associação se interessa, portanto, em colaborar com todas as entidades que objetivam fins essencialmente culturais. Outro objetivo é assegurar a prática da crítica com fundamentos metodológicos e éticos, defendendo os direitos profissionais dos críticos de arte. Por fim, a terceira meta da associação está em

proporcionar a ligação permanente entre seus membros associados, favorecendo a realização de debates, encontros regionais, nacionais e internacionais, divulgando seus resultados.”; como melhor livro do ano com o título Ficções.

Essa obra é alimentada com a dramaticidade do cotidiano, as crenças novamente, a cultura científica, teológica, e literária se interagem com o pensamento e expectativas populares.

Ela continua a escrever poesia e prosa e começa a ter sua obra reconhecida. Pequenos textos são traduzidos para o francês e inglês. É notável que o que sempre quis, embora sempre negado, a visibilidade começa então a se fixar.

Sua literatura sempre foi cercada de Deus e morte, no livro Da morte. Odes mínimas, trás novamente essa linguagem, e inclui a ousadia lírica. Torna-se mais direto, violento. Questiona:

A poeta se pergunta como virá a morte, se do alto ou do fundo, se como criança ou como rei. Criam-se laços de intimidade, uma certa familiaridade entre o sujeito e a morte, ainda que esta permaneça sendo aquilo que não se conhece, aquilo que, justamente por ser ausência e vazio, movimenta a busca e o canto: Por que me fiz poeta? / Porque tu, morte, minha irmã, / No instante, no centro / de tudo o que vejo. (AMORIM, Bernardo Nascimento de, 2004)

No ano 1980 também fora publicado o livro Tu não te moves de ti, título de ficção que aborda a razão, a fantasia e a proporção de indivíduos singulares. Os personagens movem-se por seus impulsos, desejos e buscas pessoais.

Hilda Hilst é premiada mais um vez pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) pelo conjunto de sua obra.

Em 1982 a peça As Aves da Noite (1968) é apresentada no Teatro Senac, no Rio de Janeiro, Hilda pública A Obscena Senhora D pela editora de Massao Ohno.

Como a Senhora D, sem Deus, no fim do milênio, entre miséria, loucura e lixo atômico, para nós mesmos a vida pode ter sido ou - mais terrível - estar sendo somente "uma angústia escura, um nojo negro". Contra isso, Hilda grita. Como a Senhora D, a obscena, a sapa, a porca, nos vemos ao final

também assim, perplexos, nus: "um susto que adquiriu compreensão". Mas sempre se pode gostar de porcos. Gostar de gente, também. Por amar a condição humana, Hilda escreve. Um olho no divino, um outro em Astaroth. Ninguém sairá ileso. Como não se sai, afinal, da própria vida".(Caio Fernando Abreu, São Paulo, julho de 1982)

A amizade entre Caio Fernando de Abreu e Hilda Hilst é conhecida a público, Caio participou de experiências na Casa do Sol, a casa de Hilda em Campinas interior de São Paulo por quase quarenta anos, templo de criação no qual Hilda recebeu diversos outros amigos artistas, Caio é considerado um dos pupilos de Hilda, um dos muitos jovens que buscavam por inspiração e estímulos literários.

Correspondências de Caio para Hilda entre os anos 1960 e 1992 se tornaram um livro, organizado pela jornalista Paula Dip, intitulado "Numa Hora Assim Escura - A Paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst", essas cartas lhe foram vendidas pelo poeta Antonio Nahud Júnior em 2010, 6 anos após a morte de Hilda e 14 anos após a morte de Caio. Aconteceu que certa vez Hilda resolveu jogar fora as correspondências de Caio logo após uma briga entre os dois, Nahud que era namorado de Hilda na época entrevistou e ficou com as cartas. Após a discussão fizeram as pazes, e voltaram a se comunicar quase todos os dias por telefone, até a morte precoce de Caio aos 47 anos.

Hilda participou em 1982, do Programa Artista Residente da Unicamp "O Programa do Artista-Residente da Unicamp tem por objetivo trazer para a nossa Universidade a possibilidade de manter um contato particular com a produção artística atual e ao mesmo tempo recolocar a Unicamp na vanguarda das ações relativas às relações entre a vida acadêmica e as artes em geral. Buscamos assim o aprofundamento da qualificação de nosso trabalho nesta área e a conseqüente projeção de nossos alunos envolvidos com as artes.(UNICAMP, 2018)"

Hilda Hilst com a mente à frente do seu tempo, já em 1981 afirmava em entrevista para revista "Pirâmide. Revista de Vanguarda, Cultura e Arte" seu pensamento sobre o engessamento que a universidade cria sobre as pessoas, tema bastante discutido nos dias de hoje.

“... Seria melhor querer seguir o próprio caminho, ainda que se tenha que morar embaixo da ponte, do que ficar agarrado a determinados esquemas. Tenho a impressão de que são pessoas que ensinam com esquemas formados. Naturalmente, claro, as pessoas precisam ganhar dinheiro. Então, você vai ter que optar: ou viver dentro de um sistema que está se desintegrando completamente, como é o caso de nosso sistema atual sócio político econômico, ou... Agora, a universidade talvez dê algum auxílio para isso: para você poder ganhar algum dinheiro. De repente você se transforma em tecnologia, porque parece que é isso que as pessoas estão pretendendo dos homens, que eles sejam bons técnicos antes de tudo. Que você saiba apertar um parafuso muito bem, e passe toda a sua vida apertando aquele parafuso, e você não terá condições de pensar em mais nada. A impressão que eu tenho é que as estruturas políticas estão exigindo isso do homem. Que ele seja antes de tudo um técnico. Não que eu seja contra a técnica, eu sou contra a maneira atual de usarem essa técnica. Então, eu não sei como a universidade vai poder lhe ajudar. Talvez, se você começasse a prestar mais atenção no seu “sentir”, nos seus sentimentos em relação às coisas e às pessoas, e sair fora dos esquemas, você estaria fazendo alguma coisa, alguma proposta nova que modificasse essencialmente o coração do homem. E não sei se na universidade...porque já existe um ufanismo de ser universitário. Existe este tipo de comportamento exterior, de aparência: pertencer a uma universidade. Eu acho que tudo isso faz parte de um ego que não interessa mais para o mundo de hoje. O caminho teria que ser outro. De repente, você alcançar um salto mais rapidamente... (HILST: Fragmentos de uma Entrevista, 1981)

Em 1984, a Câmara Brasileira do Livro concede o Prêmio Jabuti a Cantares de perda e predileção por Massao Ohno – M. Lídia Pires e Albuquerque editores, 1983, e em 1985, a mesma obra recebe o Prêmio Cassiano Ricardo (Clube de Poesia de São Paulo), Hilda se Divorcia de Dante Casarini em 26 de abril do mesmo ano.

Em 1984 lança o livro Poemas Malditos, Gozosos e Devotos pela editora Massao Ohno, a peça O Rato no Muro (1967) é apresentada no Teatro Sesc, em Cascavel (PR).

Composto por um único poema de mais de cem versos, o livro Sobre a tua grande face foi publicado originalmente em 1986, pelo editor Massao Ohno e Com Meus Olhos de Cão e outras novelas, no mesmo ano pela editora Brasiliense.

Em 1989 lança o livro de poesias Amavisse pela editora Massao Ohno, na contracapa do livro lê se:

“O escritor e seus múltiplos vem vos dizer adeus.
Tentou na palavra o extremo-tudo
E esboçou-se santo, prostituto e corifeu. A infância
Foi velada: obscura na teia da poesia e da loucura.
A juventude apenas uma lauda de lascívia, de
frêmito
Tempo-Nada na página.
Depois, transgressor metalescente de percursos
Colou-se à compaixão, abismos e à sua própria
sombra.
Poupem-no o desperdício de explicar o ato de
brincar.
A dádiva de antes (a obra) excedeu-se no luxo.
O Caderno Rosa é apenas resíduo de um "Potlatch".
E hoje, repetindo Bataille:
"Sinto-me livre para fracassar".
Hilda Hilst.

Em entrevista para o Correio Popular Campinas em 7 de Maio de 1989, quando seu livro estava prestes a sair do forno, Hilda diz que considerou um desaforo o silêncio do público, dos críticos, sobre suas obras, e ainda que o editor não fez nada para que lessem os autores brasileiros, declarando ser seu último livro a sério publicado no Brasil. Hilda reconhece que as pessoas preferem ler histórias contadas, a um livro que as faça pensar, que as obrigue a lidar com a intensidade e complexidade do ser humano, sendo assim ela não poderia fazer uma linguagem fácil num contexto difícil, pois sempre se propôs a encarar questões cruciais na vida do ser humano, como a morte, o amor, Deus, entre outros.

Em 1990 Inaugura então sua tetralogia obscena por, O Caderno Rosa de Lori Lamby pela editora Massao Ohno e Contos d'escárnio - Textos grotescos pela editora Siciliano. Assumir o fracasso então abriria portas a uma tal liberdade, de tratar de assuntos que desafiam a moral, lidando com uma matéria literária tão sensível quanto os prazeres da carne e do sexo, porém mais densas e viscerais como a dignidade, os princípios, a integridade, os valores, e até mesmo os limites de criar uma história e seus personagens, apostando na volúpia. “Todos estão na sarjeta, mas alguns olham para as estrelas”, diz Oscar Wilde. A narradora Lori Lamby rebate: “E quem olha se fode” (HILST, 2005, p. 5.).

Quando você chega a um limite extremo, você procura alguns caminhos de salvação. Muitos autores classificam vários caminhos. O alcoolismo é um deles. O outro caminho é a santidade, mas já está tarde demais para se entregar o bagaço a Deus. A santidade... é bom quando se começa cedo. É uma nostalgia do homem, a santidade, mas é difícil. E o outro caminho, impressionante, é o riso, apesar de parecer patético, mas é um dos caminhos de salvação. Chegou uma determinada hora que comecei a ver que tinha trabalhado quarenta anos - eu comecei a escrever com dezoito, publiquei meu primeiro livro aos vinte - e vi que realmente não tinha dado certo. Todo homem de alguma forma quer ter alguma importância. Isso significa ter mais vida, porque isso dá durabilidade... (HILST, Correio Popular, Campinas, 1989)

Eis que sua popularidade viria então da pornografia, em forma de protesto ao silêncio, um ataque aos leitores, assunto à mídia, e uma banana aos editores. Mesmo quando Hilda tratava sobre o amor, buscava fazê-lo de forma ostensiva, sua expressividade fragmenta cada flash que decide abordar, de maneira a intensificar o mergulho do leitor em seu foco. Em sua tetralogia obscena Hilda confronta questões da existência como sempre o fez, desnuda temas, assim como os leitores e a si própria, com bastante sarcasmo, a fim de chocar, ofender, desafiar.

Mas sua literatura não busca mais olhares de apreciação apenas, tamanha presunção já não cabe mais após anos de silêncio, da falta de atenção, Hilda busca o efeito e a reação dos leitores no ato, como quem observa um corpo totalmente exposto, nu, e tem em sua face os sentimentos revelados e percebidos pelo alvo, Hilda desnuda a literatura, a máscara moral, invade a privacidade dos pensamentos

eróticos, ao transcrever os aspectos mais obscuros da imagética sexual do ser humano.

Ao comentar que o riso seria seu caminho para a salvação, Hilda concretiza o fato do aspecto literário perceptível em sua obra de que, ela segue um gênero de escrita erótica que converte em riso crítico o seu olhar perspicaz e desiludido sobre a sociedade, sendo uma pessoa de olhar demasiadamente arguto e desenganado sobre o caminhar da humanidade, Hilda sempre buscou importância no contexto existencial diante da infinitude, visando perdurabilidade através de sua obra, nos corações e mentes dos leitores, não obtendo êxito segue então por uma linha irônica afim de fazer rir e refletir, ou que seja apenas entreter os mais rasos. Concluindo, somos levados a considerar, junto com Bataille (2004), o caráter coadjuvante do riso na experiência do erotismo:

“O riso nos faz tomar essa via na qual o princípio de uma interdição, de decências necessárias, inevitáveis, transforma-se em hipocrisia insensível, em incompreensão do que está em jogo. A extrema licença ligada à brincadeira é acompanhada de uma recusa em levar a sério — eu compreendo o trágico — a verdade do erotismo.”

A verdade do erotismo é a morte, em entrevista Hilda fala sobre um fenômeno social que existe desde as sociedades primitivas entre os grupos, que Ernest Becker fala muito nisso, que a competição entre um e outro, é o desejo por importância, para perdurar e ficar no coração do outro, por que isso dá uma idéia de que você de certa forma vence a morte, de que você não se apaga. O riso nega a fatalidade da morte, eis a sua salvação, o riso, a perpetuação, a continuidade de sua essência no outro, a ruptura de sua individualidade hermética e incompreensível. Dado o destaque que essa fase literária representa em toda sua obra, podemos dizer que sua estratégia foi bem sucedida.

Em 1990 publica o livro de poesia *Alcoólicas* por Maison de Vins, encontramos nele um tema base que toma várias nuances e que se repete, atingindo um aprofundamento das ramificações acerca de seus sentimentos com relação à proposta, o estado líquido de suas sensações, de modo a transpor toda a compreensão ou incompreensão do mundo babélico em que habita seu espírito perdido e repleto de dúvidas.

Alcoólicas – V

Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito

Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado

Salpicado de negro, de doçuras e iras.

Te amo, Líquida, descendo escorrida

Pela víscera, e assim esquecendo

Fomes

País

O riso solto

A dentadura etérea

Bola

Miséria.

Bebendo, Vida, invento casa, comida

E um Mais que se agiganta, um Mais

Conquistando um fulcro potente na garganta

Um látego, uma chama, um canto. Amo-me.

Embriagada. Interdita. Ama-me. Sou menos

Quando não sou líquida.

(Hilda Hilst, *Alcoólicas*, 1990)

Em 1991 publica *Cartas de um Sedutor*, pela editora Paulicéia, terceiro título da fase pornográfica.

“*Cartas de um sedutor* é um livro complexo de estrutura irregular, composto por fragmentos desiguais de diferentes registros textuais: narrativas, cartas, contos, e até teatro. O que os une, de modo a que possamos estabelecer um fio condutor que

percorre toda a obra e classificá-la como romance, é Stamatius, pois ele é o autor ficcional de todas essas partes.” (Vania Pereira Gumiero, 2017).

Um romance que traz um caso amoroso incestuoso e homossexualidade, polêmico. O autor das cartas é Karl, que escreve à sua irmã Cordélia sobre a relação entre ambos, e dela com relação ao pai, uma relação familiar promíscua, Stamatius é um poeta que encontra no lixo as cartas de Karl, e assim se desenrola a história. Há uma série de referências literárias em todo o livro, como Kafka, Proust, Danielle Steel, Rimbaud, Nietzsche, D. H. Lawrence entre muitos outros, a citá los tanto de maneira depreciativa quanto de forma a exaltá los.

Em 1992 lança as antologias poéticas *Do Desejo* pela editora Pontes, e *Bufólicas* pela editora Massao Ohno, volume com o qual encerra sua tetralogia obscena.

“Quem és? Perguntei ao desejo. Respondeu: Lava. Depois pó. Depois nada.”(Hilst, 1992). *Do desejo* é uma série de dez poemas, lançada em livro homônimo. O volume reunia ainda os poemas de “Da noite”, “Amavisse”, “Sobre a tua grande face” e “Alcoólicas”.

Bufólicas é um livro composto por sete poesias com sequência narrativa lógica, aproximando se de uma fábula, os personagens e as situações são oriundos dos contos de fadas, apresentando assuntos considerados tabus em nossa sociedade, como homossexualidade, violência sexual e sexualidade reprimida, todas as poesias trazem ao fim uma moral erótica e explícita, Hilda segue o cômico trágico, utilizando histórias de conto ocidentais adaptadas à sua versão, como A Branca de Neve, e Chapeuzinho Vermelho, em A Cantora Gritando e A Chapéu, a fim de discutir assuntos discriminados pela sociedade brasileira no contexto machista e moralista em que se encontra.

O livro é ilustrado pelo cartunista Jaguar, artista empenhado politicamente. Tanto o texto quanto as ilustrações trazem o erotismo de maneira explícita, desta forma se complementam para impulsionar o efeito cômico da obra. A primeira ilustração vem acompanhada da expressão de Molière “ridendo castigat mores”, que significa rindo se castigam ou critica os costumes, sendo assim esse livro não é apenas uma forma de popularizar a obra, mas também de crítica social e de entretenimento.

Em 1993 publica *Rútilo Nada* pela editora Pontes, e vence o prêmio Jabuti na categoria “Contos”.

Em 1995, seu arquivo pessoal foi adquirido pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae) da Unicamp.

“Em 1984 o Instituto de Estudos da Linguagem criou o Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulálio" com a missão de organizar e conservar materiais produzidos em pesquisas e projetos realizados pelos docentes do Instituto e, também, de contribuir para o desenvolvimento desses projetos por meio da preservação de documentos de interesse à pesquisa nas áreas de literatura e linguística brasileiras.” (CEDAE 2013/2018)

Outros conjuntos documentais de grandes estudiosos e profissionais foram agregados ao acervo ao longo dos anos, como os de Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e Néstor Perlongher, abrangendo os campos de pesquisa que vão da sociologia à neurolinguística.

“Adquirido pela Unicamp em duas compras distintas, sendo a primeira em 21 de setembro de 1995 e a segunda e, em setembro de 2003, a documentação que integra o fundo Hilda Hilst abrange o período entre 1916 - 2004, sendo constituída por 3.257 manuscritos/datiloscritos, 1.321 impressos, 246 fotografias, 150 desenhos, 3 pinturas, 4 cartazes, 10 cartões-postais e 1 objeto.

O fundo é constituído de originais manuscritos e datiloscritos produzidos pela escritora Hilda Hilst ao longo de sua vida e também pela produção intelectual de terceiros. Destaca-se o material produzido pelo pai da escritora, Apolônio de Almeida Prado Hilst. Também compõem o acervo, cadernos de anotações e de estudos, correspondências, fotografias, agendas, desenhos, recortes de jornais e publicações referentes à vida pessoal da titular e às suas atividades como escritora. Os temas recorrentes no fundo estão ligados à literatura, religião, filosofia, política, poesia, teatro, prosa de ficção, crônicas e artes em geral.” (CEDAE 2013/2018)

“Resultante da pesquisa desenvolvida no IEL e dos investimentos realizados pela Unicamp, este acervo conta, hoje, com mais de 60 conjuntos documentais que são

referência para as pesquisas literárias e linguísticas desenvolvidas não só no Instituto, mas em outras instituições de ensino superior.” (CEDAE 2013/2018)

O CEDAE também já promoveu exposições exaltando os trabalhos de Hilda, foram estas:

Hilda Hilst, de 12 de abril. a 21 de maio de 1999, CEDAE/IEL

O Caderno Rosa de Hilda Hilst, de 1º de março a 25 de maio de 2005, CEDAE/IEL

Hilda Hilst - uma vida de palavras, de 28 de maio a 06 de junho de 2010, CIS-Guanabara/Unicamp.

Hilda Hilst - RESPIROS, de 22 de abril a 21 de maio de 2010, CEDAE/IEL.

Hilda Hilst - uma vida de palavras, de 02 a 03 de setembro de 2011, IEL.

Também em 1995 sai seu último livro de poesia, Cantares do sem-nome e de partidas pelo editor Massao Ohno, que junto com Cantares de Perda e Predileção de 1983 foi reunido em obra única sob o título de Cantares, em 2002, pelo professor Alcir Pécora. Na mesma época Hilda começou a sofrer de isquemia cerebral, ficando bastante fragilizada.

Em 1997 Lança Estar sendo. Ter sido, pela editora Nankin, seu último livro inédito lançado em vida, que é considerado um livro testamento, livro átomo, uma obra que não trás uma construção textual que encerra a carreira literária de Hilda, mas sim que vêm mostrando novas possibilidades, a respeito do circuito de personagens e referências reais e ficcionais, em sua vida e conseqüentemente em suas obras. Apresentando referências artísticas, culturais e criativas da Hilda, nomes como os de James Joyce, René Descartes e Petrarca, e referências à seus próprios personagens Hillé de “A Obscena Senhora D” e Tadeu de “Tu Não Te Moves de Ti”, entre outras citações de obras suas e do vasto acervo de livros que possui.

Todos os seus questionamentos, dúvidas, curiosidades, ânsias, desejos, percepções, apontamentos, sensações, reflexões, pensamentos, sentimentos e idéias, durante toda a vida, são postos em seus personagens, em suas obras, suas

construções textuais, onde em *Estar Sendo. Ter Sido* se encontram, e formam uma teia com ramificações interligadas por diferentes dimensões, como o fundamento de tudo o que a compõe como escritora, sua linguagem, musicalidade, atemporalidade, profundidade, discurso, densidade, etc.

A proposta fora um mergulho em si mesmo, a contemplação sobre o interior, sobre a escuridão que assola o ser humano em seu âmago junto com todo o mistério que constitui a essência do ser, do estar, em busca da libertação, da luz, da lucidez.

Entre 1992 e 1995, Hilda Hilst experimentou uma prática literária diferente, contribuiu semanalmente para o Caderno C, do jornal campineiro *Correio Popular*, com uma coluna de crônicas, nas quais escrevia, em parte, comentários ácidos e irônicos acerca do cotidiano político conturbado da época. A soma foi reunida no livro *Cascos & Carícias* lançado em 1998 pela editora Nankin e hoje está, junto a alguns textos inéditos, no volume *Cascos & Carícias & Outras Crônicas*, relançado em 2001 pela editora Globo.

Em entrevista para o Caderno de Literatura Brasileira em 1999 Hilda conta um pouco sobre a experiência.

“Comecei a gostar, mas, como eu falava tudo o que pensava, as pessoas mandavam cartas medonhas para o jornal. Diziam coisas Horríveis, ligavam pedindo para o *Correio* cortar minha coluna. Telefonei para o jornal perguntando se eles queriam que eu saísse. “Não, pelo amor de Deus. O *Correio* está vendendo muito só por causa do que você escreve”, me responderam. O jornal foi ótimo em tudo comigo. Eu deixei de colaborar porque estava escrevendo o *Estar Sendo. Ter Sido* (1997). De qualquer maneira, lancei em 98 o *Cascos & Carícias*, reunindo as crônicas que publiquei no *Correio*.”

E em 1999 publica a antologia de poemas *Do amor* (Arnhold/Massao Ohno), a última lançada em vida.

Em 2001 assina contrato com a editora Globo, passando o direito de sua obra para a empresa, que lança *Obras Reunidas*.

O cenário muda e Hilst passa a ser lida e estudada no meio acadêmico, comparado aos anos anteriores que praticamente só teve esse reconhecimento quando lança a trilogia pornográfica (O caderno rosa de Lory Lamby, Contos d'escárnio e Cartas de um sedutor), artigos e teses vão se multiplicando conforme vai sendo divulgada no território nacional, afinal as edições anteriormente lançadas por Massao Ono foram produzidas com recursos financeiros que infelizmente não atingiam essa estimativa.

Assim, com a edição da Globo, pela primeira vez, os livros de Hilda alcançaram tiragens razoáveis, estavam disponíveis nas livrarias comuns, atingiam grande parte do território nacional (DINIZ, 2018)

Depois de 2001, sua obra começa a ser encontrada em diversas livrarias do país e apresenta brevemente a história de Hilda Hilst, não se sabe ao certo se as pessoas vão a procura de sua obra ou o mistério que fora projetado na personagem Hilda Hilst ou até mesmo um público específico faz com que seja conhecida.

Sua carreira literária dura cerca de 50 anos, agraciada com diversos prêmios importantes da literatura brasileira e em 2004 vem a falecer, por conta de uma queda e complicações hospitalares. Com o sentimento de vida incompleta, num trecho retirado de uma entrevista do Carta Maior (cartamaior.com.br) “Megalomania: *Ninguém me leu, mas eu fui até o fim, fiz o trabalho. A gente tem de acreditar em si mesma. Eu sei que sou o maior poeta do país, não tem importância me chamarem de megalômana. Escrevi de um jeito que ninguém escreveu. Foi a única coisa que eu soube fazer na vida.*”

Termina sua vida vendo o início de sucesso que viria a ter depois que instituições de ensino começam a abordar sua literatura como exemplo literário, estudo de gêneros, recebe homenagens, concede entrevistas a grandes programas de televisão, abre sua casa e vida para universitários, artistas e todos que desejavam conhecer sua obra. Alcir Pécora afirma: ela está servindo de combustível para um paradigma de interpretação. (São Paulo, 2018)

José Luis Mora Fuentes cria em 2005 o Instituto Hilda Hilst, que tem como objetivo dar continuidade à tudo que a Casa do Sol representa, um centro produtor de cultura, recebendo artistas para fazer programa de residência e preservar as

características de Hilda, seus escritos, seus pertences, todo um acervo que posteriormente Daniel Fuentes, atual presidente do IHH, aproveita para espalhar a obra de Hilda Hilst por todo território nacional, entrando em contato com editoras, para reeditar suas obras, sejam de poesia, teatro, prosa.

O Tombamento da Casa do Sol

Em 11 de abril 2012, oito anos após a morte de Hilda, a casa onde passou mais de 40 anos de sua vida foi tombada pelo Condepacc - Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, como patrimônio histórico cultural da cidade de Campinas.

A Casa do Sol, que foi o refúgio criativo de Hilda e de vários de seus amigos hoje abriga o Instituto Hilda Hilst, fundado em 2005 por Mora Fuentes um ano após a morte de Hilda, e hoje é administrado pelo herdeiro dos direitos de toda obra, Daniel Fuentes, filho dos amigos de toda a vida, Mora Fuentes e Olga Bilenky. O Instituto tem como missão preservar a Casa e disseminar a obra e a memória de Hilda, atualmente o Instituto mantém o programa de residência para artistas e pesquisadores, independente da área de conhecimento só é necessário ter um projeto para desenvolver durante a estadia na Casa, o acolhimento de artistas e seus projetos sempre esteve na essência da Casa do Sol desde a sua concepção.

Apesar de Hilda ter vendido quase todo seu acervo para a Unicamp, a Casa do Sol abriga objetos que foram de grande importância para ela, como livros de sua biblioteca pessoal, fotografias, ilustrações feitas por ela e poemas nunca publicados, conhecidos como marginálias. Além de manterem o cuidado com os cachorros que Hilda prezava tanto, chegando a ter mais de 90 animais em seus cuidados.

Em um artigo para a edição 233 da Revista Cult, Daniel Fuentes conta as dificuldades que enfrentou ao assumir a presidência do IHH após a morte de seu pai em 2009, desde o processo de criação do Instituto, tombamento da Casa e estratégias com editoras para o relançamento das obras.

Sempre foi claro este duplo legado de Hilda, direitos autorais e Casa do Sol, cujas demandas e potencialidades, ainda que obviamente em diálogo, apontavam para diferentes conjuntos de ações necessárias, sendo perfeitamente possível construir um 'boom Hilda Hilst', como o que penso vivemos, sem com isso garantir a preservação da Casa enquanto bem cultural socialmente relevante. (FUENTES, 2018)

O tombamento da Casa como patrimônio histórico cultural foi o ponto inicial para que uma gestão cultural do legado deixado por Hilda de fato começasse, após o falecimento de Hilda, Mora Fuentes assumiu a Casa que na época tinha vários processos de execução por conta de quase 3 milhões de dívidas de IPTU, devidas a prefeitura de Campinas. Segundo Daniel Fuentes no artigo para a Revista Cult, nos primeiros anos do IHH a Casa era a urgência e não a literatura, para Daniel o tombamento garantiria a sobrevivência da Casa no tempo e com o tombamento as dívidas de IPTU se tornaram isentas.

Diversos amigos de Hilda consideram a Casa do Sol como parte de sua obra, tendo total importância na vida e para a criação literária de Hilda Hilst.

Localizado a 11km do centro de Campinas, o lugar foi intensamente frequentado por artistas e intelectuais de várias áreas - daí o interesse em registrar alguns fatos culturais relativos à história desse lugar, encarado como um ambiente de intenso trânsito de ideias (Isabela Vilela Vieira, 2011)

Hilda Hilst é homenageada da 16ª Festa Literária de Paraty (Flip)

A Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP, é um festival literário que acontece todos os anos na cidade de Paraty no Rio de Janeiro, realizado pela Associação Casa Azul, a cada edição da festa um autor brasileiro é homenageado e autores de diversos lugares do mundo são convidados para realizarem mesas de palestra para tratarem de assuntos que permeiam o autor homenageado entre outros temas levantados pela festa. A primeira edição ocorreu em 2003, homenageando o autor Vinicius de Moraes. A Flip tem como principal objetivo preservar e perpetuar a língua portuguesa e a literatura brasileira, e é considerada um dos principais festivais literários da América do Sul.

No ano de 2018 a homenageada foi Hilda Hilst, marcando o início de uma nova etapa da autora no cânone literário brasileiro.

Hilda foi a terceira mulher a ser homenageada na festa, a primeira foi Clarice Lispector em 2005 e depois Ana Cristina Cesar em 2016, a Flip de 2018 também ficou marcada por ter sido a edição onde haviam mais mulheres do que homens desde a curadoria à realização das mesas literárias.

A jornalista Josélia Aguiar foi curadora na edição de 2017 que homenageou o autor carioca Lima Barreto e foi convidada novamente pela organização da festa para ser a curadora da Flip 2018, em uma entrevista para a Carta Capital, Josélia afirmou que só voltaria a ser curadora da festa caso a homenageada fosse uma mulher, e entre alguns nomes Hilda foi a escolhida, trazendo em contrapartida a edição de 2017 que tratou bastante de política, um olhar para dentro, o místico e o erótico. *“Depois que terminou a Flip do Lima Barreto e a organização me convidou para voltar eu coloquei um ponto meu de que precisava fazer a curadoria de uma autora mulher. E a ideia de ter uma mulher como a Hilda, nesse momento pós Lima Barreto, pareceu boa para os organizadores da festa.*

Assim como o Jorge Amado, ela trabalha a dimensão mística e erótica, mas de maneiras totalmente diferentes. Eu gosto muito dessa coisa de eles se recolherem para escrever. Ela tem a Casa do Sol, ele tem a Casa do Rio Vermelho, ambos acordavam cedo para escrever.” (Josélia Aguiar para Carta Capital, 2018)

Na Flip de 2018 houve um aumento de casas parceiras na programação, onde ocorreram debates e mesas diversas sobre a autora em paralelo com a programação principal, uma delas foi a Casa Hilda Hilst, que nasceu da parceria da Flip com o Instituto Hilda Hilst. Nesta casa houveram diversas mesas com amigos da Hilda, como Jurandy Valença, Leusa Araujo, Olga Bilenky, Daniel Fuentes, entre outros.

Na programação principal foi possível assistir a mesas com Gabriela Greeb, diretora do documentário Hilda Hilst pede contato e Vasco Pimentel diretor de som do documentário que utilizou durante o filme todos os áudios originais da Hilda. A Mesa com a atriz Lara Jamra que viveu Lori Lamby nos teatros, entre outras que traziam a obra de Hilda para a pauta. O encerramento ficou marcado por Zeca Baleiro que

musicou poemas de Hilda no disco “Ode Descontínua e Remota para Flauta e Oboé, de Ariana para Dionísio”.

7. DOCUMENTÁRIO

Segundo Bill Nichols no livro *Introdução ao Documentário* (2001), professor da San Francisco State University, considerado um dos principais pensadores contemporâneos em estudos de cinema nos Estados Unidos, o documentário surge através do interesse de cineastas em descobrir os limites do cinema, em inovar, criar diferentes formas de captar o mundo em seus trabalhos. Nicholls (2001) ressalta:

Uma forma corrente de explicar a ascensão do documentário inclui a história do amor do cinema pela superfície das coisas, sua capacidade incomum de captar a vida como ela é; capacidade que serviu de marca para o cinema primitivo e seu imenso catálogo de pessoas, lugares e coisas recolhidas em todos os lugares do mundo. Como a fotografia antes dele, o cinema foi uma revelação. As pessoas nunca tinham visto imagens tão fiéis a seus temas nem testemunhado movimento aparente que transmitisse sensação tão convincente de movimento real. (pág. 117)

Não havia a intenção em criar uma tradição documental, um gênero fílmico com características pré determinadas e bem definidas, a experimentação proporcionou a idéia de registrar momentos em filmes como *O desembarque para o congresso de Fotografia de Lyon* (1895) e *O regador regado* (1895) de Louis Lumière, filmes estes que copiam o mundo como ele realmente é, projetando para nós no presente momento, ações e situações reais que aconteceram no século passado.

O Documentário têm em si uma finalidade histórica, segundo Luiz Carlos Lucena no livro *Como Fazer Documentários* (2012), mestre em Audiovisual pela escola de Comunicação e Artes da universidade de São Paulo (ECA-USP), a linguagem do que se conhece hoje como documentário surgiu com os filmes de Robert Flaherty, nos anos de 1920, pois eles redefiniram a visão inicial acerca do filme de ficção, associado à construção de uma história, ao mundo imaginário, ficcional, e o filme documental, um ato cinematográfico que registra o que acontece no mundo real.

O documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que

tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios “sujeitos” da ação: Nanook de *Nanook, o esquimó* (1922) ou o pescador de *Os pescadores de Aran* (1934), por exemplo. (pág.11)

John Grierson foi um cineasta francês, fundador da escola Britânica de documentários, que lançou as bases para o que hoje se denomina documentário clássico, foi o primeiro a usar o termo em uma crítica publicada no *New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926, sobre o filme *Moana* (1926) de Robert Flaherty. Definindo “documentário é o tratamento criativo da realidade”.

Presume-se que o documentário retrata uma história factual, segundo Grierson, o “tratamento criativo da realidade” permite ao documentarista desenvolver possibilidades recorrendo por exemplo a artifícios na composição de objetos, ambientes ou características importantes em determinado contexto a ser representado se assim for necessário ou pretendido, possibilitando inclusive a construção de sentidos de compreensão diversos a partir do estilo de modo comunicacional tencionado ao filme. Lucena (2012) afirma:

O filme de ficção, por sua vez, tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado, cuja base é composta de personagens ficcionais ou reais, os quais são interpretados por atores. Esses papéis são especificados nos scripts, que normalmente recorrem a fórmulas consagradas, tendo como principal objetivo o entretenimento. O happy end é uma das marcas do filme de ficção; no caso do documentário, destaca-se a mensagem aberta. (pág. 11)

Não existe uma única definição sobre o gênero documentário, mas sim muitos conceitos teóricos formulados por estudiosos e profissionais do audiovisual a partir de estudos, experimentações e evoluções no universo cinematográfico.

Nichols conversou com Lucena quando ele esteve no Brasil em 2009, e declarou:

Ao contrário dos filmes de ficção, temos a sensação de que os documentários falam conosco diretamente, sendo que “nosso foco está no que nos é dito tanto verbal como visualmente, sobre o mundo histórico”. Nichols destacou as seguintes formas de discurso: “falo deles ou disso para você” (*Nanook*; *Aruanda*, 1960; *Serras da desordem*); “falo de mim” (33, 2002; *Passaporte húngaro*, 2003); “falo de alguém para você” (*Santiago*; *Estamira*, 2004); “falamos de nós para você”,

estando este último discurso presente em grande parte dos documentários. (Lucena 2012, pág. 14)

Grierson afirma em seu ensaio “First principles of documentary” (1971) que o cinema ficcional não possui o mesmo valor e caráter que o não ficcional, ele acreditava no poder do cinema em promover a cidadania. Segundo o autor, “as histórias de não ficção estão intimamente ligadas com o conhecimento, sendo capazes de provocar um efeito que as histórias dos estúdios nunca poderão originar. Contudo é preciso salientar que o documentarista, antes e na atualidade, narra a realidade que ele constrói, com suas inserções subjetivas.”.

“O conceito de Grierson de “tratamento criativo da realidade” continua, portanto, sendo uma definição válida para o cinema de não ficção.” Até então. (Lucena 2012, pág. 24)

Em 1930 a produção do documentário inglês começa a mudar a partir da chegada do som ao cinema, um brasileiro chamado Alberto Cavalcanti, atuante na vanguarda francesa de cinema, foi peça decisiva na transição do cinema inglês, ousou montagens diferentes das que se via, indagando assim as bases estéticas propostas por Grierson. Na época, a força da tecnologia não acompanhava as ideias, dificultando assim a criação e produção de documentários, por suas limitações técnicas.

Em 1950 surgem as duas principais correntes de documentário que são referenciais até hoje, o cinema-direto criado pelos norte-americanos, e o cinema-verdade pelos franceses, essas vertentes nasceram da busca dos documentaristas por equipamentos mais sofisticados, mais uma vez a experimentação trazendo inovação na arte do cinema documentário, conseqüentemente por influência da forte presença da televisão, as revoluções tecnológicas mudariam completamente o modo como se produziria documentários.

Uma sucessão de produções buscavam capturar o que se via diretamente por meio da câmera, sem encenação, direção ou qualquer interferência proposital na ação do

objeto filmado, conhecidos como “cinema direto”, o filme precursor da linha se chama “Primárias” (1960), dirigido pelo jornalista inglês Robert Drew.

Os cineastas acadêmicos franceses desenvolveram o “cinema-verdade”, nome inspirado nas experiências do russo Vertov. Os representantes dessa corrente achavam que não adiantaria tentar anular a presença de uma equipe diante de uma situação filmada, e que ao contrário disso, o processo por trás das câmeras deveria aparecer, bem como a influência do diretor na ação, ou qualquer interação da equipe com o objeto.

Essas três correntes principais da produção de documentários - a corrente clássica, com o uso da voz over narrando um fato, história, biografia etc.; o cinema direto norte-americano, com o uso da câmera-olho; e o cinema-verdade francês, que permite a interferência do cineasta - têm fundamentado a maioria das produções do cinema de não ficção, no Brasil e no mundo. (Lucena 2012, pág. 27, 28)

FORMATOS E MODOS DE DOCUMENTÁRIO

O gênero documentário possui seis subgêneros, também conhecidos como modos, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. A ordem de surgimento desses modos é cronológica e de certa forma constrói a história do gênero documentário. Com o passar do tempo, os documentaristas de várias épocas se “apropriaram” de um modo e adicionavam novas características para atender às suas necessidades criativas. Segundo Bill Nichols, estudioso do gênero e responsável pela identificação desses modos, no livro Introdução ao Documentário (2001) afirma que em um único filme é possível que vários modos sejam “misturados”, e não há necessidade do documentarista ficar preso a um só tipo.

A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam

como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade. - (Nichols, 2001, p.136)

Modo poético - O primeiro modo que Nichols (2001) aborda e define, onde a subjetividade é muito utilizada e há uma grande preocupação com a estética. Além disso, a montagem não precisa ser linear, ou seguir uma lógica, neste modo a emoção fica à frente da razão, permitindo que haja mais experimentação por parte do documentarista. Segundo Nichols (2001), o documentário poético retira sua matéria prima do mundo histórico e a transforma de diferentes maneiras. Também marca o uso de poemas ou trechos de obras literárias em conjunto com as imagens. Duas obras importantes para o gênero, segundo Lucena (2012) uma obra que exemplifica este modo é Andarilho (2006) de Cao Guimarães, outra obra marcante na história do cinema e do surrealismo, e é considerada documentário poético é o Um Cão Andaluz (1928) de Luis Buñuel e Salvador Dalí.

O modo poético tem muitas facetas e todas enfatizam as maneiras pelas quais a voz do cineasta dá a fragmentos do mundo histórico uma integridade formal e estética peculiar ao filme - (Nichols, 2001, p. 141)

Modo expositivo - Neste modo o documentarista dirige-se diretamente ao espectador por meio de narração e legendas, utiliza-se muito de voz over (voz de deus) para expor argumentos ou recontar uma história, esse modo depende exclusivamente de uma dialética informativa que é transmitida oralmente, neste caso, as imagens têm um papel secundário, servindo apenas para ilustrar o que está sendo dito. Segundo Nichols (2001), esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. Um bom exemplo de documentário expositivo é “Quem foi Kafka?”(2005) de Richard Dindo, que fala sobre a vida e obra do escritor Franz Kafka, utilizando do recurso de voz over durante todo o documentário e imagens ilustrativas do escritor e da cidade onde viveu.

Esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador

diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. Os filmes desse modo adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto) - (Nichols, 2001, p. 142)

Modo observativo - O modo observativo ou cinema direto é um pouco mais complexo, tem a premissa de neutralidade e naturalidade, não há voz over ou entrevistas e os atores sociais ignoram completamente a presença do cineasta e das câmeras, agem normalmente. Passam a ideia de realidade total, por isso alguns documentaristas não utilizam trilha sonora ou qualquer tipo de efeitos, não existe uma preocupação com a estética em específico. Um dos primeiros documentários do gênero *O homem da câmera* (1929) de Dziga Vertov é considerado o mais icônico, nele Vertov queria que a câmera fosse como o olho de um homem, premissa que defendia na teoria do “cinema-verdade”.

“Como na ficção, as cenas costumam revelar traços de caráter e individualidade. Fazemos inferências e tiramos conclusões baseados no comportamento que observamos ou a respeito do qual ouvimos. O isolamento do cineasta na posição de observador pede que o espectador assuma um papel mais ativo na determinação da importância do que se diz e faz.” (Nichols, 2001, p. 148)

Existem alguns questionamentos considerando a ética do cineasta neste modo, espera-se que as pessoas ajam normalmente como na “vida real” e que o cineasta em momento algum direcione essas pessoas a agir de alguma forma ou jeito em específico para se satisfazer. Neste caso, as pessoas agem de forma que tenhamos a impressão delas que elas querem que tenhamos, um recorte do que elas realmente são. Outro ponto muito pertinente e que Nichols (2001) questiona é se a situação que está sendo gravada foge ao controle, e se torna perigosa para os envolvidos o cineasta tem a obrigação de interferir ou não? Continuar a gravação independente do que está acontecendo ou não?

Já que o cineasta observativo adota um modo especial de presença "na cena", em que parece ser invisível e não participante, também surgem as questões: quando o cineasta tem a responsabilidade de intervir? E se acontecer alguma coisa que prejudique ou fira um dos atores sociais? Deve um operador de câmera filmar a imolação de um monge vietnamita que, sabendo que há câmeras presentes para gravar o acontecimento, atea fogo ao próprio corpo para protestar contra a guerra? Deve o câmera recusar-se, ou não se recusar, a dissuadir o monge? (Nichols, 2001, p. 149)

Modo participativo - Como o próprio nome diz, o documentarista faz parte do filme, é possível vê-lo e ouvi-lo, por isso dispensa o artifício da voz over. Este modo serve para passar a sensação de como é estar e viver em certa situação ou lugar, favorece a interação das pessoas no local dos fatos. Um grande exemplo que agrega o modo participativo é o documentário 33 (2002) de Kiko Goifman, nele Kiko documenta a busca por sua mãe biológica no ano em que completou 33 anos, no final desse processo Kiko decidiu transformar todo o material captado em um documentário.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo. (Nichols, 2001, p. 153)

Esse modo também desperta alguns questionamentos sobre a veracidade dos fatos que o documentarista mostra, segundo Nichols (2001) só podemos ver quando o cineasta está lá para ver em nosso lugar e o que ele decide mostrar com a câmera, novamente o "recorte da realidade".

No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou o cineasta, está lá em nosso lugar. Jean-Luc Godard uma vez declarou que o cinema é verdade 24 vezes por segundo: o documentário participativo satisfaz essa assertiva. - (Nichols, 2001, p. 155)

Modo reflexivo - Segundo Nichols (2001), este é o modo mais consciente de si mesmo, deixando de mostrar a relação do cineasta com outros atores sociais, para mostrar a relação do cineasta com o espectador. Neste modo, o cineasta deixa de

querer atestar a veracidade dos fatos a todo o custo e com provas incontestáveis, para analisar outras questões envolvendo um tema, além de mostrar as coisas como são, mostra também como poderiam ser ou ter sido, questionando assim a própria forma de se fazer documentários. Terráqueos (2005) de Shaun Monson é um bom exemplo de documentário reflexivo, nele o documentarista questiona a dependência do ser humano com o mundo animal, não apenas para a alimentação, mas em todos os âmbitos como vestuário e entretenimento, mostrando todos os lados, desde as pet shops que vendem animais de estimação até a indústria alimentícia.

O modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona. O acesso realista ao mundo, a capacidade de proporcionar indícios convincentes, a possibilidade de prova incontestável, o vínculo indexador e solene entre imagem indexadora e o que ela representa - todas essas idéias passam a ser suspeitas. O fato de que essas idéias podem forçar uma crença fetichista inspira o documentário reflexivo a examinar a natureza de tal crença em vez de atestar a validade daquilo em que se crê. (Nichols, 2001, p. 166)

Modo performático - Dá ênfase às memórias e experiências vividas pelos personagens, apresentado-as em relatos e depoimentos, o que traz uma abordagem muito mais emocional do que racional, além de misturar elementos reais e imaginários, há uma grande valorização da subjetividade. O documentário *People I Could have been maybe I am* (2010) de Boris Gerrets é inteiro filmado com o celular do documentarista, que anda pelas ruas de Londres conversando com estranhos sobre suas vidas pessoais. Desses estranhos com quem conversou o documentarista seleciona quatro personagens para falar da vida deles. O documentário não tinha roteiro, e foca na experiência do documentarista em conhecer essas pessoas e a si mesmo.

O que esses Filmes compartilham é um desvio da ênfase que o documentário dá à representação realista do mundo histórico para licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas. (Nichols, 2001, p. 171)

8. DIREÇÃO DE ARTE

8.1 CONCEITO

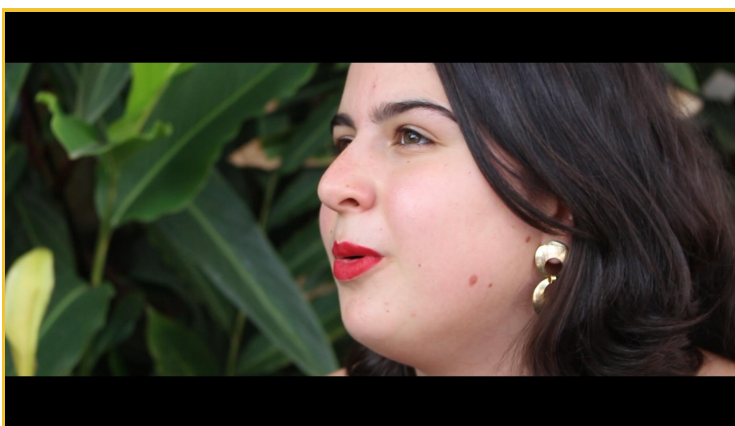
O Conceito pretendido é primeiramente poético, que naturalmente associa a arte do documentário com a figura em destaque da Hilda Hilst, e com o tema escolhido, falando em literatura, sobre mulher na literatura e sobre feminismo.

Buscamos tornar a experiência de assistir ao documentário algo semelhante a abrir um livro, através da montagem, dividindo e selecionando o material em pequenos capítulos, que ligam um ponto ao outro, construindo a história que queremos contar, uma história que instiga e inspira.

8.2 REFERÊNCIAS

A fonte escolhida para os GC'S remete à letra orgânica, um efeito escrito à mão, e sua borda, seu fundo, representa um pedaço de papel picado, rasgado, assimétrico, bem como a borda das fotografias, despertando uma sensação de combinação na aplicação do conteúdo, uma colagem que perpassa os rumos da história de vida da Hilda.

Por uma questão estética, apresentamos o vídeo com barras pretas acima e abaixo, conhecidas como *letterbox* e utilizamos uma coloração mais quente e levemente opaca para criar um visual mais cinematográfico.



Mesclar imagens antigas e novas é inevitável já que Hilda Hilst faleceu em 2004 e não poderíamos deixar de incluir imagens suas, porém a forma como as fotos

antigas e os vídeos recentes se sobrepõem nascem em referência ao documentário Elena (2012) da cineasta Petra Costa.



O elemento incluso no corte que une um capítulo à outro são algumas frases selecionadas da obra da Hilda, algumas dessas frases foram citadas pelo próprios entrevistados do documentário, como as suas preferidas, em geral são frases marcantes e que enfatizam cada período do vídeo, com bastante representatividade também para nós da produtora Amavisse.



Utilizamos o vermelho como destaque na vinheta e nos cortes para ressaltar a força e presença dos sentimentos amor, desejo e vitalidade que sempre são ligados à figura da Hilda e sua obra.

Contamos com uma trilha moderna, que conversa com o contexto em que está inserida, forte porém confortável. O documentário foi pensado de maneira a contemplar as diversas portas que a Hilda Hilst nos abre. visando ajudar a conectar o leitor ou espectador à obra da autora.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento da pesquisa sobre a obra e vida da Hilda Hilst percebemos que ela não recebeu o devido reconhecimento pelos motivos apropriados diante da grandiosidade de sua obra. A imagem construída pela mídia projetava uma figura excêntrica, deturpando o que ela realmente era, uma mulher que sempre se dedicou ao que acreditava, que lutou por reconhecimento através da sua criação, até o último dia da sua vida.

Hilda enfrentou diversas dificuldades buscando se comunicar com o outro, tais como, oportunidade no mercado editorial, que na época esperava determinada postura na obra feminina, porém tinha uma atitude provocativa, tratando seus anseios nas obras, os assuntos que considerava importantes, como a morte, amor, desejo, Deus, entre outros.

Ao longo dos últimos anos sua obra vem ganhando notoriedade no meio acadêmico e entre os leitores da literatura brasileira, graças ao crescimento dos estudos sobre sua obra.

Inicia-se então uma onda de análises literárias sobre seus livros, repercutindo a revolução causada por sua construção textual, seu discurso rebuscado, o uso de palavras difíceis, a maneira como buscava transmitir suas mensagens.

Diante do cenário social ao que Hilda pertencia e devido a sua escolha de modo de vida, ela acaba se tornando um exemplo de resistência para pessoas como nós da Amavisse, que enxergamos a densidade do que é ser mulher, ser uma pessoa inferiorizada apenas pelo modo como a sociedade se construiu.

Como consequência da pesquisa produzimos um documentário que busca retratar quem Hilda Hilst realmente foi, trazendo pesquisadoras da sua obra amigos íntimos e o herdeiro de seus direitos autorais, colocando em prática todo nosso repertório acadêmico construído o longo da graduação.

Com o presente trabalho ambicionamos agregar valores à obra da Hilda pelos motivos certos, por sua genialidade, coragem, sua visão transgressora e visionária.

10. PRODUÇÃO EXECUTIVA

10.1 CRONOGRAMA

DIA/PERÍODO	HORÁRIO	ENTREVISTADO	LOCAÇÃO	DESCRIÇÃO
18/03/2018 à 29/06/2018	-	-	-	PESQUISA/ PRÉ PRODUÇÃO/ ARRECADAÇÃO DE FUNDOS
01/07/2018 à 20/07/2018	-	-	-	PREPARAÇÃO VIAGEM/ COMPRA EQUIPAMENTOS
27/07/2018	12H30	LUISA DESTRI	PRAÇA DA MATRIZ PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
27/07/2018	13H30	LAURA FOLGUEIRA	PRAÇA DA MATRIZ PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
27/07/2018	16H00	ARETHUZA IEMINI	CASA DA PORTA AMARELA PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
27/07/2018	16H30	BRUNA KALIL OTHERO	CASA DA PORTA AMARELA PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
27/07/2018	20H00	GABRIELA GREEB	CASA SESI - SP PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
28/07/2018	16H30	JURANDY VALENÇA	CASA HILDA HILST PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA

				PARADA/CÂMERA NA MÃO
28/07/2018	17H00	DANIEL FUENTES	CASA HILDA HILST PARATY (RJ)	EXT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
03/09/2018	15H00	LEUSA ARAUJO	BAIRRO SUMARÉ SÃO PAULO (SP)	INT. DEPOIMENTO CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO
10/09/2018 à 29/09/2018	-	-	-	DECUPAGEM DO MATERIAL / ROTEIRIZAÇÃO
01/10/2018 à 31/10/2018	-	-	-	MONTAGEM / ROTEIRIZAÇÃO
01/11/2018 à 07/11/2018	-	-	-	FINALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO/ ROTEIRO

10.2 ATA DE REUNIÃO

Ata de Reunião 02/03/2018

No dia vinte e dois de março de dois mil e dezoito, quinta-feira, às 20h30min, aconteceu a primeira reunião da futura produtora pró trabalho de conclusão de curso no refeitório do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini. Começamos a discutir possíveis assuntos que gostaríamos de abordar no trabalho de conclusão de curso, entramos no consenso de falar sobre feminismo de alguma forma, e de falar sobre literatura também, já que todas gostamos muito de ler, pensamos nas possibilidades de fazer um curta metragem, adaptação de alguma obra literária, ou um videoclipe com referências literárias, poéticas, talvez sabe um documentário sobre algum escritor notório, brasileiro, estrangeiro, contemporâneo, enfim, colocamos na mesa nossos gostos e anseios para refletirmos sobre o que vamos apresentar no tcc. Próxima reunião no dia onze de abril de dois mil e dezoito às 20h30min.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Ata de Reunião 11/04/2018

No dia onze de abril de dois mil e dezoito, quarta-feira, às 20h30min, aconteceu a segunda reunião da produtora pró trabalho de conclusão de curso na biblioteca do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini. Pautamos a necessidade de se pensar em alguma forma de arrecadar recursos financeiros para realizar nosso trabalho, e consultar o professor Rafael Mattoso Galdino sobre a possibilidade de nos orientar, precisamos também pensar em um nome e identidade para a nossa produtora. Decidimos buscar possíveis escritoras que podemos abordar, fazendo uma ligação entre o movimento e a literatura feminina brasileira, escolhemos fazer um documentário como produto da nossa pesquisa, por gostarmos muito da linguagem que o documentário propõe. Próxima reunião dia dezesseis de abril de dois mil e dezoito às 19h30.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Ata de Reunião 16/04/2018

No dia dezesseis de abril de dois mil e dezoito, segunda-feira, às 19h30min, aconteceu a terceira reunião da produtora pró trabalho de conclusão de curso no refeitório do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini. Entramos em contato com a obra da escritora Hilda Hilst, e decidimos investigar mais sobre a obra dela, definimos tratar da literatura brasileira, sobre escritoras brasileiras, e traçar alguma linha de raciocínio que ligue o movimento feminista com a ascensão das mulheres na escrita, na literatura. O professor especialista Rafael Mattoso Galdino aceitou ainda que não oficialmente, ser nosso orientador específico no trabalho de conclusão de curso. Próxima reunião dia vinte e seis de abril de dois mil e dezoito às 20h30.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Ata de Reunião 26/04/2018

No dia vinte e seis de abril de dois mil e dezoito, quinta-feira, às 20h30min, aconteceu a quarta reunião da produtora pró trabalho de conclusão de curso no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Escolhemos o título “Amavisse Produções” para o nome da nossa produtora, tendo como referência uma obra de poemas da Hilda, pela simbologia da palavra Amavisse que vem do latim e significa “ter amado”.

Partimos da premissa de pesquisar o feminismo, de onde surgiu, como surgiu, os principais nomes envolvidos, visando traçar uma ligação entre feminismo e literatura, relacionando escritoras visionárias e que contribuíram para a ascensão da mulher na literatura. Próxima reunião dia quatro de maio de dois mil e dezoito às 20h45.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 04/05/2018

No dia quatro de maio de dois mil e dezoito, sexta-feira, às 20h45min, aconteceu a quinta reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Demos início à produção do cronograma entregue pela professora especialista e orientadora Maria Mendes do Nascimento, e decidimos falar sobre o feminismo na obra da escritora Hilda Hilst, a idéia é produzir um documentário acerca da vida profissional e obra literária da Hilda, tomamos conhecimento sobre o Instituto Hilda Hilst, na Casa do Sol, antiga casa da escritora Hilda Hilst que foi tombada, e hoje abriga um grande acervo com materiais da escritora, pautamos entrar em contato com o instituto a fim de colher material visual e textual. Descobrimos um fato interessante para nosso produto final, o documentário, a escritora em questão será homenageada no evento da Flip nesse ano, que se trata de uma Feira Literária Internacional que acontece em Paraty-RJ, durante os dias vinte e cinco a vinte e nove de julho, pretendemos ir ao evento e gravar conteúdo sobre a Hilda, já entramos em contato para saber sobre as possibilidades de patrocínio e afins, viabilizando a viagem, aguardamos resposta. Próxima reunião dia dezoito de maio de dois mil e dezoito. Assinaturas:

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 18/05/2018

No dia dezoito maio de dois mil e dezoito, sexta-feira, às 20h45min, aconteceu a sexta reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Tivemos a idéia de fazer uma rifa a cinco reais, sorteando um ensaio fotográfico, a fim de arrecadar verba para a viagem até a Flip em Paraty-RJ em julho, e começamos a vender de imediato, estabelecendo um mês para as vendas e o então sorteio.

Separamos e dividimos em tópicos o conteúdo da pesquisa até então, o que é feminismo, como surgiu, o feminismo na sociedade, o feminismo na literatura e a obra da Hilda Hilst e sua contribuição para a literatura feminista. Próxima reunião dia um de junho de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 01/06/2018

No dia um de junho de dois mil e dezoito, sexta-feira, às 20h45min, aconteceu a sétima reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Enviamos a pesquisa feita até então via online dois dias antes dessa reunião ao orientador específico, e durante esse encontro foram apontados onde devemos acrescentar ou reformular o conteúdo.

Recebemos respostas da organização do evento Flip, e teremos o apoio da sala de imprensa no evento, bem como o credenciamento como estudantes que irão produzir conteúdo durante o evento. Começamos a pesquisar estalagem e rotas até Paraty-RJ. Próxima reunião dia dezoito de junho de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 18/06/2018

No dia dezoito de junho de dois mil e dezoito, segunda-feira, às 20h45min, aconteceu a oitava reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Prorroamos a data do sorteio para o dia vinte e dois de junho para terminarmos de vender as rifas, definimos o local onde vamos ficar em Paraty durante o evento da Flip, definimos quais mesas vamos assistir no evento, onde cada uma vai ficar com uma, são mesas que acreditamos que irão contribuir para o trabalho, acerca do feminismo, da análise literária da obra da Hilda Hilst, e sobre um produto audiovisual que será lançado na Flip, um documentário, sobre algumas experiências da autora em questão.

Novamente dois dias anteriores a esse encontro enviamos o material da pesquisa por email ao professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso, e hoje recebemos os apontamentos, onde devemos melhorar o conteúdo.

Dividimos a parte da pesquisa sobre as obras da Hilda em três, como fases da sua vida, desde o nascimento até sua morte, para ficar melhor equilibrado o conteúdo produzido até o momento. Próxima reunião dia vinte e cinco de junho de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 25/06/2018

No dia vinte e cinco de junho de dois mil e dezoito, segunda-feira, às 20h45min, aconteceu a nona reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Realizamos no dia vinte e dois o sorteio da rifa e no dia vinte e quatro fizemos o ensaio fotográfico. Enviamos o material da pesquisa por email ao professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso, e hoje recebemos os apontamentos. Começamos a definir funções para o documentário. Recebemos orientação para iniciar a pesquisa sobre documentário, tipos de documentário, formatos, até para já pré definirmos como será nosso documentário e dividimos entre as três o conteúdo programado. Conseguimos o contato da cineasta que produziu o documentário sobre a Hilda que será lançado na Flip e marcamos uma entrevista durante o evento em Paraty. Iniciamos a elaboração de perguntas para a cineasta em questão, Gabriela Greeb. Próxima Reunião dia nove de julho de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 09/07/2018

No dia nove de julho de dois mil e dezoito, segunda-feira, às 20h45min, aconteceu a décima reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Enviamos o material da pesquisa por email ao orientador específico Rafael Mattoso e recebemos indicações para melhorar o conteúdo que temos até o momento, recebemos o prazo até a próxima reunião para finalizar a pesquisa sobre a obra da Hilda, sobre o Feminismo, juntamente com ao que se refere à documentário.

Fizemos um levantamento de gastos para a viagem à Paraty-RJ. Fechamos as perguntas para cineasta Gabriela Greeb. Próxima reunião dia seis de agosto de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 21/08/2018

No dia vinte e um de agosto de dois mil e dezoito, terça-feira, às 19h10min, aconteceu a décima terceira reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Falamos sobre o arredondamento de idéias sobre a parte “documentário” da pesquisa, sobre a necessidade de introduzir uma parte na pesquisa onde deixa claro a percepção do por que consideramos Hilda Hilst um símbolo de resistência e falamos sobre o início da decupagem do material audiovisual colhido na Flip. Para a próxima reunião no dia quatro de setembro trazer a justificativa do tema.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 24/09/2018

No dia quatro de setembro de dois mil e dezoito, terça-feira, às 19h10min, aconteceu a décima quarta reunião da Amavisse Produções no estúdio de rádio do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador específico Rafael Mattoso Galdino.

Falamos sobre a justificativa do tema, entregue por e-mail ao orientador específico, a necessidade de renomear tópicos da pesquisa, para assim começar a organizar o sumário, construir o perfil da produtora e das integrantes, organizar as atas de reunião, bem como a tabela de gastos e o cronograma feito para o trabalho de conclusão de curso.

Escolher as frases da Hilda para compor a montagem do documentário. Entregar novos tópicos e ajustes no dia vinte e quatro de setembro de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião 26/09/2018

No dia vinte e seis de setembro de dois mil e dezoito, quarta-feira, às 19h10min, aconteceu a décima sétima reunião da produtora Amavisse Produções na sala um do prédio um do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e a professora especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento, onde revisamos quais os pontos a acertar na pasta de produção e pesquisa do trabalho de conclusão de curso, dentre eles formatação, e informação técnica com relação ao documentário.

Pontuamos também decisões necessárias para a montagem do documentário e sua finalização, como definição de trilha e arte.

A Professora Maria Auxiliadora também nos passou tópicos a serem criados, tais como justificativa para escolha do tema, para a escolha do produto, entre outros. Próxima reunião dia três de outubro de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento

Ata de Reunião 03/10/2018

No dia três de outubro de dois mil e dezoito, quarta-feira, às 19h10min, aconteceu a décima oitava reunião da Amavisse Produções na sala um do prédio um do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e a professora especialista e orientador Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento.

Falamos sobre a apresentação do trabalho de conclusão de curso, sobre nosso discurso e postura. Alguns pontos sobre a arte do documentário também entraram em questão a ser definidos, e recebemos a notícia da data da apresentação para a banda do tcc, que será no dia treze de novembro de dois mil e dezoito às 19h30, sala a definir nas dependências do UNIFACCAMP. Próxima reunião dia dez de novembro de dois mil e dezoito.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento

Ata de Reunião 10/10/2018

No dia dez de outubro de dois mil e dezoito, segunda-feira, às 19h10min, aconteceu a décima nona reunião da produtora Amavisse Produções na sala um do prédio um do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), com a presença de Ana Helena de Moraes Cologni, Jhessica Mitilla da Silva Meira e Graziela da Silva Palini e o professor especialista e orientador Rafael Mattoso Galdino.

Revisamos a pasta de produção como está até então, fomos orientadas a passar um pente fino na pesquisa e encaminhar ao professor Rafael no dia um de novembro. Orientação para fazer os slides de apresentação para o dia da banca do trabalho de conclusão de curso e acrescentar tópico sobre transmídia na pesquisa.

Mostramos a montagem do documentário pronta até então e recebemos sugestões para a conclusão do vídeo.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Rafael Mattoso Galdino

Ata de Reunião

Ao longo do primeiro semestre de dois mil e dezoito recebemos orientação da professora especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento, que durante as aulas de técnicas de locução e Interpretação de rádio dois, desenvolveu em sala de aula, procedimentos onde trabalhamos o tema do trabalho de conclusão de curso, tais quais onde exercitamos nossas performances como locutores tratando de assuntos até então pesquisados, os nossos temas para o tcc. Recebemos um cronograma datando quando cada parte do nosso trabalho deveria ir se moldando, do mês de maio ao mês de novembro, recebemos também o regulamento do projeto experimental no dia vinte e três de abril e realizamos a gravação de um programa de rádio no dia três de maio, onde cada grupo foi entrevistado pela professora, a respeito do andamento do tcc.

Assinaturas:

Ana Helena de Moraes Cologni

Graziela da Silva Palini

Jhessica Mitilla da Silva Meira

Prof Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento

10.3 ORDEM DO DIA

- ORDEM DO DIA – (27/07/2018)

(Hilda Hilst. Um Símbolo de Resistência)

Telefone Produção:

Ana Helena Cologni – (11) 972848584

Graziela Palini – (11) 995422338

Jhessica Meira – (11) 972419209

Locação	Endereço	Contato	Telefones
Praça da Matriz			
Casa da Porta Amarela			
Casa Sesi - SP		-	-
	Centro Histórico Paraty RJ		

Cenas

EXT.
DEPOIMENTO
CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO

Entrevistado	Personagem	Figurino	Maquiagem e cabelo
Luisa Destri Laura Folgueira Arethuzza Lemmini Bruna Kalil Othero	-	-	-

Gabriela Greeb			
----------------	--	--	--

<p style="text-align: center;">Cronograma da gravação</p> <p>12H30 Entrevista Luisa Destri</p> <p>13H30 Entrevista Laura Folgueira</p> <p>16H00 Entrevista Arethuza Lemmini</p> <p>16H30 Entrevista Bruna Kalil Othero</p> <p>20H00 Entrevista Gabriela Greeb</p>
--

Objetos	Arte/iluminação
-	-

- ORDEM DO DIA – (28/07/2018)

(Hilda Hilst. Um Símbolo de Resistência)

Telefone Produção:

Ana Helena Cologni – (11) 972848584

Graziela Palini – (11) 995422338

Jhessica Meira – (11) 972419209

Locação	Endereço	Contato	Telefones
Casa Hilda Hilst	Centro Histórico Paraty RJ	-	-

Cenas

EXT.
DEPOIMENTO
CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO

Entrevistado	Personagem	Figurino	Maquiagem e cabelo
Jurandy Valença Daniel Fuentes	-	-	-

Cronograma da gravação

16H30 Entrevista Jurandy Valença

17H00 Entrevista Daniel Fuentes

Objetos	Arte/iluminação
-	-

- ORDEM DO DIA – (03/09/2018)
(Hilda Hilst. Um Símbolo de Resistência)

Telefone Produção:

Ana Helena Cologni – (11) 972848584
Graziela Palini – (11) 995422338
Jhessica Meira – (11) 972419209

Locação	Endereço	Contato	Telefones
Escritório	Rua Apinajés, 930 apto 122 Metrô Sumaré (Saída N. Sra de Fátima)	-	-

Cenas

EXT.
DEPOIMENTO
CÂMERA PARADA/CÂMERA NA MÃO

Entrevistado	Personagem	Figurino	Maquiagem e cabelo
Leusa Araújo	-	-	-

Cronograma da gravação

14H00 Entrevista Leusa Araújo



Objetos	Arte/iluminação
-	-

10.4 TABELA DE GASTOS

PLANILHA DE GASTOS			
Descrição	Valor (R\$)	Quantidade	Total
Equipamentos			
Cartão	R\$ 140,00	2	R\$ 280,00
Microfone	R\$ 132,00	1	R\$ 132,00
Total			R\$ 412,00
Viagem à Paraty - Flip 2018			
Mesas Literárias	R\$ 28,00	3	R\$ 84,00
Supermercado	R\$ 173,10	1	R\$ 173,10
Estacionamento	R\$ 100,00	1	R\$ 100,00
Pedágio		ao todo	R\$ 46,60
Combustível		ao todo	R\$ 177,00
Hospedagem	R\$ 150,00	3	R\$ 450,00
Total			R\$ 1.030,70
Entrevistas			
Leusa Araújo	CPTM e Uber		R\$ 36,00
Total			R\$ 36,00
Impressões	Até	30/10/2018	
Autorizações de Imagem	R\$ 0,80	15	R\$ 12,00

Autorizações de Locação	R\$ 0,80	5	R\$ 4,00
Impressões gerais	R\$ 0,20	5	R\$ 1,00
Cópias gerais	R\$ 45,00	1	R\$ 45,00
Total			R\$ 62,00
Total			
Total Parcial	Equipamentos		R\$ 412,00
	Paraty - Flip 2018		R\$ 1.030,70
	Impressões		R\$ 62,00
Total Geral			R\$ 1.504,70

10.5 PROPOSTA TRANSMÍDIA

O que é Transmídia?

O termo transmídia nasceu no livro “Convergence Culture” (Cultura da Convergência) de Henry Jenkins em 2006, se trata de construir uma teia de conteúdos dispostos em diferentes meios de comunicação a fim de contar uma história e propiciar uma experiência de entretenimento diversificada. Cada canal contribui para o enriquecimento da mesma história, porém os conteúdos são independentes, não dependem um do outro para fazerem sentido na concepção de quem interage, mas somadas resultam em um maior conhecimento sobre a história.

“Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões.” (JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2009)

A Amavisse Produções pretende trabalhar principalmente com redes sociais e plataformas gratuitas de vídeo, como Youtube e Vimeo, além é claro de um site onde os conteúdos de todas as plataformas estarão reunidos de forma que funcione como um portfólio profissional da produtora. Para redes sociais como o Instagram e Facebook, pretendemos criar conteúdo diariamente, com stories e postagens no feed, trazendo making of de produções e curiosidades. Para as plataformas de vídeo, Youtube e Vimeo, pretendemos alimentá-las com conteúdo exclusivo das produções, como teasers e trailers, além de making of mais produzidos e posteriormente divulgar a obra completa.

A atual produção da Amavisse é o documentário Hilda Hilst: Um símbolo de resistência, que a princípio participará de festivais de cinema documentário, por conta disso, não divulgaremos a obra completa neste período por exigência destes festivais, porém, conteúdos extras serão produzidos sobre a obra.

A Amavisse Produções presa a inclusão, por isso todos os conteúdos, inclusive o documentário terão opções de legendas português/inglês, para possibilitar o acesso de mais pessoas ao filme, e conseqüentemente a obra de Hilda Hilst.

10.6 ROTEIRO

DOCUMENTÁRIO

**TÍTULO DA OBRA:
“HILDA HILST. SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA”**

VÍDEO:	ÁUDIO:
FOTOS DE ABERTURA (00:00:00:00-00:00:11:00) CAPA DOC (00:00:11:00-00:00:18:00)	- Trilha
ARTE 01 (00:00:18:00-00:00:26:00) GC JAÚ (00:00:18:00-00:00:24:00) GC 21 DE ABRIL (00:00:24:00-00:00:26:00) ARTE 02 (00:00:27:00-00:00:32:00) GC BEDECILDA (00:00:29:00-00:00:30:00) GC APOLONIO (00:00:31:00-00:00:32:00) ARTE 03 (00:00:32:00-00:00:40:00)	- Locução Off: HILDA HILST NASCEU EM JAÚ/ INTERIOR DE CAMPINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO/ NO DIA 21 DE ABRIL DE 1930/ FILHA DE BEDECILDA VAZ CARDOSO E APOLÔNIO DE ALMEIDA PRADO HILST// HILDA VIVEU PARTE DE SUA INFÂNCIA NO LITORAL E NO CENTRO DE SÃO PAULO/ SEUS PAIS SE SEPARARAM LOGO APÓS SEU NASCIMENTO/ ASSIM FOI CRIADA APENAS POR SUA MÃE/ ANOS DEPOIS SEU PAI FOI
ARTE 04 (00:00:40:00-00:00:43:00) ARTE 02 (00:00:44:00-00:00:52:00) GC ESQUIZOFRENIA (00:48:00-00:52:00)	DIAGNOSTICADO COM ESQUIZOFRENIA/ E TANTO A LOUCURA QUANTO A GENIALIDADE DELE SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES EM SUA OBRA//
ARTE 05 (00:00:53:00-00:00:59:00) ARTE 06 (00:00:59:00-00:01:04:00)	HILDA COMEÇOU A CATIVAR OLHARES DESDE O COLÉGIO E ASSIM SEGUIU PELO RESTO DA VIDA/ DONA DE UMA

<p>ARTE 07 (00:01:05:00-00:01:14:00)</p>	<p>BELEZA INVEJÁVEL E UM INTELECTO</p>
<p>GC UNIVERSIDADE</p>	<p>ADMIRÁVEL/ ERA NOTADA POR ONDE</p>
<p>(00:01:04:00-00:01:14:00)</p>	<p>PASSAVA//</p>
<p>GC LARGO SÃO FRANCISCO</p>	<p>SE FORMOU NO CURSO DE DIREITO NA</p>
<p>(00:01:08:00-00:01:14:00)</p>	<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO NO</p>
<p>ARTE 08 (00:01:16:00-00:01:24:00)</p>	<p>LARGO SÃO FRANCISCO/ PARA</p>
<p>GC LANÇAMENTO LIVRO (00:</p>	<p>AGRADAR A MÃE/ JÁ QUE O QUE</p>
<p>GC PRESSÁGIO</p>	<p>SEMPRE QUIS MESMO ERA</p>
<p>(00:01:19:00-00:01:24:00)</p>	<p>ESCREVER//</p>
<p>ARTE 09 (00:01:25:00-00:01:32:00)</p>	<p>ELA LANÇOU SEU PRIMEIRO LIVRO EM</p>
<p>ARTE 10 (00:01:32:00-00:01:41:00)</p>	<p>1950 AOS 20 ANOS/ CHAMADO</p>
<p>ARTE 11 (00:01:41:00-00:01:47:00)</p>	<p>PRESSÁGIO/ CAUSANDO EXPECTATIVA</p>
<p>GC POESIA (00:01:45:00-00:01:47:00)</p>	<p>ENTRE O MEIO ACADÊMICO E</p>
<p>ARTE 12 (00:01:48:00-00:01:59:00)</p>	<p>LITERÁRIO//</p>
<p>GC PRÊMIO</p>	<p>HILDA SEMPRE TEVE UMA VIDA SOCIAL</p>
<p>ANCHIETA(00:01:50:00-00:01:59:00)</p>	<p>AGITADA/ ASSIM COMO A AMOROSA/</p>
<p>GC PRÊMIO JABUTI</p>	<p>NÃO SE PRENDIA À CONVENÇÕES</p>
<p>(00:01:56:00-00:01:59:00)</p>	<p>SOCIAIS/ COMO RELACIONAMENTOS</p>
<p>ARTE 13 (00:02:00:00-00:02:10:00)</p>	<p>MONOGÂMICOS/ OU O PAPEL QUE LHE</p>
<p>GC RECONHECIMENTO</p>	<p>ERA IMPOSTO A EXERCER SENDO</p>
<p>(00:02:04:00-02:11:00)</p>	<p>MULHER/ TINHA DIFERENTES</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>PRECEITOS DE COMPORTAMENTO//</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>DURANTE A CRIAÇÃO DE SUA OBRA</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>PERCORREU DIVERSOS CAMPOS</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>LITERÁRIOS/ COMO O DA POESIA/</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>PROSA/ TEATRO E DRAMATURGIA</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>TENDO RECEBIDO GRANDES PRÊMIOS</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>COMO O PRÊMIO ANCHIETA EM 1969/ O</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>JABUTI EM 1993 E 1994/ ENTRE</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>OUTROS/</p>
<p>ARTE 14 (00:02:11:00-00:02:31:00)</p>	<p>E MESMO COM UM ACERVO LITERÁRIO</p>

<p>ARTE CAPÍTULO 01 (00:02:31:00-00:02:36:00) ARTE FEMINISMO (00:02:37:00-00:02:40:00)</p>	<p>IMENSO E ELOGIÁVEL/ HILDA NUNCA RECEBEU O DEVIDO E MEREcido RECONHECIMENTO/ POR SER MULHER/ NO SÉCULO VINTE/ E BRASILEIRA// APESAR DAS DIVERSAS DIFICULDADES ENFRENTADAS AO LONGO DE SUA VIDA/ HILDA JAMAIS DESISTIU DE SE COMUNICAR/ DE TENTAR TOCAR O OUTRO ATRAVÉS DOS SEUS LIVROS/ POR MAIS DIFÍCIL QUE SEJA CONSIDERADA/ HILDA FINALMENTE COMEÇA A GANHAR NOTORIEDADE//</p>
<p>ARTE CAPÍTULO 01 INSERT 01 (00:02:40:00-00:02:42:00)</p>	<p>-Audio off: OLHA QUE O CORPO É DE LUTA E NÃO DE PERFUMARIA</p>
<p>GC ARTE LAURA FOLGUEIRA IMAGEM CAM 01 LAURA PRIMEIRO PLANO P $\frac{3}{4}$ (00:02:44:00-00:00:02:53:00) IMAGEM CAM 02 LAURA PLANO FECHADO $\frac{3}{4}$ (00:02:53:00-00:03:00:00) IMAGEM CAM 01 LAURA (00:03:00:00-00:03:31:00)</p>	<p>-Entrevistas: A HILDA FOI ESSA MULHER REVOLUCIONÁRIA/ E REVOLUCIONÁRIA NA LITERATURA/ NA ESCOLHA DE LITERATURA E ESCOLHAS QUE ELA FEZ NA VIDA// ENTÃO ELA FOI UMA MULHER QUE ABRIU MÃO DE UMA BOA PARTE DA VIDA MUNDANA / ASSIM/ PRA SE DEDICAR INTEIRAMENTE À LITERATURA/ UMA ESPÉCIE DE CONVERSÃO MESMO// NUM CERTO</p>

<p>IMAGEM CAM 02 LAURA PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:03:31:00-00:03:41:00)</p>	<p>PONTO DA VIDA ELA DECIDE QUE A MISSÃO DELA/ O CHAMAMENTO DELA É ESCREVER/ É CRIAR UMA OBRA LITERÁRIA E ELA SE DEDICA INTEIRAMENTE A ISSO// SAI DE SÃO PAULO CONSTRÓI A CASA DO SOL/ TUDO ISSO SÃO ATOS MUITO REVOLUCIONÁRIOS E MUITO DE ENTREGA TOTAL À LITERATURA/ ENTÃO TRAZER A FIGURA DELA É IMPORTANTE PORQUE NÃO SÓ NOS LEMBRA QUE AS MULHERES SÃO REVOLUCIONÁRIAS/ E SÃO CAPAZES DE FAZER UM GRANDE TRABALHO/ COMO NOS LEMBRA DE QUE A LITERATURA PODE ESTAR NO CENTRO DE TUDO//</p>
<p>GC ARTE BRUNA KALIL IMAGENS CAM 01 BRUNA PLANO FECHADO $\frac{3}{4}$ (00:03:42:00-00:04:00:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:03:58:00-00:03:52:00) IMAGEM CAM 01 PLANO FECHADO $\frac{3}{4}$ (00:03:53:00-00:04:00:00) IMAGEM CAM 2 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:04:00:00-00:04:14:00) IMAGEM CAM 1 PLANO FECHADO (00:04:15:00-00:04:18:00)</p>	<p>BRUNA: EU ACHO QUE ELA PREENCHE VÁRIOS QUESITOS INTERESSANTES PRA PENSAR NA LITERATURA HOJE/ PORQUE PRIMEIRO ELA É UMA MULHER E A GENTE ESTÁ NUM TEMPO EM QUE O FEMINISMO ESTÁ GRITANDO E EXIGINDO VÁRIAS DEMANDAS/ E ELA É UMA MULHER MUITO LIVRE PRA ÉPOCA DELA ENTÃO ELA COMEÇA A ESCREVER// O PRIMEIRO LIVRO DELA É DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA ELA TINHA VINTE ANOS/ E ELA JÁ ERA UMA MULHER COMPLETAMENTE LIVRE/ DA FORMA POR EXEMPLO/ SEXUAL/ ELA NÃO SE PRENDIA A</p>

<p>GC ARTE ARETHUZA IMAGEM CAM 1 ARETHUZA PRIMEIRO PLANO (00:04:18:00-00:04:32:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO CONTRA PLONGEE (00:04:32:00-00:04:42:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:04:43:00-00:04:50:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO CONTRA PLONGEE (00:04:50:00-00:04:56:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:04:57:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:05:04:00-00:05:07:00)</p> <p>GC ARTE LEUSA IMAGEM CAM 01 LEUSA PRIMEIRO PLANO (00:05:08:00-00:05:13:00)</p>	<p>RELACIONAMENTOS MONOGÂMICOS/ ELA SAÍA COM VÁRIOS HOMENS/ ELA NÃO SE IMPORTAVA MUITO COM AS CONVENÇÕES SOCIAIS E MUITO MENOS COM AS CONVENÇÕES LITERÁRIAS//</p> <p>ARETHUSA: O ESCRITOR/ É MUITO DIFÍCIL SER UM ESCRITOR/ SER UMA ESCRITORA É MAIS DIFÍCIL AINDA E ACHO QUE ELA É UM EXEMPLO MÁXIMO TALVEZ DISSO/ PORQUE ELA ERA CONSIDERADA DIFÍCIL E ELA ERA MENOSPRESADA TALVEZ POR SER UMA MULHER QUE ESCREVIA DIFÍCIL E SER TÃO LÍRICA E SER TÃO INSISTENTE/ TANTO QUE A TRILOGIA PORNOGRÁFICA VEIO DO: "PORQUE VOCÊ NÃO ESCREVE UMAS BANDALHEIRAS DE VEZ EM QUANDO?" E A BANDALHEIRA DELA VEIO AQUELA TRILOGIA PORNOGRÁFICA NÉ/ QUE NÃO ERA A BANDALHEIRA QUE SE ESPERAVA/ ENTÃO EU ACHO QUE A QUESTÃO DE RESISTÊNCIA.../ EU ACHO QUE É PRA../ FOI POR ISSO QUE../ O QUE MAIS ME PEGA/ UM EXEMPLO DE RESISTÊNCIA DE ARTISTA/ PORQUE O ESCRITOR É UM ARTISTA QUE RESISTE//</p> <p>LEUSA: PÓS FLIP ALGUMAS PESSOAS QUESTIONARAM MUITO O FEMINISMO OU NÃO DA HILDA ATÉ PORQUE AS</p>
---	---

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:05:14:00-00:05:23:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:05:24:00-00:05:33:00)</p>	<p>MULHERES SÃO EXTREMAMENTE CRITICADAS DENTRO DA PROSA DELA/ AS PERSONAGENS/ VÁRIAS PERSONAGENS FEMININAS DA HILDA SÃO MULHERES DERRAMADAS/ O VOCABULÁRIO É TODO PASTELZINHO/ VERDE CLARO/ AZUL CLARO/</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:05:34:00-00:05:49:00)</p>	<p>JUSTAMENTE PORQUE A HILDA ERA EXTREMAMENTE CRÍTICA EM RELAÇÃO ÀS MULHERES/ E DAÍ QUE EU ACHO</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:05:50:00-00:05:57:00)</p>	<p>ELA MUITO MAIS FEMINISTA DO QUE AS OUTRAS FEMINISTAS QUE APENAS FALAM DE UM PONTO DE VISTA/ DE ACOLHER TUDO QUE VEM DA MULHER E DE NÃO EXERCER UMA CRITICIDADE FORTE EM RELAÇÃO A MULHER/ COMO FEZ A SIMONE BEAUVOIR/ POR</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:05:58:00-00:06:04:00)</p>	<p>EXEMPLO/ QUE É SÓ LER O SEGUNDO SEXO PRA VER O QUANTO A SIMONE BEAUVOIR É IMPLACÁVEL COM AS MULHERES QUE COMEÇAM A</p>
<p>GC ARTE LUISA IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:06:05:00-00:06:13:00)</p>	<p>ESCREVER MUITO TARDE OU QUE PUBLICAM DIÁRIOS ÍNTIMOS OU QUE FICAM APENAS NAS SUAS QUESTÕES SUBJETIVAS//</p> <p>LUISA: É QUE A GENTE PODE FALAR DISSO EM DOIS SENTIDOS NÉ/ TEM UM CASO/</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:06:14:00-00:06:28:00)</p>	<p>POR EXEMPLO/ QUE A GENTE CONTA NO LIVRO EU E NÃO OUTRA/ NA DÉCADA DE SESSENTA TEVE UMA ALTERAÇÃO NO CÓDIGO CIVIL RELATIVO ÀS MULHERES/ ENTÃO TEVE UMA MATÉRIA QUE TANTO ELA COMO A</p>

<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:06:29:00-00:06:41:00)</p>	<p>LYGIA FAGUNDES TELLES SÃO ENTREVISTADAS E A LYGIA DÁ UMA RESPOSTA QUE SE ESPERA DE UMA FEMINISTA FALANDO QUE AQUELE AVANÇO É MUITO IMPORTANTE/ QUE DEMOROU PRA SER RECONHECIDO TAL/ E A HILDA TEM UMA RESPOSTA BEM PROVOCATIVA E DIZ: "OLHA EU ACHO QUE AS MULHERES NÃO TÊM QUE TER MAIS DIREITOS/ AS</p>
<p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃOS (00:06:42:00-00:06:48:00)</p>	<p>MULHERES SÓ TEM UM DEVER/ QUE É O DE AMAR/ EU SOU FAVORÁVEL A UM RETORNO À IDADE MÉDIA" E O</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:06:49:00-00:06:51:00)</p>	<p>JORNALISTA NÃO PEGA ESSE JOGO DELA/ ENTÃO NESSE CASO</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:06:52:00-00:07:02:00)</p>	<p>ESPECÍFICO ELA TEM UM CUIDADO DE RESSALTAR A IMPORTÂNCIA DESSA MUDANÇA DE UM JEITO COMPLEXO</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:07:03:00-00:07:07:00)</p>	<p>MAS AO MESMO TEMPO ELA NÃO QUER SE FILIAR/ ELA NÃO QUER TER UM DISCURSO MUITO CLARAMENTE FEMINISTA/ PORQUE NAQUELE</p>
<p>IMAGEM CAM 01 LEUSA PRIMEIRO PLANO (00:07:08:00-00:07:17:00)</p>	<p>MOMENTO ELA ENTENDIA QUE AQUILO NÃO ERA INTERESSANTE PRA ELA//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:07:18:00-00:07:32:00)</p>	<p>LEUSA:</p>
	<p>TODAS AS DECLARAÇÕES DA HILDA NESSE ASPECTO E CONHECENDO A HILDA SÃO DE UM AVANÇO/ DE UMA DISCUSSÃO TÃO MAIS AVANÇADA/ A HILDA FALAVA NO ULTRAPASSAMENTO DO GÊNERO/ ISSO TÁ NO UNICÓRNIO QUE FOI ESCRITO EM MIL NOVECENTOS E SETENTA QUE ERA UM PROJETO INICIAL AÍ DE CASA DO SOL</p>

IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO

(00:07:33:00-00:07:55:00)

IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO

(00:07:56:00-00:08:32:00)

GC ARTE LAURA

EM QUE A IRMÃ LÉSBICA E O IRMÃO PEDERASTA/ QUE É COMO SE CHAMAVA O GAY NA ÉPOCA/ ENTÃO ASSIM/ ERA UMA TRÍADE/ UMA MULHER/ UMA LÉSBICA E UM PEDERASTA/ ISSO TÁ NO UNICÓRNIO/ ENTÃO ESSA QUESTÃO POR QUE É/ O QUE É/ TODA A QUESTÃO DA SEXUALIDADE DESSAS OPÇÕES ESTÃO NA OBRA DELA//

LUISA:

UM OUTRO SENTIDO DAS PROVOCAÇÕES QUE ELA FAZIA É QUANDO ELA LANÇA A OBRA CONSIDERADA PORNOGRÁFICA DELA/ E AÍ EU ACHO QUE É UMA SAÍDA DE UMA ESCRITORA QUE TÁ UM POUCO CANSADA DE NÃO SER LEVADA A SÉRIO COMO QUER/ E AO MESMO TEMPO DE UMA LEVEZA DE TER UM HUMOR NO MODO QUE ELA VAI SE COLOCAR COM OS JORNALISTAS/ QUE É SARCÁSTICO E QUE JÁ É UMA POSTURA MUITO DIFERENTE DE UMA ESCRITORA QUE QUER SENTAR E DEBATER SUA IDEIAS COM JORNALISTAS/ EU ACHO QUE AÍ ELA JÁ ESTÁ PROCURANDO UMA FIGURA MAIS DIFERENTE QUE PROVOQUE UM INTERESSE PELO HUMOR/ ENFIM/ PELA PROVOCAÇÃO//

LAURA:

NENHUMA AFIRMAÇÃO DA HILDA EM

<p>IMAGEM CAM 01 LAURA PRIMEIRO PLANO (00:08:33:00-08:50:00)</p>	<p>VIDA A GENTE PODE TOMAR LITERALMENTE/ É UM ERRO/ PORQUE ELA SEMPRE SABE O QUE ESTÁ ESTAVA TENTANDO CAUSAR NO INTERLOCUTOR// AGORA NA OBRA A GENTE TEM TAMBÉM ALGUNS EXEMPLOS DE MULHERES FORTES/ DE MULHERES/ ACHO QUE HOJE A GENTE USARIA A PALAVRA EMPODERADA/ EMBORA EU NÃO ACHE QUE SEJA UMA PALAVRA MUITO HILSTIANA DIGAMOS//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃOS PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:08:51:00-00:09:00:00)</p>	<p>-Áudio Off: COMO SE TE PERDESSE NOS TRENS/ NAS ESTAÇÕES OU CONTORNANDO O CÍRCULO DE ÁGUAS/ REMOVENTE AVE ASSIM TE SOMO A MIM DE REDES E DE ANSEIOS INUNDADA</p>
<p>ARTE CAPÍTULO 02 INSERT 02 (00:09:10:00-00:09:21:00)</p>	<p>-Entrevista: JURANDY: A HILDA SURGIU QUANDO EU TINHA 10 ANOS DE IDADE/ EU SEMPRE FUI MEIO PRECOCE/ SEMPRE ADOREI MUITO LITERATURA E EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE PASSOU NO FANTÁSTICO UM PROGRAMA SOBRE A HILDA FALANDO DA HISTÓRIA DAS VOZES</p>
<p>GC ARTE JURANDY IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:09:22:00-00:09:32:00)</p>	
<p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃOS (00:09:33:00-00:09:37:00)</p>	

<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:09:37:00-00:09:45:00)</p>	<p>DOS MORTOS A</p>
<p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃOS (00:09:46:00-00:09:49:00)</p>	<p>TRANSCOMUNICAÇÃO// EU COM 10</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:09:50:00-00:09:56:00)</p>	<p>ANOS/ NA SALA/ ADORAVA VER A</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:09:57:00-00:10:02:00)</p>	<p>ABERTURA DO FANTÁSTICO/ DO PROGRAMA/ FIQUEI OUVINDO E VENDO AQUELA SITUAÇÃO E EU ACHEI MUITO INTERESSANTE/ GUARDEI ISSO NA MINHA MEMÓRIA/ DEZ ANOS DEPOIS UMA GRANDE AMIGA DA UNIVERSIDADE/ QUANDO EU FIZ ENGENHARIA QUÍMICA/ DEPOIS MUDEI PRA JORNALISMO/ QUANDO EU MUDEI PRA</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:02:00-00:10:06:00)</p>	<p>JORNALISMO UMA AMIGA MINHA APRESENTOU A OBSCENA</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:10:07:00-00:10:14:00)</p>	<p>SENHORA D/ ISSO NO FINAL DOS ANOS 80 EM MACEIÓ/ ENTÃO A MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM HILDA FOI A OBSCENA</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:15:00-00:10:28:00)</p>	<p>SENHORA D// FOI UM LIVRO QUE ME ATRAVESSOU PROFUNDAMENTE/ COMECEI A BUSCAR MAIS</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:15:00-00:10:28:00)</p>	<p>INFORMAÇÕES SOBRE ELA E PENSEI COMIGO/ A HILDA HILST É O JAMES JOYCE DA LÍNGUA</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:15:00-00:10:28:00)</p>	<p>PORTUGUESA/ EU TINHA LIDO UMA RECÉM BIOGRAFIA DO JOYCE A QUAL FALAVA QUE O SAMUEL BECKETT/ O DRAMATURGO/TINHA SIDO O SECRETÁRIO DO JOYCE/ E EU PENSEI EU VOU PRA CAMPINAS</p>

<p>GC ARTE DANIEL IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:29:00-00:10:32:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO CONTRA PLONGEE (00:10:33:00-00:10:38:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:10:39:00-00:11:28:02)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRISSIMO PLANO LATERAL (00:10:49:00- 00:11:28:04)</p>	<p>PRA SER O “BECKETT” DA HILDA//</p> <p>DANIEL: A HILDA ERA UM PERSONAGEM NA MINHA VIDA QUE SEM DÚVIDA ESTAVA NO REGISTRO DA FAMÍLIA/ ACHO QUE É A FAMÍLIA MAIS PRÓXIMA EMBORA NÃO SEJA A FAMÍLIA DE SANGUE/ O QUE ELA CHAMADA DE FAMÍLIA ELETIVA/ AGORA/ EU NÃO CONSIGO TROCAR A FIGURA/ NÃO CONSIGO DIZER QUE ELA ERA A MINHA MÃE/ PORQUE EU TENHO A MINHA MÃE/ NÃO ERA A MINHA AVÓ/ PORQUE EU TINHA MEUS AVÓS/ MORRERAM JÁ/ MAS EXISTIAM/ ENTÃO NÃO É UMA TIA/ NÃO TEM ESSA FIGURA/ MAS A HILDA É A HILDA//EU LEMBRO UMA VEZ A MINHA MÃE RIU DE DE MIM/ EU ERA MOLEQUE/ SEI LÁ/ TALVEZ OITO ANOS/SEIS ANOS/ EU ERA BEM CRIANÇA/ E AÍ EU FALEI NA ESCOLA QUE NAS FÉRIAS EU IA PRA FAZENDO DA MINHA AVÓ/ QUE DAÍ A MINHA MÃE FALOU ASSIM: “PÔ DANIEL/ ELA NÃO É A SUA AVÓ E NEM É UMA FAZENDA”//</p> <p>LEUSA: EU CONHECI A HILDA EM MIL</p>
---	--

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:11:28:05-00:12:23:30)</p>	<p>NOVECENTOS E OITENTA E CINCO/ DE OITENTA PRA OITENTA E CINCO COMECEI A LER TUDO QUE EU ENCONTRAVA NOS SEBOS/ MAS SEMPRE FUI MUITO TÍMIDA/ CHEGUEI A FICAR PERTO DO BAR ONDE ELA LANÇOU UM DOS LIVROS DE POESIA DELA EM OITENTA E TRÊS/ MAS NÃO TIVE CORAGEM DE ENTRAR/ NÃO SABIA MUITO COMO FUNCIONAVA UM LANÇAMENTO// UM AMIGO MEU LUIZ ALGARRA/ UM PRIMO DELE FAZIA O CURSO DA HILDA NA UNICAMP/ A HILDA ERA PROFESSORA RESIDENTE NA UNICAMP/ EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E CINCO/ E AÍ ME CONVIDOU: “VAMOS LÁ NA CASA</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:12:03:00 - 00:12:23:05) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (</p>	<p>DELA/ VAMOS NA CARA DURA/ EU LIGO E A GENTE MARCA”/ EU ACHEI MUITO APAVORANTE A IDEIA DE INVADIR A CASA DE UM ESCRITOR MAS ME SENTI CONFIANTE PELO FATO DE JÁ SER LEITORA DA HILDA/ ENTÃO FOI ASSIM QUE EU CHEGUEI ATÉ A CASA DO SOL//</p>
<p>IMAGEM CAM 01 JURANDY (00:12:23:20-00:12:28:13)</p>	<p>JURANDY: ENTÃO QUANDO EU FIZ VINTE E UM ANOS DE IDADE/ EU SOU MAIOR DE IDADE/ PEGUEI UM ÔNIBUS E VIM</p>

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:12:17:00-00:12:29:00)</p>	<p>PRA SÃO PAULO PARA MORAR NUMA PENSÃO/ CONSEGUI O TELEFONE DA CASA DO SOL/ E UM ORELHÃO LIGUEI TRÊS VEZES/ NA TERCEIRA TENTATIVA A HILDA ATENDEU/ EU EMOCIONADO/ CHORANDO ME APRESENTEI: “MEU</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:12:30:00-00:12:35:00)</p>	<p>NOME É JURANDY VALENÇA/ EU VIM DE MACEIÓ/ TENHO VINTE E UM ANOS DE IDADE E QUERO CONHECER A SENHORA.”/ ELA DISSE: “VOCÊ PODE ME CHAMAR DE VOCÊ. MAS O QUE VOCÊ LEU MEU?” AÍ EU FALEI O QUE TINHA</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:12:35:00-00:12:49:00)</p>	<p>LIDO E ELA DISSE: “OLHA/ GOSTEI DA SUA ATITUDE/ MAS EU MORO NO MEIO DO MATO/ NUMA CHÁCARA.” EU DISSE: “EU SEI, MAS EU VOU A PÉ.” ELA DISSE: “NÃO, VOCÊ TEM PAPEL E CANETA AÍ?”. EU DISSE: “TENHO.” ELA PASSOU O TELEFONE</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:12:49:00-00:13:02:00)</p>	<p>DO JOSÉ LUIS MORA FUENTES E DA OLGA BILENKY/ EU LIGUEI PRA ELES E COMBINEI UM SÁBADO DE IR NA CASA/ E ASSIM FOI/ FUI NA CASA NO SÁBADO NOS CONHECEMOS/ FOI A NOITE QUE EU TOMEI UM PORRE DE WHISKY/ MEU PRIMEIRO PORRE DE WHISKY/ E A PARTIR DAÍ/ ISSO FOI NOVEMBRO DE NOVENTA// HILDA</p>

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:13:02:00-00:13:07:00)</p>	<p>ME CONVIDOU PRA PASSAR NATAL E <i>RÉVEILLON</i> COM ELA E COM OS</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:13:08:00-00:13:11:00)</p>	<p>AMIGOS/ PASSEI/ QUANDO FOI MARÇO DE NOVENTA E UM NUM</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:13:11:00-00:13:20:00)</p>	<p>FINAL DE SEMANA/ QUE EU IA TODOS FINAIS DE SEMANA PRA</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:13:21:00-00:13:29:00)</p>	<p>CHÁCARA/ ELA DISSE: “JU QUERO TE FAZER UM CONVITE.” EU DISSE:</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:13:30:00-00:13:39:00)</p>	<p>“O QUE É HILDA?” “QUERIA TE OFERECER TRÊS COISAS: CASA</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:13:40:00-00:13:47:00)</p>	<p>COMIDA E TEMPO. SÓ NÃO POSSO OFERECER DINHEIRO QUE EU NÃO</p>
<p>IMAGEM CAM 01 LEUSA PRIMEIRO PLANO (00:13:47:00-00:13:58:00)</p>	<p>TENHO/ MAS VOCÊ VAI VER QUE O TEMPO É MAIS VALIOSO DO QUE O</p>
	<p>DINHEIRO. SE VOCÊ ACEITAR ADORARIA QUE VOCÊ</p>
	<p>TRABALHASSE COMIGO/ FOSSE MEU SECRETÁRIO/ ME AJUDASSE A</p>
	<p>ORGANIZAR A BIBLIOTECA/ ME FIZESSE COMPANHIA/ AJUDASSE A</p>
	<p>GOVERNAR A CASA.”// E A PARTIR DE MARÇO E NOVENTA E UM EU</p>
	<p>FIQUEI NA CASA CERCA DE QUATRO ANOS//</p>
	<p>LEUSA: COMO EU SEMPRE DIGO A MINHA</p>
	<p>GERAÇÃO QUE FOI CHEGANDO NA CASA DO SOL/ FOI MUITO</p>
	<p>DIFERENTE DA GERAÇÃO QUE COMEÇOU COM A HILDA NA CASA</p>

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:13:58:00-00:14:04:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:14:04:00-00:14:10:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:14:11:00-00:14:14:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:14:14:00-00:14:26:00)</p>	<p>DO SOL/ CAIO FERNANDO ABREU/ JOSÉ LUIS MORA FUENTES/ ENTÃO A GENTE/ ESSA GERAÇÃO JOVEM/ ELA CHEGOU JÁ COM UM PAPEL/ UMA CERTA MISSÃO QUE ERA: A HILDA NÃO ERA UMA ESCRITORA LIDA/ E EU PASSEI A FAZER UMA ESPÉCIE DE AGENCIAMENTO MUITO RUDIMENTAR AINDA/ DA OBRA DELA/ EMBORA TODO MUNDO SOUBESSE QUEM ELA É//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 JURANDY PRIMEIRISSÍMO PLANO ¾ (00:14:27:00-00:14:37:00)</p>	<p>JURANDY: HAVIA O COTIDIANO/ QUER DIZER/ OS DOIS PRIMEIROS ANOS PRINCIPALMENTE/ FOI UM PERÍODO DE MUITA LEITURA/ A HILDA ELA INDICAVA DETERMINADAS LEITURAS/ POR EXEMPLO/ QUANDO EU LI PRA ELA/ DIAS DEPOIS QUE EU ESTAVA MORANDO LÁ/ EU</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:14:38:00-00:14:46:00)</p>	<p>DISSE: “HILDA EU QUERO LER OS MEUS POEMAS DE JOVENILHA PRA VOCÊ DAR OPINIÃO.” ELA DISSE: “CLARO JU.” E AI EU SEPAREI VINTE POEMAS/ ELA DISSE: “VOCÊ VAI LER TODOS OS POEMAS PRA EU SABER O SEU TOM/ QUANDO VOCÊ</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRISSIMO PLANO ¾ (00:14:46:00-00:15:13:27)</p>	<p>ACABAR EU DOU MINHA OPINIÃO, OK?.” E AÍ EU LI OS VINTE POEMAS E AO FINAL ELA TOCOU</p>

<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:15:00:00-00:15:06:00)</p>	<p>DELICADAMENTE O MEU OMBRO E FALOU: “JU/ ISSO NÃO É POESIA/ ISSO É UMA MERDA” EU FIQUEI CHOCADO/ CATATÔNICO/ ERA O MEU MITO FALANDO AQUILO PRA MIM/ E AI ELA LEVANTOU-SE DA MESA DO ESCRITÓRIO E FOI ATÉ</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:15:06:00-00:15:15:00)</p>	<p>UMA DAS ESTANTES QUE TEM VÁRIAS BIBLIOTECAS NA CASA E ELA ESCOLHEU TRÊS LIVROS/ E EU ACHANDO QUE ERA UM LIVRO DE POESIA E ERA ECCE HOMO NO NIETZSCHE/ TEMOR E TREMOR DO KIERKEGAARD E O LIVRE ARBÍTRIO DO SCHOPENHAUER/ TODOS</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:15:15:00- IMAGEM CAM 02 INSERT MÃOS (00:15:15:32:2600:15:36:23)</p>	<p>FILÓSOFOS EXISTENCIALISTAS E EU DISSE: “HILDA MAS É FILOSOFIA.” ELA DISSE: “JU/ MAS O GRANDE POETA ELE NÃO TEM QUE OLHAR PRO MUNDO EXTERIOR/ ELE TEM QUE OLHAR PRA DENTRO/ E A FILOSOFIA VAI PROPORCIONAR UMA VIAGEM PARA DENTRO DE VOCÊ//</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:15:25:00-00:15:38:00)</p>	<p>LEUSA: E A HILDA FOI A PESSOA MAIS INTELIGENTE/ GENIAL QUE EU TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER/ ELA ERA UMA MULHER MUITO ENGRAÇADA/ SUPER BEM</p>
<p>IMAGEM CAM 01 LEUSA PRIMEIRO PLANO (00:15:38:00-00:15:52:00)</p>	<p></p>

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:15:52:00-00:16:00:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:16:00:00-00:16:07:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:16:07:00-00:16:27:17)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:16:21:00-00:16:24:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:16:24:00-00:16:28:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:16:28:00-00:16:40:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:16:40:00-00:16:50:00)</p>	<p>HUMORADA/ INTELIGENTÍSSIMA/ TAVA SEMPRE CIENTE DOS ACONTECIMENTOS DO MUNDO LITERÁRIA/ ELA RECEBIA JORNAIS/ ASSINAVA JORNAIS E OS AMIGOS MANDAVAM MATERIAL PRA ELA DE OUTROS PAÍSES/ ELA ESTAVA SEMPRE MUITO INFORMADA/ MUITO ATUALIZADA/ ERA BOM DE CONVERSAR COM ELA/ E MUITO EMOCIONANTE QUANDO ELA FAZIA A POESIA/ ELA LIA COM SOTAQUE DA MÃE/ COM SOTAQUE PORTUGUÊS DE PORTUGAL/ ERA MUITO COMOVENTE VER ELA LENDO A POESIA E PRA MIM ERA UMA SURPRESA QUE ELA MANTIVESSE ESSE RIGOR/ ENTÃO É IMPORTANTE LER A HILDA PRA VOCÊ SABER QUAL A DIFERENÇA DO TRATAMENTO QUE ELA TINHA MESMO/ A POESIA ESTAVA NUM LUGAR MUITO SUBLIME/ MUITO RELIGIOSO/ A HILDA DIVIDE ESSES TRÊS IMPORTANTES LUGARES DA POESIA/ DA PROSA E DO TEATRO//</p> <p>JURANDY: A HILDA LIA ENTRE OITO E DEZ HORAS POR DIA/ TODOS OS DIAS/ MAS PONTUALMENTE NO FINAL DA</p>
---	--

<p>IMAGEM CAM 02 JURANDY PRIMEIRÍSSO PLANO (00:16:50:00-00:16:54:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:16:54:00-00:17:02:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:17:02:00-00:17:08:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:17:08:00- 00:17:14:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:17:14:00-07:17:22:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:17:22:00-00:17:32:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:17:33:00-00:17:37:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:17:37:00-00:17:49:00)</p>	<p>TARDE NÓS TOMÁVAMOS UM CHÁ COM AMIGOS QUE ESTIVESSEM TAMBÉM NA CASA NA OCASIÃO E ELA VOLTAVA PRA LER E ÀS OITO HORAS DA NOITE ELA PRA SALA PRA VER O JORNAL NACIONAL E A NOVELA DAS NOVE E TOMAR WHISKY/ ENTÃO JÁ APRONTÁVAMOS A MESINHA/ O CANTINHO DELA/ OITO HORAS ELA IA PRA LÁ E ESTÁVAMOS COM AMIGOS OU SÓ EU E ELA COM DANTE E COMENTÁVAMOS SOBRE NOVELA/ VIÁMOS FILMES TUDO EM VHS NA ÉPOCA/ TINHA VÍDEO CASSETE/ E FALÁVAMOS SOBRE FILOSOFIA E NO MEIO DE UM COMENTÁRIO SOBRE UMA ATRIZ DE UMA NOVELA ELA PODIA PERGUNTAR: “MAS O QUE VOCÊ REALMENTE ACHA DA MORTE, DO DESEJO? O QUE É DEUS PRA VOCÊ JU?” MAS ELA FALAVA ISSO DE UMA FORMA COMPLETAMENTE NATURAL// A HILDA TEM UMA ERUDIÇÃO IMPRESSIONANTE E ELA IA DO PROFANO AO SAGRADO/ DO BAIXO CALÃO ATÉ A ALTA ERUDIÇÃO DE UMA MANEIRA MUITO SIMPLES E SEM PEDANTISMO//</p>
---	---

<p>ARTE CAPÍTULO 03 INSERT 03 (00:17:57:00-00:18:03:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 DANIEL PRIMEIRO PLANO (00:18:03:00-00:18:12:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:18:12:00-00:18:22:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:18:22:00-00:18:30:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃO DANIEL (00:18:31:00-00:18:34:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:18:34:00-00:18:44:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:18:44:00-00:18:50:00)</p>	<p>-Audio off: NADA FICOU DE MIM ALÉM DE EU MESMA/ TÊNUE VONTADE DE POESIA</p> <p>DANIEL: A HILDA ELA FOI A PESSOA NA MINHA VIDA QUE MAIS ME DEU PRESENTES/ EU ACHO QUE SEM DÚVIDA O ÚLTIMO PRESENTE FOI O MAIS LINDO QUE FOI OS DIREITOS AUTORAIS/ MAS QUEM ME ENSINOU A RESPONSABILIDADE SOBRE ESSES DIREITOS AUTORAIS FOI O MEU PAI/ O JOSÉ LUIS MORA FUENTES/ ESCRITOR/ GRANDE AMIGO DE VIDA DA HILDA/ E SEMPRE ME DEIXOU CLARO DESSA IMPORTÂNCIA// EU PASSEI MINHA ADOLESCÊNCIA INTEIRA SABENDO QUE EU HERDARIA OS DIREITOS/ SÓ QUE A HILDA NUNCA CONVERSOU COMIGO SOBRE ISSO/ MAS O MEU PAI CONVERSOU MUITAS VEZES/ ENTÃO NESSE ASPECTO EU ACHO QUE O MEU PAI ME TROUXE ESSA HERANÇA DO RESPEITO PELO LEGADO QUE A HILDA ME DEIXOU// TRABALHO NO INSTITUTO DE CERTO MODO DESDE QUE EU NASCI/ FORMALMENTE</p>
---	--

<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:18:50:00-0:18:57:00)</p>	<p>DESDE 2009/ O INSTITUTO ELE TRABALHA DUAS ÁREAS</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:18:57:00-00:19:01:00)</p>	<p>DIFERENTES QUE LÓGICO DIALOGAM MAS TEM LÓGICAS DINÂMICAS MUITO DIFERENTES/</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:19:01:00-00:19:10:00)</p>	<p>QUE UMA É A GESTÃO DO LEGADO ENQUANTO OBRA/ SÃO OS DIREITOS AUTORAIS E A VIDA</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:19:11:00-00:19:30:00)</p>	<p>EDITORIAL E TAL/ E AÍ A GENTE TEM OITO LIVROS JÁ PENSADOS PROS PRÓXIMOS DOIS ANOS/ E O OUTRO</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:09:12:00-00:09:16:00)</p>	<p>UNIVERSO É O UNIVERSO AO REDOR DA CASA DO SOL/ DO QUE</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:19:16:00-00:19:19:00)</p>	<p>SIGNIFICA A CASA ENQUANTO LEGADO/ O QUE É A CASA NOS PRÓXIMOS CINQUENTA ANOS/ E OS</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:19:19:00-00:19:25:00)</p>	<p>PRÓXIMOS CEM ANOS// ACHO QUE A GENTE ESTÁ VIVENDO ESSE</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:19:25:00-00:19:32:00)</p>	<p>MOMENTOS/ A GENTE ESTÁ NUM MOMENTO QUE O FINANCIAMENTO À CULTURA NO BRASIL ESTÁ</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:19:32:00-00:19:44:00)</p>	<p>COMPLETAMENTE MORTO/ ENTÃO EU ACHO QUE ESSES ESPAÇOS QUE O FINANCIAMENTO NÃO</p>
	<p>EXISTE/ EU ACHO QUE É UM ESPAÇO QUE POR OUTRO LADO VOCÊ PODE CONSTRUIR UMA MASSA CRÍTICA AO REDOR DAQUILO QUE VOCÊ QUER FAZER/ E O QUE A GENTE QUER FAZER AGORA É ABRIR VÁRIOS ESPAÇOS</p>

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:19:44:00-00:00:19:52:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:19:52:00-00:19:58:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO LATERAL (00:19:58:00-00:20:05:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:20:05:00-00:20:15:00)</p> <p>ARTE CAPÍTULO 04 INSERT 04 (00:20:26:00-00:20:42:00)</p> <p>GC ARTE LAURA</p>	<p>DE DISCUSSÃO E QUE SE PENSE O QUE É A CASA DO SOL NOS PRÓXIMOS CINQUENTA/ CEM ANOS/ O QUE ISSO SIGNIFICA?/ SIGNIFICA A CASA DO SOL NO TEMPO/ ENTÃO ACHO QUE ESSE É O GRANDE ASSUNTO QUE VAI NORTEAR A GENTE/ FORA ISSO TEM UM TRABALHO EM CIMA DOS DESENHOS DA HILDA/ TEM A SISTEMATIZAÇÃO DO ACERVO/ TEM MUITA COISA PRA CAMINHAR POR AÍ/ SÓ DE MARGINÁLIAS DA HILDA TEM UMAS TREZENTAS MIL PRA SER DIGITALIZADAS//</p> <p>-Audio off:</p> <p>PARA ONDE VÃO OS TRENS MEU PAI/ PARA MAHAL/ TAMÍ/ PARA CAMIRI/ ESPAÇOS NO MAPA/ E DEPOIS O PAI RIA/ TAMBÉM PARA LUGAR ALGUM MEU FILHO/ TU PODES IR E AINDA QUE SE MOVA O TREM/ TU NÃO TE MOVES DE TI</p> <p>LAURA:</p> <p>EU ACHO QUE O CONTATO COM A HILDA E COM A OBRA DA HILDA/ O QUE ELA ME ENSINOU NESSE CONTATO FOI A QUESTIONAR// A OBRA DA HILDA É UMA OBRA QUE</p>
---	---

<p>IMAGEM CAM 01 LAURA PRIMEIRO PLANO (00:20:42:00-00:20:47:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:20:47:00-00:20:53:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:20:53:00-00:20:57:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:20:57:00-00:21:00:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:21:00:00-00:21:08:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:21:08:00-00:21:20:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:21:20:00-00:21:41:00)</p>	<p>ÀS VEZES É FRUSTRANTE/ PORQUE VOCÊ NÃO ENTENDE TUDO QUE ESTÁ LÁ E NO FUNDO/NO FUNDO TALVEZ O MAIS IMPORTANTE NÃO SEJA VOCÊ ENTENDER COMO A GENTE COSTUMA DELIMITAR PELO MENOS/ MAS VOCÊ ENTENDER QUE ELA ESTÁ LÁ PRA TE FAZER PENSAR/ PRA TE FAZER QUESTIONAR SE VOCÊ CHEGOU NO FUNDO E NA VERDADE/ PORQUE A GENTE NUNCA VAI SABER/ PORQUE É UMA OBRA DIFÍCIL/ MAS ELA ENSINA A QUESTIONAR/ QUESTIONAR SEMPRE E QUESTIONAR A VIDA/ QUESTIONAR SE TEM ALGO MAIS DO QUE ISSO/ E QUESTIONAR SUAS RELAÇÕES/ E É BONITO ISSO PORQUE A HILDA NÃO TEM INTERESSE EM DAR CERTEZAS PRA NINGUÉM E A VIDA TAMBÉM NÃO TEM INTERESSE EM DAR CERTEZAS PRA NINGUÉM//</p> <p>LUISA: ELA SE DEU UMA TAREFA DE FAZER UMA LITERATURA IMPORTANTE NUM MOMENTO EM QUE ERA DIFÍCIL PRAS MULHERES COLOCAREM ISSO/ E ELA SEGUIU ISSO COM UM AFINCO BEM</p>
---	---

<p>IMAGEM CAM 01 LUISA PRIMEIRO PLANO (00:21:41:00-00:21:48:00)</p>	<p>IMPRESSONANTE/ O MODO COMO ELA SE DEDICOU E PROCUROU ISSO/ ACIMA DE TUDO E DE TODOS SEMPRE O QUE ELA FEZ FOI PRODUZIR A LITERATURA DELA E DE CERTA FORMA LUTAR PARA QUE ELA FOSSE LIDA/ E EU ACHO QUE ESSE É UM JEITO MUITO BONITO DE SE COLOCAR NA VIDA/ QUE É DANDO IMPORTÂNCIA PRO QUE É IMPORTANTE PRA VOCÊ//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO ¾ (00:21:48:00-00:21:54:00)</p>	<p>BRUNA:</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:21:54:00-00:22:04:00)</p>	<p>ACHO QUE EU ME IDENTIFICO MUITO COM ELA/ EM VÁRIOS ASPECTOS/ POR EU TAMBÉM NÃO ME RECUSAR A ME SUBORDINAR/ EU NÃO QUERO SEGUIR AS CONVENÇÕES/MAS AO MESMO TEMPO EU ACHO QUE ELA ME INSPIRA MUITO/ A NÃO ACEITAR QUALQUER COISA/ A NÃO ME CONFORMAR COM POUCO/ ACHO QUE É ISSO/ ELA NOS ENSINA A NÃO SE CONFORMAR COM POUCO//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:22:04:00-00:22:10:00)</p>	<p>JURANDY:</p>
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:22:10:00- 22:19:00)</p>	<p>PRIMEIRO A IMPORTÂNCIA DOS AMIGOS/ DA FAMÍLIA ELETIVA/ PRA MIM EU TENHO UMA RELAÇÃO MUITO MAIS FORTE COM MEUS</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:22:19:00-00:22:28:00)</p>	
<p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:22:28:00-00:22:34:00)</p>	

<p> IMAGEM CAM 01 JURANDY PRIMEIRO PLANO (00:22:34:00-00:22:38:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:22:38:00-00:22:52:00) </p> <p> IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:22:52:00-00:23:08:00) </p> <p> IMAGEM CAM 02 PRIMEIRISSIMO PLANO LATERAL (00:23:08:00-00:23:23:00) </p> <p> IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:23:19:00-23:24:31) </p>	<p> AMIGOS QUE EU CONHECI POR INTERMÉDIO DA HILDA/ ATÉ HOJE ELA ESTABELECE NÃO É SÓ CONEXÃO/ É CONTATO MESMO/ ATÉ HOJE/ ENTÃO A FAMÍLIA ELETIVA É AQUELE QUE SE ESCOLHE EM VIDA// A SEGUNDA COISA É VALORIZAR O TEMPO/ A QUALIDADE DO TEMPO/ A HILDA DIZIA QUE O TEMPO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO E NA CASA TEM UM RELÓGIO PARADO QUE TEM ESCRITO “É MAIS TARDE DO QUE TU SUPÕES”/ ENTÃO A QUESTÃO DO TEMPO/ DE COMO EU/ TER QUALIDADE DO MEU TEMPO TAMBÉM É UMA COISA FUNDAMENTAL/ E A DISCIPLINA E A DEVOÇÃO À LITERATURA/ ELA TINHA UMA DEVOÇÃO/ UMA DISCIPLINA FERRENHA/ ELA ENCARAVA O OFÍCIO DE ESCRITOR COMO O OFÍCIO DE TRABALHO/ SÉRIO/ ENTÃO A PAIXÃO/ A DISCIPLINA/ A DEVOÇÃO À LITERATURA/ A IMPORTÂNCIA QUE O TEMPO TEM QUE TER NA VIDA/ E A IMPORTÂNCIA DAS FAMÍLIAS ELETIVAS QUE NÓS CONSTRUÍMOS NO DECORRER DA NOSSA VIDA SÃO TRÊS COISAS QUE ME </p>
---	--

<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:23:57:00-00:24:29:21)</p> <p>IMAGEM CAM 01 DANIEL PRIMEIRO PLANO (00:23:46:00-00:24:02:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 INSERT MÃO (00:24:02:00-00:24:04:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:24:04:00-00:24:18:00)</p> <p>ARTE CAPÍTULO 05 INSERT 05 (00:24:28:00-00:24:33:00)</p>	<p>DEIXARAM E PERMANECEM COMIGO ATÉ HOJE//</p> <p>DANIEL: DA HILDA/ EU LEMBRO MUITO DO HUMOR EU ACHO QUE O HUMOR DELA E DA CASA DO SOL É UMA COISA QUE FICOU MUITO/ NÃO SÓ O MEU HUMOR/ MAS ACHO QUE O HUMOR DE TODO ESSE POVO QUE FREQUENTOU A CASA DO SOL E TAL/ MINHA MÃE/ MEU PAI QUANDO ESTAVA VIVO// ACHO QUE EXISTE UM HUMOR AÍ QUE O PESSOAL TEM/ QUE A HILDA TINHA TAMBÉM/ QUE EU NÃO SEI QUEM COMEÇOU/ QUEM INFLUENCIOU QUEM/ NÃO SEI DA ONDE VEM/ QUANDO EU CHEGUEI ELE JÁ EXISTIA/ MAS ACHO QUE O HUMOR ELE FAZ PARTE DESSA HERANÇA TALVEZ//</p> <p>-Áudio off: MAS O QUE FOI A VIDA/ UMA AVENTURA OBSCENA DE TÃO LÚCIDA</p> <p>BRUNA: A HILDA ELA ERA UMA AUTORA QUE QUERIA MUITO SER LIDA/ ELA CITAVA UM OUTRO AUTOR QUE</p>
--	--

<p>GC ARTE BRUNA KALIL</p> <p>IMAGEM CAM 01 BRUNA PRIMEIRO PLANO (00:24:33:00-00:24:56:00)</p>	<p>ERA: “<i>READ ME, DO NOT LET ME DIE</i>, ME LEIA, NÃO ME DEIXE MORRER”/ ISSO PRA MIM SIMBOLIZA MUITO A POSTURA DELA COMO AUTORA E COMO PESSOA PORQUE TUDO QUE ELA QUERIA NA VIDA ERA SER LIDA/ ERA SER COMPREENDIDA E ERA ESSA COISA DE CHEGAR AO OUTRO//</p>
<p>GC ARTE LEUSA</p> <p>IMAGEM CAM 01 LEUSA PRIMEIRO PLANO (00:24:56:00-00:25:00:00)</p> <p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:25:00:00-00:25:03:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:25:04:00-00:25:15:00)</p>	<p>LEUSA:</p> <p>ELA NÃO TEVE O RECONHECIMENTO DESEJADO/ ELA NAO FOI CERCADA DE PESSOAS QUE DISSESSEM/ QUE DEVOLVESSEM ESSE MERECIDO LUGAR NO BRASIL COMO MAIOR ESCRITORA VIVA/ QUE ELA FOI DURANTE O TEMPO EM QUE ELA ESTAVA VIVA/ PROVA SIM DE UMA RESISTÊNCIA QUE POUCOS ESCRITORES FIZERAM//</p>
<p>IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:25:15:00-25:17:00)</p> <p>IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:25:17:00-00:25:22:00)</p>	<p>ARETHUZA:</p> <p>ELA QUERIA SER LIDA/ ELA QUERIA MUITO SER LIDA/ E ELA TÁ CERTA/ ACHO QUE É O QUE EU CONSIGO ENXERGAR DE MAIS ATUAL/ ELA ESTÁ SENDO LIDA/ DAQUI PRA FRENTE A GENTE VAI VER O QUE VAI ACONTECER//</p>

<p>GC ARTE ARETHUZA IMAGEM CAM 02 ARETHUZA PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:25:22:00-00:25:26:00) IMAGEM CAM 01 PRIMEIRO PLANO (00:25:26:00-00:25:38:00) IMAGEM CAM 02 PRIMEIRÍSSIMO PLANO (00:25:28:00-00:25:40:00)</p> <p>INSERT IMAGENS DA INTERNET (DUR. 2:26”)</p>	<p>-Imagens da internet: HILDA O QUE É ESCREVER PRA VOCÊ?// NÃO TENHO A MENOR IDEIA/ É MUITO DIFÍCIL/ ÀS VEZES É INSPIRAÇÃO SÚBITA QUE TE DÁ/ MAS TAMBÉM É MUITO DIFÍCIL A GENTE CHEGA A FICAR COM FEBRE/ COM FEBRE MESMO/ EU TINHA MUITA INSPIRAÇÃO/ NINGUÉM ACREDITA/ TEM O JOÃO CABRAL DE MELO NETO/ DISSE QUE NÃO ACREDITAVA NA INSPIRAÇÃO/ ELE É UMA VEIA INSANA PORQUE TODO MUNDO QUE ESCREVE/ PRINCIPALMENTE A POESIA/ OS TEXTOS POÉTICOS TODO MUNDO ACREDITA NA INSPIRAÇÃO/ FOI MEU PAI QUE ME INSPIROU/ TUDO ISSO QUE EU SOU POETA/ É ELE QUE ME DÁ AS INSPIRAÇÕES QUE EU TENHO// NOVALES DISSE: “QUANTO MAIS POÉTICO/ MAIS VERDADEIRO” TODOS OS MEUS TEXTOS SÃO POÉTICOS/ A FICÇÃO/ A DRAMATURGIA/ SÃO TODOS POÉTICOS// “AH SE EU SOUBESSE QUEM SOU/ SE OUTRO FOSSE O MEU ROSTO/ SE MINHA VIDA-MAGIA/ FOSSE A VIDA QUE SERIA/ VIDA MELHOR NOUTRO ROSTO// AH</p>
--	---

COMO EU QUERIA CANTAR/ DE
NOVO/ COMO SE NUNCA TIVESSE
DE PARAR/ COMO SE O SOPRO SÓ
SOUBESSE DE SI MESMO ATRAVÉS
DA TUA BOCA// COMO SE A VIDA SÓ
ENTENDESSE O VIVER MORANDO
NO TEU CORPO/ E A MORTE SÓ EM
MIM SE FIZESSE MORRER// COMO
SE A VIDA SÓ ENTENDESSE O
VIVER MORANDO NO TEU CORPO/ E
A MORTE SÓ EM MIM SE FIZESSE
MORRER//

GC ARTE TRECHOS DO
DOCUMENTÁRIO HILDA HUMANA
HILST

GC ARTE HILDA HILST 1930-2004

CRÉDITOS

UM DOCUMENTÁRIO DE:

ANA HELENA COLOGNI
GRAZIELA PALINI
JHESSICA MEIRA

DIREÇÃO GERAL

JHESSICA M. S. MEIRA

ROTEIRO

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI
JHESSICA M. S. MEIRA

PRODUÇÃO GERAL

GRAZIELA DA SILVA PALINI

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI

CINEGRAFISTA

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI
GRAZIELA DA SILVA PALINI

DIREÇÃO DE ARTE

JHESSICA M. S. MEIRA

**VINHETAGEM, EDIÇÃO E
FINALIZAÇÃO**

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI

PESQUISA DE IMAGEM DE ARQUIVO

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI

LEGENDA

ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI
GRAZIELA DA SILVA PALINI

MOTORISTA

GRAZIELA DA SILVA PALINI

NARRAÇÃO

APARECIDA DE CACIA DE MORAIS
ANA HELENA DE MORAIS COLOGNI
ELAINE M. SAMASQUINI
GRAZIELA DA SILVA PALINI
JHESSICA M. S. MEIRA
MAIRA CRISTINA DA SILVA MEIRA
ZELIA DA SILVA LEITE MEIRA

FRASES E POEMA

HILDA HILST

ENTREVISTADOS

ARETHUZA IEMINI
BRUNA KALIL OTHERO
DANIEL FUENTES
JURANDY VALENÇA
LAURA FOLGUEIRA
LEUZA ARAUJO
LUIZA DESTRI

CRÉDITOS FOTOGRAFIAS

IMAGENS DA INTERNET

ENTREVISTA HILDA HILST

DOCUMENTÁRIO “HILDA HUMANA
HILST”, 2002

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

APARECIDA DE CASSIA MORAIS
COLOGNI
ADÃO PALINI
ELAINE M. SAMASQUINI
HELENA DA SILVA PALINI VIANA
LAURA FOLGUEIRA

MARIA AUXILIADORA MENDES DO
NASCIMENTO
MARIA LAUDELINO AZEVEDO SILVA
MATHEUS BELLIO NASCIMENTO
NILSON ROBERTO COLOGNI
RAFAEL MATTOSO GALDINO
RICARDO BRAGA
ZELIA DA SILVA LEITE MEIRA
FLIP - FESTA LITERÁRIA
INTERNACIONAL DE PARATY
UNIFACCAMP - CENTRO
UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO
PAULISTA

AGRADECIMENTOS GERAIS

ARETHUZA IEMINI
BRUNA KALIL OTHERO
DANIEL FUENTES
JURANDY VALENÇA
LEUZA ARAUJO
LUISA DESTRI

ORIENTADOR ESPECÍFICO

PROFESSOR ESPECIALISTA RAFAEL
MATTOSO GALDINO

ORIENTADORA METODOLÓGICA

PROFESSORA ESPECIALISTA MARIA
AUXILIADORA MENDES DO
NASCIMENTO

REALIZAÇÃO

UNIFACCAMP - CENTRO
UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO
PAULISTA
2018

--	--

Fotografia:	ANA COLOGNI , 8° Semestre
Câmera e Áudio:	ANA COLOGNI e GRAZIELA PALINI, 8° Semestre
Direção:	JHESSICA MEIRA, 7° Semestre
Roteiro:	ANA COLOGNI e JHESSICA MEIRA, 7° Semestre
Produção:	GRAZIELA PALINI, 8° Semestre
Edição:	ANA COLOGNI, 8° Semestre
Coordenação:	RAFAEL MATTOSO GALDINO

11. AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Arethuzza Iemini de Pádua

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Paraty, 27 de Julho de 2018

[Assinatura]
Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: ARETHUZA IEMINI DE PADUA

RG.: MG10581277 CPF: 288912168-28

Telefone p/contato: (31) 99901 2207

Bruna Kalil Othero Fernandes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Party, 27 de junho de 2018

Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: Bruna Kalil Othero Fernandes

RG.: M617404093 CPF: 125657116-46

Telefone p/contato: (31)98893-0650

Daniel Fuentes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

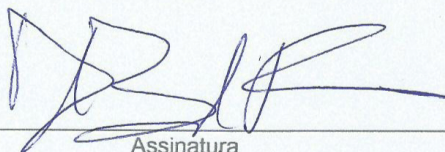
As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Panaty, 28 de julho de 2018



Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: Daniel Fuentes

RG.: 34915617-7 CPF: 32932829885

Telefone p/contato: 11 97302-0765

Jurandy Valença

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

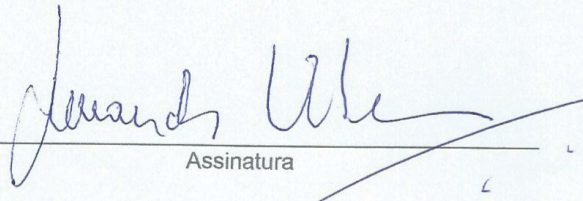
As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

PARISTE _____, 28 de junho de 2018


Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: JURANDY VALENÇA
RG.: 32020169-6 CPF: 662.182.765-59
Telefone p/contato: 11 97268-0285

Laura Folgueira

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Paraty, 27 de julho de 2018

Laura Folgueira
Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: Laura Somtos Folgueira

RG.: 32.315.321-5 CPF: 327.656.828-44

Telefone p/contato: 11-98196-7877

Leusa Araújo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

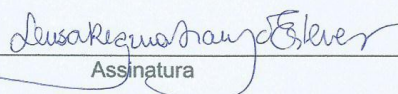
As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para ^{apresentação do TCC} ~~os mesmos fins~~, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Paulo _____, 03 de setembro de 2018


Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone p/contato: _____

Luisa Destri

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e redes sociais, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Paraty, 21 de julho de 2018

Luisa de Aguiar Destri
Assinatura

Projeto: "O feminismo na obra de Hilda Hilst"

Nome: Luisa de Aguiar Destri

RG.: 34.943.438-4 CPF: 338.939.088-00

Telefone p/contato: (11) 90111-4011

12. AUTORIZAÇÃO DE LOCAÇÃO

Escritório Leusa Araújo

AUTORIZAÇÃO DE LOCAÇÃO

Eu, Leusa Regua Araujo Esteves,
RG 9980008-7, CPF 075.350.348-45, residente no
endereço R APINA SCS, 930 APTD 122,
nº 930, na cidade SP, autorizo o
espaço _____ (residência)
localizado _____, nº _____, na cidade
_____, para ser utilizado como locação nas
gravações do documentário "**O feminismo na obra de Hilda Hilst**", produzida
pelos estudantes Jhessica Mitilla – RG: 43.875.644-7, Ana Helena Cologni –
RG: 44.313.727-4 e Graziela Palini – RG: 45.761.616-7 de Comunicação Social -
Rádio e TV, da FACCAMP (Faculdade Campo Limpo Paulista).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, a gravação em vídeo e a
cessão de direitos da veiculação das imagens e som do espaço cedido, em ^{só}
qualquer meio de comunicação impresso e eletrônico, não recebendo para tanto
qualquer tipo de remuneração. para a apresentação do TCC

Paulo, 03 de setembro de 2018

Leusa Regua Araujo Esteves
(assinatura)

Referências Bibliográficas

Livros

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. **Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o carmelô bufólico de Hilda Hilst**. Annablume, 2002.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&pm, 1987. Disponível em: <<https://salsichaotainha.files.wordpress.com/2011/05/georges-bataille-o-erotismo.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a metamorfose de nossa época**. 2004. 8 f. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1037/1113>>. Acesso em: 06 out. 2018.

DINIZ, Cristiano (Org.). **Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2013.

FOLGUEIRA, Laura; DESTRI, Luisa. **Eu e não outra, a vida intensa de Hilda Hilst**. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Recife, 1832.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção Hi). Disponível em: <<https://democraciadireitoogenero.files.wordpress.com/2016/07/pinto-cc3a9li-regina-jardim-uma-histc3b>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

REGUERA, Nilze Maria de Azeredo; BUSATO, Susanna (Org.). **Em torno de Hilda Hilst**. São Paulo: Unesp Digital, 2013. (Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da UNESP). Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wbzch/pdf/reguera-9788568334690.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

SOARES, Orlando. **A evolução do status jurídico social da mulher**. Rio de Janeiro: Rio, 1978.

Artigos

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**.

Fortaleza, 2013. Disponível em:

<http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

BARROS, Luisa da Rocha; BORGES, Julia. **Temas e figuras em Bufólicas**.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49158/53242>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CABALLERO, Cecília. **A Gênese da exclusão: o lugar da mulher na Grécia antiga**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15515/14071>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. 2009.

18 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Livre de Berlin, Berlin, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a10v30n2.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CAPPELLARI, Jaqueline Alice. **A identidade feminina na poesia de Adélia Prado.**

Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280152953_ARQUIVO_JaquelineAliceCappellari.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

CUNHA, Rubens da. **Hilda Hilst e a experiência romântica do afastamento.**

Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol27/TR27f.pdf>.

Acesso em: 06 out. 2018.

DESTRI, Luisa. **Lúcida ou lúdica ladina? A mulher na obra de Hilda Hilst.** 2014.

12 f. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/L%C3%BAcida-ou-l%C3%BAdica-ladina%EF%80%A5.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

DUARTE, Edson Costa. **Hilda Hilst: A Poética da agonia e do gozo.** 19 f.

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/hilda_hilst_poetica_da_agonia.pdf>.

Acesso em: 06 out. 2018.

DUARTE, Edson Costa. **A recepção crítica da literatura de Hilda Hilst.** 10 f.

Disponível em:

<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10473/8017>>.

Acesso em: 06 out. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext>.
>. Acesso em: 10 out. 18.

GUMIERO, Vania Pereira. **“Todos se engolem”:** representações antropofágicas em **Cartas de um sedutor, de Hilda Hilst.** Disponível em:

<www.conferencias.fflch.usp.br/SPPGLB/IIISPPGLB/paper/download/1745/314>.

Acesso em: 06 out. 18.

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento iluminista a respeito dos direitos das mulheres**. 2010. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/viewFile/20742/20618.%20Acesso%20em%2010.07.2016>>. Acesso em: 06 out. 2018.

MORAIS, João Batista Martins de. **Transtextualidade e erotismo na trilogia de Hilda Hilst**. Disponível em:

<<https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Transtextualidade-e-Erotismo-na-Trilogia-de-HH.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

OLIVEIRA FILHO, Mário Silva; NEVES, Nadja Gleide Sá das; OLIVEIRA FILHO, Renilto Carvalho de. **Mulher na antiguidade clássica: sua importância nas esferas jurídico-social das cidades-estados de Atenas e Esparta**. Disponível em: <http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2013/05/4-Artigo_IENPC_OLIVEIRAFILHO.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

RIBEIRO, Tamires Almeida; FRANÇA, Fabiane Freire. **Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação**. Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6_Tamires%20Almeida%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A Importância da mulher**. 28 f. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

ROMANELLI, Marina. A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea. 2014. 51 f. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/639/3/MRomanelli.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SÁ, Sérgio de. **O pornográfico impossível: dito e interdito em Hilda Hilst.**

Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/2847/1661>>.

Acesso em: 06 out. 2018.

SANTANNA, Adriene. **A luta pelo direito à educação feminina e a inserção da mulher no magistério.** 2000. Disponível em:

<<http://www2.faac.unesp.br/direitos-humanos/encontro/TRABALHOS/Trabalhos%20Completos%20Rodrigo/PDF/s02.pdf>>. Acesso em: 10 out. 18.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970:**

revisitando uma anos 1970: revisitando uma trajetória trajetória. 2004. 16 f.

Universidade Federal de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SCAVONE, Lucila. **Estudos de gênero: uma Estudos de gênero: uma sociologia feminista?**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a18v16n1>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SOUTO-MAIOR, Valeria Andrade. **O Florete e a Máscara. Josephina Alvares de Azevedo, dramaturga do século XIX.** Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/76228/102461.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2018.

WANDERLEY, Milena Karine de Souza; GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene.

Descantares: o itinerário da ausência em "cinco elegias" de Hilda Hilst.

Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491258858.pdf>.

Acesso em: 06 out. 2018.

WANDERLEY, Milena K.s.; GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. **Arquitetura**

dialógica: uma análise do livro Estar sendo. Ter sido., de Hilda Hilst. Disponível

em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/479/375>>. Acesso em: 06 out. 2018.

Links

Bedecilda, mãe de Hilda. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/hilda-hilst/e-o-que-foi-a-vida/?content_link=2>. Acesso em: 10 out. 2018.

Bertha Lutz. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/bertha-lutz>>. Acesso em: 10 out. 2018.

‘Cartas de um sedutor’, de Hilda Hilst, usa o obsceno para falar de literatura.

Disponível em

<<http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/cartas-de-um-sedutor-hilda-hilst-resenha/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Centro de Documentação Cultural. Disponível em

<http://www3.iel.unicamp.br/cedae/formacao_acervo.php>. Acesso em: 10 out. 2018.

Com cartas inéditas, livro retrata amizade de Caio F. e Hilda Hilst. Disponível em

<<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/com-cartas-ineditas-livro-retrata-amizade-de-caio-e-hilda-hilst-20649176>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Conheça as principais lutas e conquistas das mulheres. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/conheca-as-principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 06 out. 2018.

Cronologia do direito feminino. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_do_direito_feminino> . Acesso em: 06 out. 2018.

Entre o carneiro e o touro, a amizade: Lygia Fagundes Telles e Hilda Hilst.

Disponível em

<<https://trajeslunares.com/2014/04/19/entre-o-carneiro-e-o-touro-a-amizade-lygia-fagundes-telles-e-hilda-hilst/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Era Hilda Hilst feminista?. Disponível em

<<https://blogdoims.com.br/era-hilda-hilst-feminista-carla-rodrigues/>>. Acesso em: 10 out.2018.

As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. Disponível em

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>>. Acesso em: 10 out. 2018.

O feminismo de Hilda Hilst. Disponível em

<<http://livroecafe.com/2016/05/03/o-feminismo-de-hilda-hilst/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Feminismo no Brasil. Disponível em

<<https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Filmes da saga Harry Potter ultrapassam a marca dos US\$ 7 bilhões. Disponível em

<<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/filmes-da-saga-harry-potter-ultrapassam-a-marca-dos-us-7-bilhoes/#imagem0>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Liberdade sexual no Feminismo: uma faca de dois gumes. Disponível em

<<https://superela.com/liberdade-sexual-no-feminismo>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Marcia Tiburi: 'Feminismo não deve ser simplesmente murro em ponta de faca'.

Disponível em

<https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/30/marcia-tiburi-o-feminismo-nao-deve-ser-simplesmente-um-murro-em-ponta-de-faca_a_23346932/>. Acesso em: 10 out. 2018.

Movimento das Sufragistas in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$movimento-das-sufragistas](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$movimento-das-sufragistas)>. Acesso em: 06 out. 2018.

Mulheres resistência e repressão. Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/mulheres/index.html#mulheres-resistencia-e-repressao>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Nísia Floresta, a primeira feminista brasileira. Disponível em <<https://blogueirasfeministas.com/2014/08/06/nisia-floresta-a-primeira-feminista-brasileira/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Nísia Floresta: a primeira educadora feminista do Brasil. Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

O que é Literatura? Disponível em <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/o-que-literatura.htm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

O que é uma narrativa transmídia e suas diversas aplicações. Disponível em <<https://cubos.io/blog/transmidia/>>. Acesso em 05 nov. 2018.

Quem foi Maria Lacerda de Moura, feminista e anarquista crítica dos movimentos m que militou. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/maria-lacerda-de-moura-feminista-e-anarquista-critica-dos-movimentos-em-que-militou/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Receitas antitédio hilstianas. Disponível em <<https://www.hildahilst.com.br/blog/receitas-antitedio-hilstianas>> . Acesso em: 10 out. 2018.

O roteiro do silêncio de Hilda Hilst. Disponível em

<<https://liberoamerica.com/2017/10/09/o-roteiro-do-silencio-de-hilda-hilst/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

As sufragistas e a primeira onda do feminismo. Disponível em

<<https://movimentorevista.com.br/2018/02/3801/>>. Acesso em: 06 out. 2018.

Simone Beauvoir. Disponível em

<<https://educacao.uol.com.br/biografias/simone-de-beauvoir.jhtm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Sobre a Obscena Senhora D. Disponível em

<<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticacfa.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Timeline acervo. Disponível em

<http://www3.iel.unicamp.br/cedae/timeline_acervo.php>. Acesso em: 10 out. 2018.

Veja a bibliografia de Hilda Hilst. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u41163.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Hilda Hilst: a gestão de um legado Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/hilda-hilst-gestao-de-um-legado/>. Acesso em: 10 de out. 2018.